

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MEMÓRIAS DA PAISAGEM E DO LUGAR:
O caso do bairro São Geraldo, Porto Alegre – RS**

RAFAEL AUGUSTO BRAGA

PORTO ALEGRE

2021

RAFAEL AUGUSTO BRAGA

MEMÓRIAS DA PAISAGEM E DO LUGAR:

O caso do bairro São Geraldo, Porto Alegre - RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Doutor Álvaro Luiz Heidrich
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2021

RAFAEL AUGUSTO BRAGA

MEMÓRIAS DA PAISAGEM E DO LUGAR:

O caso do bairro São Geraldo, Porto Alegre - RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 14 jun. 2021.

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich – Orientador

Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa (UFSM)

Profa. Dra. Michele Lindner (POSGEA/UFRGS)

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares (POSGEA/UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Braga, Rafael Augusto
MEMÓRIAS DA PAISAGEM E DO LUGAR: O caso do bairro
São Geraldo, Porto Alegre - RS / Rafael Augusto
Braga. -- 2021.
111 f.
Orientador: Álvaro Luiz Heidrich.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2021.

1. Percepção. 2. Paisagem. 3. Memória. 4. Lugar. 5.
Transformação. I. Heidrich, Álvaro Luiz, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação leva o meu nome como autor, mas existem muitos outros que eu quero agradecer nestas breves linhas. Obrigado por essa força misteriosa e maravilhosa que impulsiona a vida, por esse momento mágico entre as batidas do coração.

Minha família, base para eu poder seguir em frente. Mãe, Dona Lurdes, a facilitadora da minha vida, meu eterno obrigado por me ajudar a chegar até aqui e pra poder pensar em seguir adiante. E os manos, Karen, a minha irmã, amiga, “parceira pra toda obra” e o Marco Aurelio, meu irmão que me deu os meus sobrinhos Isadora e Murilo que me fazem pensar em num mundo melhor e onde a Geografia entra nisso tudo. Meu querido pai Aurélio, obrigado pelos bons exemplos que tu me deixaste, sinto muito tua falta. O Thales, claro, o meu companheiro que viveu todos os momentos desse trabalho, segurou a minha mão quando precisei, me incentivando sempre desde o início. Nem consigo imaginar fazer essas coisas todas sem ter vocês por perto. Aos outros familiares, obrigado pelo apoio de vocês, mesmo sem saber e mesmo de longe, foram importantes de alguma forma para dar este passo.

À Geografia, à UFRGS e ao Programa de Pós-graduação em Geografia desta universidade que revelou a possibilidade de outros olhares para o mundo que me cerca, das minhas afirmações e inquietações e ao meu orientador, professor Álvaro Heidrich, pela clareza ao me apontar caminhos e descobrir novos entendimentos. Obrigado pelas nossas conversas e por me lembrar de respirar e de tomar água. Tu me inspiras!

Assim também aos professores Paulo Soares, Rosa Medeiros, Tânia Stroehacker, Michele Lindner, Amélia Nogueira, Cláudia Pires que fizeram parte desta jornada do mestrado. E os amigos que me acompanharam desde a graduação e estarão presentes por muito mais tempo, esses geógrafos lindos que estiveram ali entre os livros, as fotocópias e os textos da internet, que sempre davam um jeito de perguntar sobre como andava a escrita e me incentivaram até o final para que esta pesquisa se desenvolvesse: Jerusa, Renan, Marina e Helena, valeu colegas!

As gurias lá de Passo Fundo Ceia, Flávia e Tanara nossos encontros pela web salvaram nesse isolamento social. Sem contar nos outros que sempre estavam por perto, os daqui de Porto Alegre principalmente porque antes o distanciamento social por conta da covid-19, eu já tinha caído no profundo poço da pesquisa acadêmica: a Megafauna além do Will, Thais, Tais, do Tiago e da Fran (que também estava passando pelo mesmo momento “dissertativo”).

Obrigado a todos os pesquisadores, de todas as ciências, de todas as áreas do conhecimento, que permeiem ou não a esta monografia. Juntos somos mais fortes e melhores e podemos construir uma sociedade melhor para todos.

*A cidade é uma estranha senhora
Que hoje sorri e amanhã te devora
- e atenção que o Jumento é sabido,
É melhor ficar bem prevenido...*

(trecho da música A Cidade Ideal, do musical
Os Saltimbancos 1977, de Chico Buarque).

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender como os impactos das transformações da paisagem alteram a percepção dos sujeitos dos lugares no bairro São Geraldo – pertencente à antiga zona industrial da cidade de Porto Alegre, que desperta interesse dos agentes produtores do espaço urbano, através de programas e projetos que visam o adensamento populacional. Com tendências a figurar a gentrificação de áreas degradadas, à realocação dos loteamentos e das áreas ocupadas, mas também de alterações no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado e Ambiental, traz grandes tensionamentos entre as forças operantes e as novas formas espaciais que vêm surgindo através de incentivos privados. Partimos de uma tríade de conceitos: memória, paisagem e lugar, onde adotamos procedimentos metodológicos, para verificar estes impactos: revisão geográfica e histórica acerca da formação do bairro, análise de notícias, verificação da participação popular através do Orçamento Participativo, entrevistas e análise de imagens que demonstrem a transformação da paisagem do bairro.

Palavras-chave: Percepção. Paisagem. Memória. Lugar. Transformação.

ABSTRACT

This research sought to understand how the impacts of landscape changes alter the perception of the subjects of the places in the São Geraldo neighborhood - belonging to the old industrial area of the city of Porto Alegre, which arouses the interest of urban space producing agents, through programs and projects that aimed at population densification. With tendencies to include the gentrification of degraded areas, the reallocation of subdivisions and occupied areas, but also changes in the Master Plan for Integrated and Environmental Development of Porto Alegre for the region, this brings great tensions between the operating windows and the new forms that arise through private incentives. We started from a triad of concepts: memory, landscape and place. Methodological procedures, in order to verify these impacts, we use: the historical review about the formation of the neighborhood, analysis of news, verification of popular participation through the Participatory Budget and identification with subjects and regulars and analysis of images that demonstrate the transformation of the landscape of the district.

Keyword: Perception. Landscape. Memory. Place. Transformation.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01: Representação do Bairro São Geraldo..... | 16 |
| Figura 02: Localização da área de estudo..... | 19 |
| Figura 03: Tríade conceitual..... | 24 |
| Figura 04: Memória x história..... | 25 |
| Figura 05: A composição da paisagem natural..... | 27 |
| Figura 06: A composição da paisagem cultural..... | 28 |
| Figura 07: Mapa de Porto Alegre (1916)..... | 58 |
| Figura 08: Perfil do bairro São Geraldo..... | 59 |
| Figura 09: Aterro realizado para instalações portuárias, década de 1950..... | 61 |
| Figura 10: Placa indicativa dos limites do bairro São Geraldo..... | 63 |
| Figura 11: Avenida Farrapos e o corredor central de ônibus..... | 64 |
| Figura 12: Mapa das barreiras artificiais..... | 65 |
| Figura 13: O anjo da história..... | 70 |
| Figura 14: Regiões do Orçamento Participativo de Porto Alegre..... | 80 |
| Figura 15: Distribuição das demandas do Orçamento Participativo no Bairro..... | 82 |
| Figura 15: Mosaico 01: Marcas dos imigrantes..... | 84 |
| Figura 16: Mosaico 02: Espaços Opacos e Espaços Luminosos..... | 85 |
| Figura 17: Mosaico 03: Rugosidades e fabricação de lugares de memória..... | 86 |
| Figura 18: Mosaico 04: Usos e apropriações do bairro..... | 86 |
| Figura 19: Mosaico 05: Novas marcas, novas matrizes..... | 87 |
| Figura 20: Mosaico 06: Hospital Santo Antônio: 2018 – 2020..... | 88 |
| Figura 21: Mosaico 07: Elementos da transformação da paisagem..... | 89 |
| Figura 22: Mosaico 08: Memórias perdidas, ou memórias por vontade..... | 90 |
| Figura 23: Mosaico 09: Barreira do Trensurb na Estação São Pedro..... | 91 |
| Figura 24: Mosaico 10: A (des) paisagem: um lugar transformado..... | 92 |
| Figura 25: Avenida com galpões e depósitos, sem residências..... | 99 |

LISTA DE ABREVIACOES E DE SIGLAS

PMPA - Prefeitura Municipal de Porto Alegre

GZH – Jornal Gaúcha Zero Hora

JCP – Jornal Correio do Povo

SMURB – Secretaria Municipal de Urbanismo

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PIEC – Programa Entrada da Cidade

Trensurb – Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre

PGM – Procuradoria Geral do Muncpio

ObservaPOA – Observatório da Cidade de Porto Alegre

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

OP – Orçamento Participatvo

DNOS – Departamento Nacional de Obras Sanitárias

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1. DA PAISAGEM AO LUGAR: AS MEMÓRIAS DO ESPAÇO..... | 22 |
| 1.1 MEMÓRIA..... | 24 |
| 1.2 PAISAGEM..... | 27 |
| 1.3 LUGAR..... | 31 |
| 1.4 ESPAÇO, ESPAÇOS..... | 34 |
| 2. METODOLOGIA: ENLACE DO EMPÍRICO E DO TEÓRICO..... | 41 |
| 3. COMO FAZER UM BAIRRO?..... | 44 |
| 4. TRAÇADO E MEMÓRIAS DO BAIRRO SÃO GERALDO..... | 49 |
| 4.1 OS PRIMEIROS NAVEGANTES (1680 - 1820)..... | 51 |
| 4.2 OUTROS NAVEGANTES: IMIGRAÇÕES (1820 – 1890)..... | 52 |
| 4.3 NAVEGANTES: BAIRRO-CIDADE (1890-1945)..... | 54 |
| 4.3.1 A Enchente de 1941..... | 60 |
| 4.4 BEM-VINDA MODERNIDADE, ATÉ LOGO! (1945-2000)..... | 61 |
| 5. TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS: o caso do bairro São Geraldo..... | 69 |
| 5.1 NOTÍCIAS: SÃO GERALDO OPACO E LUMINOSO..... | 70 |
| 5.2 ORÇAMENTO PARTICIPATIVO: PARA PARTICIPAR DA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM..... | 79 |
| 5.3 SÃO GERALDO EM MOSAICO..... | 85 |
| 5.4 FALAS SOBRE O BAIRRO..... | 91 |
| 5.4.1 A Família..... | 91 |
| 5.4.2 Prazer São Geraldo, Sou Seu Vizinho..... | 93 |
| 5.4.3 O Vizinho da Balada..... | 94 |
| 5.4.4 A Visita Diária, ou Conhecendo o Lugar..... | 95 |
| 5.5 EU QUIS UMA CASA NO CAMPO..... | 97 |
| 6. CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO..... | 100 |
| REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO E DE APOIO..... | 103 |

INTRODUÇÃO

Agora posso entender que esta pesquisa começou muito antes do momento em que meu nome constava entre os aprovados para este curso de pós-graduação. A história desta escolha está repleta de memórias pessoais e coletivas, de elementos que se preenchem com significados e questionamentos sobre a evolução deste lugar. Não se trataria de um objeto, mas do meio em que estava inserido (bem mais do que sabia).

Morei no interior do estado até os vinte e poucos anos e cursava outra graduação na área de gestão, e em uma das reviravoltas do destino em tempos de economia aquecida, vim para a capital em busca de melhores oportunidades de trabalho, mesmo sem concluir o curso. Mas desde criança ao visitar a família no bairro São Geraldo, me chamava a atenção os seus diferentes usos diurnos e as atividades ilícitas que aconteciam durante a noite, quando as fábricas e empresas fechavam as portas. Eu percebia o movimento das travestis e prostitutas desinibidas nas avenidas do bairro em busca de clientes e, conforme o tempo passava, ficava fascinado com o movimento frenético de carros, ônibus e de pessoas que embarcavam e desembarcavam na avenida Farrapos.

Ficava confuso, ao mesmo tempo, por não entender por que havia sido “erguida” uma avenida com uma linha de trem no meio que impedia de ver o rio ali pertinho (coisa que só descobri quando passei a tomar o Trensurb¹ ali em cima). E era ainda mais curioso decifrar as coisas estranhas que eu percebia: uma cidade que se chama Porto Alegre que escondia o seu porto da cidade.

No início dos anos 2000 quando cheguei de Passo Fundo, morava no bairro vizinho, Navegantes (e aí uma primeira confusão: alguns chamavam de São Geraldo, outros de Navegantes, outros diziam não se importar), mas já frequentava os estabelecimentos de comércio e utilizava os serviços do São Geraldo, ou seja, além de ter a família ali, também já estava familiarizado com o bairro. Passou a ser meu espaço vivido e percebido. Dava para acompanhar as novas articulações da cidade que desfizeram e transferiram centralidades e que com isso o bairro perdeu os moradores e frequentadores.

Em tempos de economia estabilizada muitos investimentos na área da construção civil foram atraídos e foram impulsionados por planos que visavam o desenvolvimento do país, como os do PAC, por exemplo. A Geografia, enquanto Ciência ainda nem tinha entrado na minha

¹ Trensurb (Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.) é uma empresa pública federal que opera uma linha de trens urbanos ligando o centro de Porto Alegre à cidade de Novo Hamburgo, ao norte.

vida, quando comecei a notar que, ao invés de serem demolidos, alguns edifícios, sobrados e casas preservavam e restauravam fachadas disponibilizando então outros tipos de serviços como estúdios fotográficos e serviços digitais.

Nos bairros ao redor eram construídos estádios, rodovias, pontes estaiadas ou não (como a BR-448 e a segunda travessia do Guaíba), ampliação da capacidade de voos no aeroporto injetaram um novo perfil de morador ao São Geraldo: migrantes, vindos de outras regiões do Brasil lotaram pensões, disponibilizaram força de trabalho não só para os canteiros de obra e passaram a frequentar os espaços comuns do bairro (acabando também com a dualidade vermelha e azul dos times de futebol da cidade). Quando os tempos de recessão chegaram, projetos que transformariam a cidade, como obras de mobilidade, moradias sociais, foram perdendo o ritmo (e se arrastam anos à fio) e se tornaram (ou foram inauguradas mesmo como) obras inacabadas.

Nos dois últimos anos da graduação em Geografia, entre 2016 e 2018, tive a oportunidade de estagiar no ObservaPOA, o Observatório da Cidade de Porto Alegre que na época estava vinculado à Secretaria de Informações Gerenciais onde aprendi muito sobre a análise intraurbana de dados e plataformas como o Atlas do Desenvolvimento Humano. Era um período de grandes transformações na administração pública da cidade e de notório enfraquecimento da participação popular através do Orçamento Participativo. Contudo, ao apropriar-me de ferramentas para análise intraurbana, passei a ver a cidade com outros olhos, me aproximando cada vez mais do fenômeno urbano e do desenvolvimento e da organização da cidade. Neste ponto das minhas memórias, me senti parte de uma história coletiva, onde uma grande inflexão acontecia, as antigas pensões começavam a se denominar “hostels”, os prédios decadentes começavam então a exibir um glamour forçado, com um apelo ao sentimento identidade industrial do bairro.

A seguir, uma representação a partir de uma imagem de satélite, onde está em destaque a área do bairro, com indicações de alguns lugares mencionados nestas páginas, para a contextualização e aproximação do leitor com a área de estudo:

Figura 1 – Representação do Bairro São Geraldo



Elaboração do autor (2020)

Porto Alegre é uma metrópole regional situada ao sul do Brasil, que tem população estimada em 1.488.252 habitantes² o que traz a diversas oportunidades de pesquisa no âmbito da geografia social. É reconhecida internacionalmente como uma das primeiras cidades que fizeram da democracia participativa, decisória em seu planejamento.

Os bairros que estão no eixo que segue do centro da cidade em direção seu Norte são nodais, ou seja, são como nós que conectam diversos pontos da cidade, da região metropolitana e do Rio Grande do Sul - entrelaçando a rede de importantes avenidas, rodovias, porto fluvial e o aeroporto internacional que está distante poucos quilômetros dali, como apresentamos na imagem anterior. Assim, se apresenta uma curiosa área de estudo nos bairros, Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá, uma vez que têm sido inseridos em projetos que vislumbram a modernização dos espaços públicos como as ruas, quadras também afetará o perfil destes bairros e bem como a participação dos agentes formadores do espaço urbano.

Esta porção da cidade, às margens do Delta do Rio Jacuí foi um dos primeiros aglomerados surgidos fora da península onde está localizado o Centro Histórico da cidade de Porto Alegre. O Arraial dos Navegantes, que ainda preserva a denominação em bairro homônimo, tem registros de sua ocupação a partir do século XIV, sendo marcada por diversos acontecimentos históricos: a instalação das primeiras indústrias, depósitos de companhias marítimas a partir do final do século XIX no curso do Caminho Novo atual (avenida Voluntários da Pátria).

A partir de 1895 foi loteada por ações da Cia. Territorial Porto-alegrense. A requalificação da avenida Farrapos, em 1940 recortou estes bairros e após a instalação do corredor de ônibus nos anos 1980 requalificou e transformou as dinâmicas entre os seus lados leste e oeste. Ainda antes, em 1941, um evento meteorológico atípico fez com que chuvas caíssem quase ininterruptamente entre os meses de abril e maio, acarretando a maior cheia do lago Guaíba. As águas atingem impressionantes 4,73 metros e inundam diversos bairros, localizados em cotas mais baixas em relação do nível do Guaíba, como a Cidade Baixa, Azenha, Menino Deus, Santana e Navegantes. Posteriormente, obras do DNOS (Departamento Nacional de Obras Sanitárias) garantiram que com a construção de um dique conteria as cheias, o que foi realizado entre os anos 1940-1950 e onde atualmente estão localizadas a Castelo Branco, a ponte da rodovia BR-290 e a Freeway.

Dado isto, um processo de “esvaziamento” se inicia, principalmente pela transferência dos depósitos, estabelecimentos comerciais e industriais para outros pontos da cidade em níveis

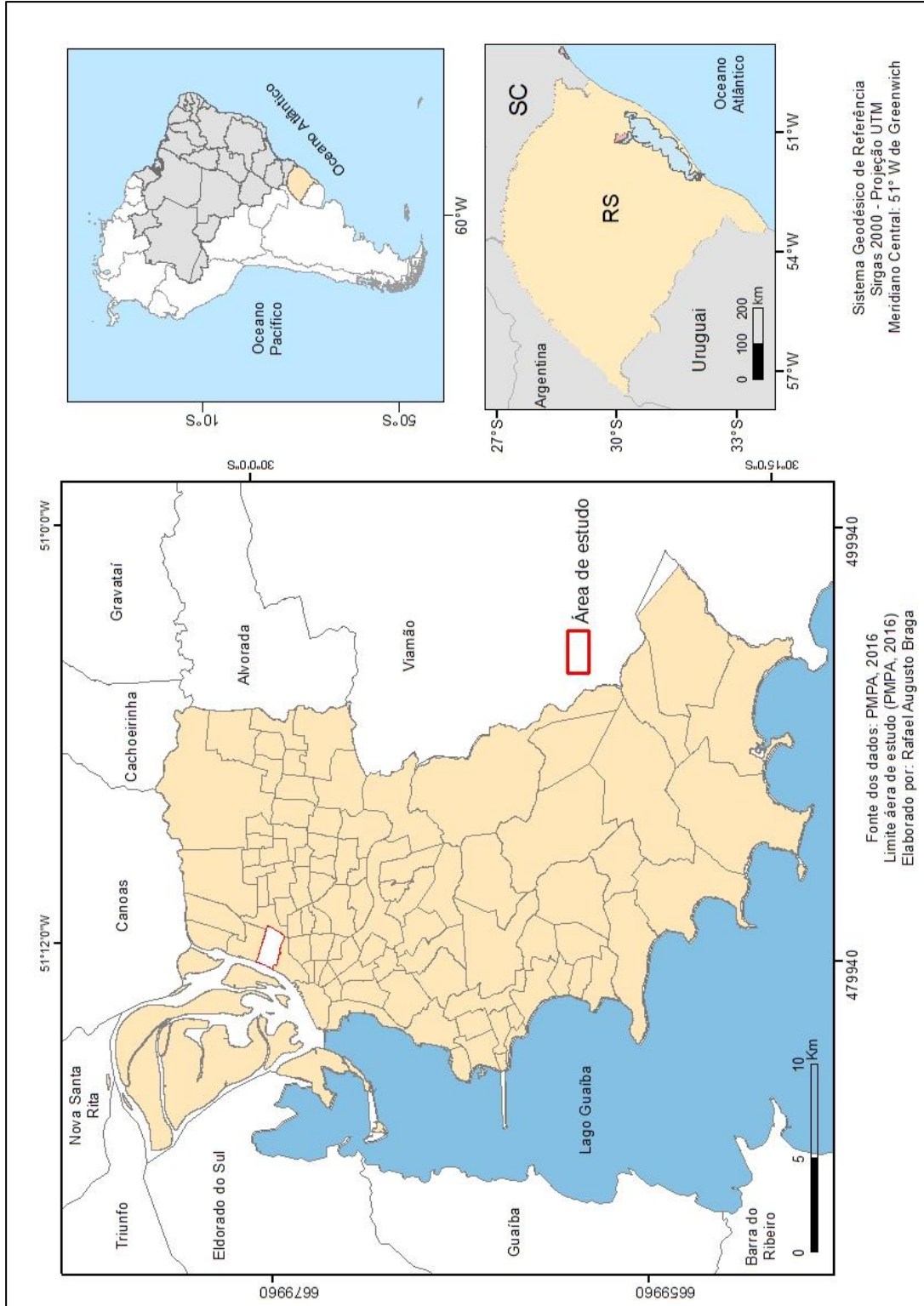
² Segundo o IBGE, para o ano de 2020.

mais elevados em relação às margens do rio Guaíba. Além do isolamento causado pela implantação do corredor de ônibus da avenida Farrapos a instalação do Trensurb que também limitou a fluidez dos deslocamentos leste-oeste e do bairro também contribuíram um período opaco na história do bairro e outras centralidades se formaram, como no caso da avenida Carlos Gomes e da Avenida Assis.

Foi também no início dos anos 2000 que o Programa Integrado Entrada da Cidade (PIEC) gerido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, se insere no contexto da política atual de habitação de baixa renda, em que as intervenções públicas não se limitam a regularização fundiária, mas sim a uma melhoria no modo de vida da população beneficiada. A área de atuação deste projeto compreendeu os bairros Humaitá, Farrapos e parte do bairro Navegantes, dentre os principais projetos executados (e ainda em execução), estão 20 loteamentos e 3.061 unidades habitacionais novas, recuperação do Parque Mascarenhas de Moraes, duas unidades de triagem de resíduos, uma cooperativa, um centro de apoio ao desenvolvimento econômico, duplicação da Avenida Dona Teodora, construção do viaduto Leonel Brizola e a interligação com a Região Metropolitana de Porto Alegre com a construção da BR-448 e a segunda travessia do Guaíba.

Em 2009 a implantação de um grande empreendimento provoca profundas alterações e conflitos na região, por ocasião da construção da Arena do Grêmio, atraiu-se ainda mais a atenção de outros agentes produtores do espaço urbano, principalmente, os promotores imobiliários que atentos ao lucro promovem a especulação imobiliária das terras dos bairros e que tendem a encarecer o valor do solo. Por outro lado, além de enriqueceram o São Geraldo um efetivo de migrantes nordestinos, mas também haitianos e senegaleses.

Figura 02: Localização da área de estudo.



Elaboração do autor (2020).

Similar ao que ocorrem em outras lugares um estudo organizado por instituições de ensino superior apresentado à prefeitura municipal, denominado Masterplan³ que apontou novos usos e oportunidades para área em que está inserido o São Geraldo e também iniciativas de incentivo às mudanças no plano diretor da cidade, que visava transformar esta área trazido o debate de ressignificação econômica ou um processo de transformação destes bairros, propondo alterações drásticas na paisagem dos espaços públicos, como as ruas, na mobilidade, comércio e principalmente no perfil de população do Quarto Distrito.

A paisagem do bairro São Geraldo começa a se transformar e pode ser percebida a partir de 2010 com a construção de três torres residenciais e uma torre comercial e de um centro comercial (que ainda não foi concluído) no terreno onde funcionava desde 1891 a FIATECI (Cia. Fiação e Tecidos Porto Alegrense) - e que até meados dos anos 2000 tivera em uma das porções de seu terreno um restaurante que oferecia refeições à preços populares. Este condomínio na ocasião de seu lançamento fora oferecido como um ambiente moderno e com anúncios coloridos, anunciava: Venha viver a história da sua geração!

Claro, para pessoas de maior capacidade econômica e se aproveitando também com as possibilidades locais que estavam dormentes (ou nas palavras de Milton Santos um espaço opaco), porém de fácil acesso ao aeroporto e a estação rodoviária, uma estação do Trensurb, próximo do centro histórico, do novo centro financeiro localizado na avenida Carlos Gomes e das ruas badaladas do bairro Moinhos de Vento, também o Parque Moinhos de Vento, Parcão.

Neste aspecto, florescem empreendimento onde artistas e uma certa porção abastada da população, como o espaço “Vila Flores⁴” em um imóvel na esquina das ruas Hoffman e São Carlos no vizinho bairro Floresta que agrega diversas empresas de economia criativa, artistas, enfim, como já sabidas em outras experiências como Barcelona, Nova Iorque, Buenos Aires, são voltadas à um público que frequenta as cercanias do lugar, próximo à um shopping center, ao sopé do morro onde está o bairro Moinhos de Vento -, seria isto uma expansão de um alto padrão econômico, aliado à questão modal, de transformação dos espaços públicos?

Com tendências a figurar a gentrificação de áreas degradadas, à realocação dos loteamentos e das áreas ocupadas, mas também de alterações no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado e Ambiental de Porto Alegre para a região, este projeto traz grandes

³ Este estudo teve desdobramentos como seminários e workshops propostos pela PMPA, porém o material está espalhado no endereço virtual. Figura atualmente no Pacto Alegre.

⁴ O Espaço Vila Flores é um condomínio de artistas e de empresas voltadas à economia criativa estabelecido no bairro Floresta.

tensionamentos entre as forças operantes e as novas formas espaciais que vêm surgindo através de incentivos privados.

Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar **como a transformação da paisagem impacta na percepção dos lugares do bairro São Geraldo, em Porto Alegre.**

Para compreender o processo de transformação da paisagem urbana foram levados em consideração os seguintes aspectos: levantamento da história do bairro e seu desenvolvimento dentro da cidade de Porto Alegre; identificar os empreendimentos e iniciativas implementadas no bairro entre os anos de 2010 e 2020 com diversas finalidades, tais como: edifícios comerciais e residenciais; verificar as demandas do Orçamento Participativo e suas possíveis alterações na paisagem; analisar o conteúdo de notícias, mídias; conhecer através de entrevistas semiestruturadas e da observação participante a percepção dos sujeitos sobre o São Geraldo.

Com inspiração nos estudos em Geografia Cultural com base fenomenológica, principalmente sobre a percepção dos sujeitos, esta dissertação está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo trataremos da construção teórica deste trabalho preparando o leitor para o capítulo seguinte onde abordaremos os percursos metodológicos da pesquisa. Uma breve revisão sobre o bairro em Geografia será feita no terceiro capítulo. Para o quarto capítulo apresentaremos a formação geo-histórica do bairro, os registros importantes que impactaram enviada em transformaram a paisagem até a contemporaneidade do século 21. No capítulo cinco, traremos o caso do bairro São Geraldo, investigando a transformação da paisagem do bairro por meio dos instrumentos propostos pelos objetivos, onde também serão vistos os apontamentos encontrados durante esta investigação: as análises dos conteúdos de notícias, da participação popular, das narrativas e das imagens. Por fim, no sétimo capítulo apresentaremos nossas considerações.

1. DA PAISAGEM AO LUGAR: AS MEMÓRIAS DO ESPAÇO.

Do século XIX até meados do século XX, um enfoque positivista ou naturalista foi adotado pelos geógrafos que acabou por renegar as representações e a dimensão subjetiva da cultura, ao se ocupar com os aspectos materiais, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. Contudo, importantes contribuições foram herdadas deste período apontaram os domínios de aspectos relevantes à Geografia e que permanecem até hoje como a relação homem x meio (ambiente humanizado, paisagem, técnicas e densidades); as relações sociais, através do estudo das instituições, da comunicação e da difusão de ideias e técnicas; organização regional e o papel dos lugares (CLAVAL, 2002).

Durante as décadas de 1950 e 1960, os modelos e as sistematizações cristalizaram o conceito de espaço, o que acabou por transformar a Geografia em um estudo das suas leis, ou seja, através do desenvolvimento de técnicas para quantificação e do emprego de regras comprovassem tais procedimentos. Desta forma, em sua versão positivista ela se fez uma ciência social que analisava a distribuição espacial e suas estruturas, mas também os comportamentos de atores supostamente racionais, previsíveis (BESSE, 2006).

A fenomenologia surge como crítica a este racionalismo da ciência clássica, e é, segundo Edward Relph, motivada pela descrição e não pela explicação dos “fenômenos da experiência imediata e estes incluem literalmente qualquer coisa experimentada – lugar, silêncio, existência, contato interpessoal” (RELPH, 1979, p.4), o que supera o dualismo sujeito x objeto das correntes filosóficas realistas e idealistas, pois ela acaba por tratar os fenômenos como a realidade da maneira que se aparece, através da apreensão pelo sujeito, ou seja: os fenômenos são a consciência de algo, surgem pela assimilação ou compreensão e experiência.

Segundo Relph (1979), especialmente o filósofo Edmund Husserl (1859 – 1938) iniciou as investigações destes fenômenos no que chamaria de “mundo-vivido”, feito de conflitos, de empenhos, também de significações que envolvem o viver cotidiano em que se confronta com a ciência e a sua padronização e ordenação. Na medida em que o mundo vivido é envolto por este cientificismo, afirma o autor: “a realidade é considerada como sendo as qualidades objetivamente demonstráveis dos objetos, enquanto o mundo-vivido é visto como subjetivo (no sentido pejorativo), transitório e trivial” (RELPH, 1979 p. 3).

Através de processos cognitivos (como a memória, a percepção) e ao passo em que este instante recém passado passa a ser categorizado, elencado, discriminado, transformando-se em uma abstração, Relph resume:

(...) os significados originais do mundo-vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; e apesar de vivermos nele, o mundo-vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos. A dificuldade é como fazer isso sem destruir a riqueza e a complexidade dos significados. A descrição e a interpretação fenomenológicas oferecem métodos bem desenvolvidos para se realizar essa tarefa. (RELPH, 1979 p.4)

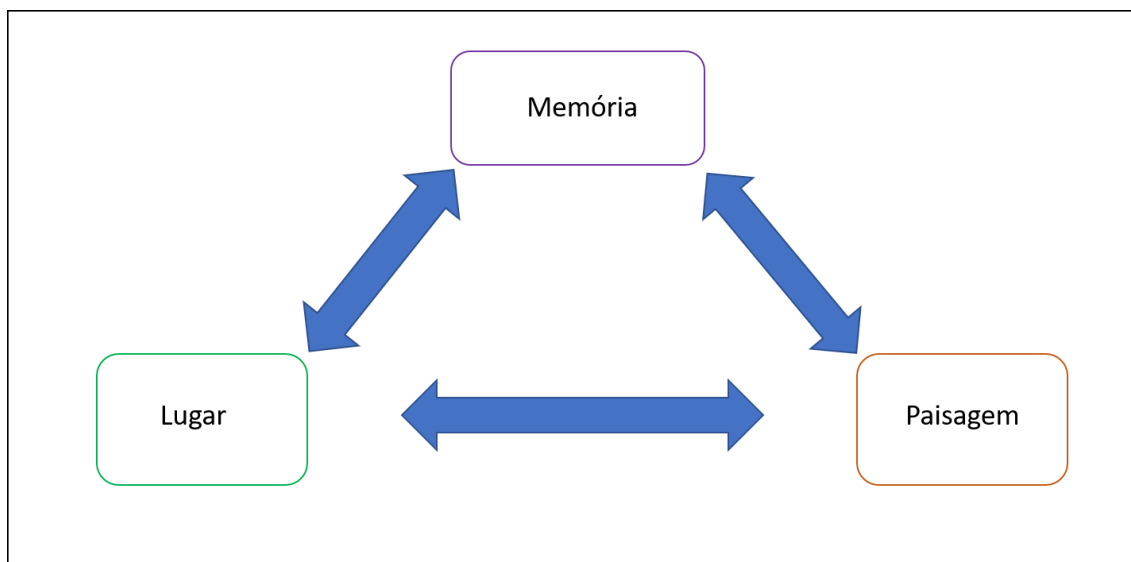
Husserl encontrou dois componentes maiores, ambíguos e permeáveis entre si do mundo-vivido: um mundo pré-determinado ou natural de coisas e formas, outras pessoas que também são diferentes em aparência, o que vemos e sentimos e que existe no tempo e no espaço, porém um mundo onde estamos implicados; e um mundo-vivido social ou cultural que é visto e experienciado, da intersubjetividade, do contato com outras pessoas, sistemas de relações, instrumentos, construções, enfim tudo o que possa ser usado, manipulado ou transformado, de acordo com o interesse próprio. Sugerindo o interesse acerca das percepções, das representações, experiências e atitudes ante o espaço.

A Geografia através de uma abordagem apoiada na fenomenologia a partir de Eric Dardel, possibilitou uma abertura a novos campos de pesquisa sobre o “mundo-vivido geográfico”, que pode ser entendido como um mundo experienciado enquanto cenário natural ou produzido pelo homem, que influencia religiões, mitos e filosofias. (RELPH, 1979). Além de possibilitar o emprego de novos métodos, busca por interpretações, descrições ou análises das comunicações; ou seja, outros corpos de informações como os discursos, as tradições literárias, filosóficas, das artes, atualmente consideradas imbuídas de saberes e significados geográficos, a fenomenologia torna mais aberta e flexível a definição dos objetos e na escolha dos métodos. Ela se apresenta como uma resposta crítica ao predomínio do positivismo desta ciência, ao agir modelizando distribuições e estruturas espaciais de supostos atores racionais (BESSE, 2006).

Ainda, a proposta de uma leitura fenomenológica visa analisar a relação da identidade do espaço e do mundo vivido, enquanto desvenda os sentidos, as “falas do espaço”, através de representações e mapas mentais, representações de conceitos ou valores conferidos à geografia e ao espaço (TEIXEIRA E NOGUEIRA, 1999).

A tríade memória-paisagem-lugar (figura 03), serviu de apoio para o desenvolvimento desta análise, o que não exclui que outros conceitos atravessem este sistema e que serão apresentados em seção oportuna ou em notas de rodapé.

Figura 03: Tríade conceitual



Elaboração do autor (2020)

1.1 Memória

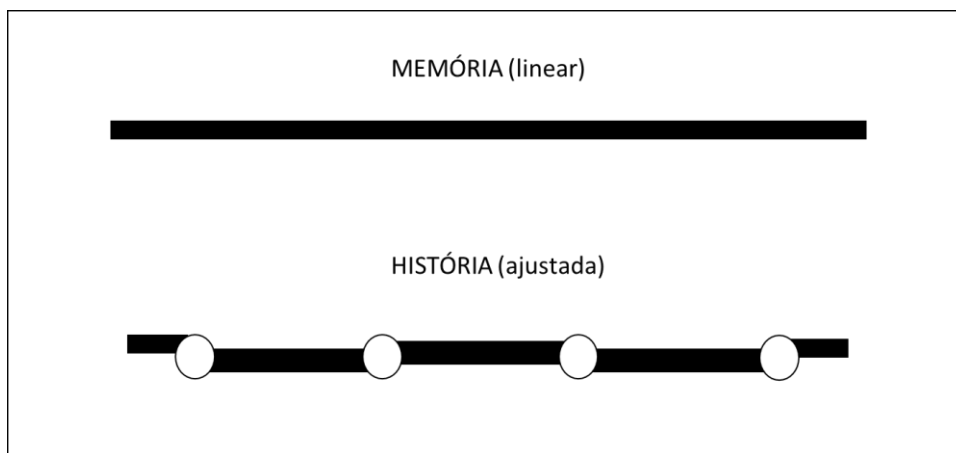
A história e a memória, longe de serem sinônimos, são antagonistas: enquanto a história é uma reconstrução defeituosa e incompleta de um fato ou período que não existe mais, a memória é viva e acompanha os grupos durante a sua evolução e evolui com eles. Uma só existe quando a outra deixa de existir, e que acaba por forçar uma análise e um discurso crítico, laico e intelectualizado. Tomaremos dois rumos na compreensão das memórias e da história: a memória coletiva e individual, e a memória e história e as formas de representação do espaço.

A necessidade da criação de arquivos, manter aniversários, organização de celebrações, validar em atas, enfim, como provas ou argumentos se fossem utilizados como prova em algum tipo de julgamento da história vêm de um sentimento de que não há mais memória espontânea: “Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (NORA, 1993, p. 9). Mas não somente uma memória documental, também aquela preservada em monumentos, prédios, fachadas, ruas e bairros. Pierre Nora os chama de lugares de memória.

Para ele, os lugares de memória não são compostos por uma memória viva, mas sim partes de uma memória seletiva, algumas vezes particular, ou ainda restos apropriados por

mecanismos capazes de acelerar o tempo-espaço, transformando-a em história rapidamente. Entendemos assim, que a memória é traçada linearmente e a história sempre necessita de ajustes para oferecer uma lógica.

Figura 04: Memória e história.



Elaboração do autor (2020).

Em *A memória coletiva* (1990), livro de Maurice Halbwachs, encontramos importante aporte para a compreensão da construção da percepção da transformação das paisagens urbanas pelos sujeitos. Para ele, ao passo em que cedemos sem resistir às induções externas acreditamos na liberdade de pensamentos e sensações, acabamos deixando de notar as influências sociais que seguimos. Por isto uma memória individual não estaria descolada de uma memória coletiva, porque o seu funcionamento se ancora em pontos referenciais que são externos a si, ou seja, são fixados pela sociedade (como as palavras e as ideias) e que *estariam e se conservariam* nos meios sociais e pelos indivíduos membros destes grupos. Apoiadas na sobreposição destas lembranças comuns, ela seria o catalizador da memória coletiva, onde as memórias individuais apareceriam com mais ou menos intensidade.

Para ele, a memória coletiva não se desenvolve sem o espaço, pois não há grupo ou atividade coletiva que não tenha relação com um lugar, uma realidade duradoura onde as sensações se seguem, umas às outras. Estas não permanecem em nosso espírito, mas são conservadas no espaço material que nos cerca. Lembrar-se, então, não significa descolar-se do espaço, do contrário, é somente através da imagem do espaço (e da sua estabilidade), através da ilusão de não mudar com o passar tempo e de encontrar assim, o passado no presente até que perca alguma de suas partes ou envelheça.

Consequentemente, as lembranças individuais e a memória coletiva são carregadas de reflexões pessoais, relatos, (re)conhecimentos parciais, são imagens engajadas em outras

imagens, datadas convenientemente pelos indivíduos de um mesmo grupo ou meio social, genericamente reportando-se ao passado e o redefinindo. A memória coletiva seria enfim, uma construção de lembranças sociais que têm referência em um grupo ao qual o sujeito está inserido.

Ao tratar de lembranças reconstruídas, ele ressalta:

“a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 1990 p. 71).

Ainda, à medida em que o passado é revisitado, ele se transforma, já que certas impressões se tornam “*opacas*” enquanto outras sobressaem, dado o prisma de análise (HALBWACHS, p.74). Esta seleção se daria ao confrontar um relato de outrem acerca de um fato ocorrido com ambos, com sua memória individual. Uma lacuna entre as experiências e sensações vividas por cada um.

Jöel Candau concorda, neste sentido quando afirma que “é o distanciamento do passado que o permite reconstruir para fazer uma mistura complexa de história e ficção, de verdade factual e verdade estética” (CANDAU, 2016 p.71) e que a figura do narrador é também a de organizador dos acontecimentos significativos de sua existência, concebendo ajustes, modificações, interpretações e reinterpretções dos fatos, mas também como uma “*excelente ilustração das estratégias identitárias*” presentes em suas narrativas. Estes “rearranjos” têm diferentes resultados quando operados nos relatos autobiográficos e de memórias familiares, profissionais, locais ou nacionais.

Contudo, ressalta Candau, não seria possível, avaliar se estas narrativas identitárias como verdadeiras ou falsas, pois estarão sempre incluídas as verdades dos sujeitos (mesmo que estes as tenham ocultadas). É via produção desse passado que a memória autobiográfica busca uma estabilidade, verossimilhança e previsibilidade em que, de certa forma, os anseios e as metas individuais tenham sentido, como num *continuum*, o mais lógico possível.

Enquanto processo, a memória, ou memória de alto nível, investigou Candau, é sempre de recordação ou de reconhecimento, seja por lembranças autobiográficas ou parte de uma memória enciclopédica feita de saberes, crenças, sensações, emoções etc., mas igualmente de esquecimentos e de extensões artificiais derivadas dos fenômenos em si. No cotidiano ela se apresenta por meio das inúmeras lembranças do passado próximo ou distante, das experiências e sensações, boas ou más que vivemos.

Podemos entender então que, a memória enquanto um metaprocessos cognitivo age como formadora da personalidade, que, por sua vez vai envolver-se na sua percepção e consciência

sobre o mundo presente, lhe ordenando e fazendo representações no espaço e no tempo, conferindo sentido a ele – as paisagens e os lugares.

E quanto aos bairros? As cidades não são espaços de vivência homogêneos, apesar de que possam ser compreendidas como as aderências que interrelacionam sujeitos, famílias e grupos. Desta forma, sugere Abreu (2013), que na busca de definir uma memória das cidades não se poderá optar pela análise de sua população, mas sim das memórias coletivas fixadas nas relações sociais que se estabeleceram nos lugares. Coexistem inúmeras memórias coletivas que deixaram marcas na paisagem, ou nas instituições de memória.

Entretanto, não são todas as memórias coletivas urbanas que resistem na paisagem, alguns destes fragmentos estão ligados às estruturas de poder. Outra vez, nos deparamos com o questionamento, acerca da produção destas memórias. Estes “restos ou fragmentos de memória cristalizados”, despertam interesse de diferentes agentes, na renovação e produção de espaços urbanos, como no caso dos bairros industriais o que pode impactar significativamente nestes lugares.

1.2 Paisagem.

As reflexões acerca da paisagem estão presentes desde a antiguidade e permeiam diversos campos das ciências modernas e até as artes e a sua representação, no entanto, ainda é um termo cheio de descobertas e de possibilidades como objeto de estudo. Na língua portuguesa, o dicionário Houaiss traz: “*1. espaço geográfico que o olhar alcança num lance; panorama, vista 2. pintura, gravura, fotografia etc. cujo tema principal é uma paisagem*”. A geografia oferece a este conceito outras dimensões, escalas e abordagens em seus diversos campos, desde a geomorfologia até a geografia cultural, a paisagem vai do rio ao rito.

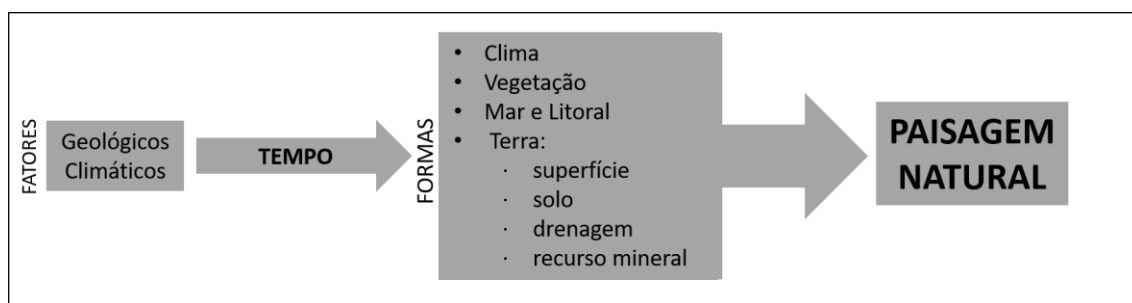
Enquanto a paisagem geomorfológica vai tratar das formas do relevo e das suas dinâmicas (químicas, físicas e biológicas) próprias do sistema Terra, a paisagem cultural se ocupa de compreender as relações das sociedades com o meio que habitam, ela é vivida e construída, porém ambas coexistem. Foi através das descrições das viagens do alemão Alexander von Humboldt entre os séculos XVIII e XIX que se iniciam os estudos da superfície terrestre. Para ele os geógrafos deveriam observar a paisagem de forma quase estética, pois ela traria “impressões” ao observador e assim, aliada à observação sistemática dos seus componentes, filtrada pelo raciocínio lógico explicaria a causalidade de suas conexões. É

através da concepção de Humboldt que as paisagens diferenciadas de lugares e povos puderam ser concebidas como fenômenos específicos, passíveis de descrição, análise e explicação⁵.

Carl Sauer em *Morfologia da Paisagem* (1998[1925]), creditava à paisagem o foco dos estudos geográficos, quando entende que os objetos nela existentes inter-relacionados⁶, afirmando que são constituintes de uma realidade, um todo que não se expressa por uma consideração de partes separadas, ou seja, ele propõe a paisagem como uma bilateralidade entre o sítio físico (os seus recursos naturais) e os fatos da cultura humana, então, nas formas de uso desse substrato material, baseando a geografia na fusão dos conteúdos físico e cultural.

Em uma destas “partes”, a paisagem natural, estariam envolvidos os materiais da crosta terrestre seria composta pelos fatores geológicos e climáticos, e assim, seria responsável pelas formas biológicas e do relevo, como no quadro seguinte:

Figura 05: A composição da paisagem natural.



Elaborado pelo autor (2020)⁷

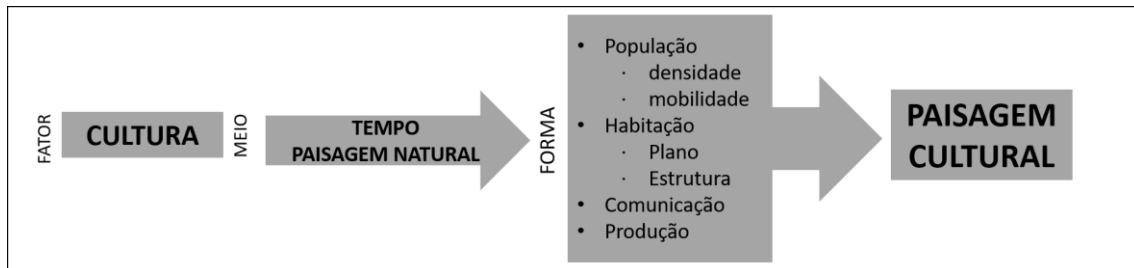
Para o autor, a paisagem não se trata da observação de uma cena, mas de uma generalização consequente de cenas individuais. A localização e a ocupação, comunicação e produção nos sítios não condiciona por si as sociedades, mas sim as formas que são produzidas pelo meio, onde estará a paisagem cultural, como representado a seguir:

⁵ Puntel (*in* Verdum et al, 2012, p. 24)

⁶ O autor afirma: “descobrir esta conexão e ordem dos fenômenos em área é uma tarefa científica e de acordo com a nossa posição a única à qual a geografia deveria devotar suas energias” (*in* Corrêa e Rosendhal, 1998, p. 17)

⁷ Adaptado de Sauer *in* Corrêa e Rosendhal (1998)

Figura 06: A composição da paisagem cultural.



Elaborado pelo autor (2020)⁸

Neste sentido, concordamos com o autor no encaminhamento de nossa escolha pela paisagem como categoria de análise, quando afirma não ser possível “formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço.” (SAUER, 1998 [1925] p. 42)⁹.

Da mesma forma, Jean-Marc Besse (2006), diz que por meio da visão a paisagem é capaz de contar uma história, e é também de expressar a realidade. Ela é também um signo, (ou um conjunto de signos), capaz de ser decifrada e compreendida, através da visão podemos “*ler a paisagem*”. E completa: “Ler a paisagem é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias.” (BESSE, 2006 p. 64). Estão incluídos na paisagem todo o tipo de signos ou elementos – verbais, não-verbais, sonoros, olfativos – todos agindo sincronicamente, antigos e novos, opacos ou luminosos.

É por meio da proposta de Augustin Berque (1998), o enlace para o estudo da paisagem, pois atribuímos uma importância de seus reflexos na sociedade já que:

é marca, pois expressa uma civilização, mas também é uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura - que canalizam e em certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação (BERQUE, 1998. p. 84)

Onde entendemos que também as formas das ações humanas sobre o espaço condicionam as maneiras de sua apropriação e uso. É preciso entender qual voz pode estar sendo imperativa em relação a produção do espaço urbano.

⁸ adaptado de SAUER in CORRÊA E ROSENDHAL (1998)

⁹ In Corrêa e Rosendhal, 1998.

Milton Santos afirma que o espaço, é uno e múltiplo, e através dos usos de suas diversas parcelas se torna um conjunto de mercadorias, valorizadas pela sociedade por cada pedaço de matéria, cada porção da paisagem. As formas passadas coexistem preenchendo “*no momento atual, uma função atual*” (SANTOS, 2012a, p. 104) que responda as necessidades da sociedade presente, mesmo que oriundas de outras necessidades das sucessivas sociedades, que transformam a organização do espaço, novos equilíbrios e desequilíbrios.

Do mesmo modo, o autor confere à paisagem uma similaridade de uma escavação arqueológica pois ela: consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos pregressos, embora estes apareçam integrados ao sistema social presente, pelas funções e valores que podem ter sofrido mudanças drásticas. (SANTOS, 2012b p. 74). E assim estas rugosidades¹⁰ devem ser consideradas quando novas funções lhe são impostas, seja através de estruturas que adequam as novas formas às suas novas funções ou se adaptam formas antigas.

Segundo a geógrafa Solange Guimarães (2002), a paisagem se trata de um mosaico feito de inúmeras variantes em estágios diversos, que interagem simultaneamente em contínua transformação. Para ela:

(a) paisagem é o legado de remotas e intensivas modificações espaciais, resultado da combinação de processos naturais e antrópicos, tais como a heterogeneidade de ecossistemas, diversidade biológica e cultural, além de fatores sociais, econômicos, psicológicos em permanente geração de processos de degradação e regeneração, com profundas influências, nos espaços de desenvolvimentos dos ritmos e ciclos responsáveis pela vida e morte, ascensão e declínio das várias civilizações, assim como de seus lugares e de suas paisagens (GUIMARÃES, 2002 p 6).

Para a autora, ainda, a “paisagem vivida” está relacionada aos processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e construção de imagens. Ela preserva e transmite durante cada história de vida pessoal ou de um grupo, os valores e percepções de uma cultura, cristalizando o “tempo vivido”, conciliando: relações de convivência entre processos que resgatam as experiências do passado visando a compreensão do presente, bem como armazenando referências para o devir, numa convergência das realidades ambientais experienciadas (GUIMARÃES, 2002 p. 7). No que podemos entender sobre o simbolismo das paisagens, durante os seus processos de transformação e migração, as várias culturas renovaram as escalas de valoração do simbolismo de seus universos iniciando a gênese de outros mitos, de outros lugares e, conseqüentemente, de novos padrões de organização e gerenciamento da paisagem geográfica ao seu redor.

¹⁰ Esta ideia é discutida por Milton Santos em Por uma Geografia Nova (2012, p. 259).

A contribuição da arquitetura ao conceito de paisagem urbana foi elaborada na década de 1960, pelo arquiteto britânico Gordon Cullen, como sendo uma arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano e possibilita análises sequenciais e das dinâmicas da paisagem a partir de premissas estéticas, isto é, quando os elementos e jogos urbanos provocam impactos de ordem emocional. De fato, a paisagem envolve as sensações dos sujeitos, e estas são um campo de trabalho, também, para os geógrafos humanistas pela investigação das percepções.

1.3 Lugar.

Para muitos leigos e alguns estudiosos de diversas ciências também, o lugar é algo inexplicável. Sobram sinônimos que conduzem sempre ao sentido de localização, privacidade ou mesmo de encontro. Em Geografia, este conceito pode ser compreendido também de diferentes maneiras e o assunto é discutido por diferentes autores com abordagens distintas.

A geografia enquanto mera ciência espacial “achatada” e cartesiana dos tempos das grandes navegações e da colonização não levava em consideração a história, a poesia e a estética, tampouco as conexões dos sujeitos com as regiões, as cidades e os ambientes naturais. A partir de Husserl, Eric Dardel aponta para uma visão fenomenológica da geografia, considerando o homem e a sua relação com ambiente onde vive.

Edward Relph (2012, p. 22), reflete e discute sobre as diferenças e os aspectos de lugar. Primeiramente distingue lugares *x* lugar em Geografia:

- Estuda os lugares, ou seja, os descreve e compara nas diferentes partes do globo;
- Estuda o lugar enquanto as maneiras em que os sujeitos se relacionam com mundo, através de observações particulares.

Ele aponta duas razões para o um novo interesse sobre o(s) lugar(es) a partir dos anos 1970: uma de que embasado na filosofia das ciências foi considerado um fenômeno da experiência devendo então ser tratado através da abordagem fenomenológica de Husserl e Heidegger; outra pela veloz “erosão” das paisagens culturais que ocorriam na Europa e na América do Norte há séculos, que aconteciam durante os anos 1950.

Esta descontinuidade da história fez desaparecer bairros e edifícios, que foram demolidos e substituídos por outros que atendessem também a questões do capital imobiliário. Como consequência, “criaram-se paisagens sem-lugar, nas quais as diferenças foram relacionadas às marcas e não às localidades” (RELPH, 2012, p. 20). É também neste ponto onde

convergem os interesses do lugar com o da preservação do patrimônio como os casarios, as fábricas e ruas (visto anteriormente em Nora).

Ele identificou também caminhos ou abordagens e aspectos que estão comuns aos lugares que reunimos no quadro seguinte:

Quadro 01: Aspectos do lugar (adaptado de Relph, 2012)

| ASPECTO | CARACTERÍSTICA |
|--|--|
| Como <i>reunião</i> | Reúne características, experiências e significados de nossa experiência imediata. Único e específico |
| Localização | Característica não essencial ao lugar. Websites e aviões não estão necessariamente, fixos em localizações geográficas. |
| Fisionomia de Lugar | Diz respeito à sua forma (colinas, vales, ruas, edificações etc.). Facilmente reconhecível por quem o vê de fora, como um turista. |
| Espírito de Lugar | Inicialmente, atribuído à morada de deidades, cujos dons estavam impressos no cenário, reconhecíveis por cerimônias e construções. Atualmente designa lugares com identidade muito forte e onde todas as partes parecem funcionar perfeitamente em conjunto. |
| Sentido de lugar | Expressado pela capacidade de apreciar e apreender com os lugares. |
| Raízes e Enraizamento | Pela experiência do cotidiano entende-se por onde se fixam raízes, com pertencimento. Pela teoria rizomática estas raízes podem conectar diferentes lugares. |
| Interioridade | Refere-se à familiaridade, conhecer o lugar de dentro para fora. Para alguns, estar em casa é sua forma mais intensa de expressão. |
| Lar | Onde as raízes são mais profundas e fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, onde se pertence. |
| Lugar-sem-lugaridade ¹¹ e não-lugar | Entendido quando a capacidade de <i>reunião</i> dos lugares (características, significados e experiências) se enfraquece, temos os lugares-sem-lugaridade. O não-lugar, por si, se apresenta nas padronizações de grandes shoppings centers ou aeroportos. |
| Nós | Crítica ao enraizamento, o lugar é a convergência de redes nacionais e internacionais. |
| Exclusão e Inclusão | Atitude que segrega (por gênero, renda, crença) |
| Sentido Contaminado de Lugar | Visão preconceituosa ou radical do pertencimento e da exclusão, promove limpezas étnicas e deslocamentos compulsórios. |
| Construção de Lugar | Embora a luta ante a padronização da não-lugaridade, a proteção do patrimônio considera que arquitetos e urbanistas não sejam capazes de construir o lugar, mas sim, oferecer os equipamentos para que isso aconteça. |
| Fabricação de Lugar | Apropriadas pelo neoliberalismo, as diferenças e identidades dos lugares dão lucro, estereotipando e alterando histórias e geografias |

Elaboração do autor (2020).

¹¹ O termo utilizado por Relph é “placelessness” com difícil tradução literal ao português.

O autor ainda afirma que uma abordagem crítica aos lugares é válida, pois eles não seriam somente de fenômenos positivos: as resistências às mudanças e à promoção do local pode transformar-se em exclusão e opressão.

Para Yi-Fu Tuan (2013), a “transformação” de um espaço em lugar, se dá quando este é preenchido por memórias e lembranças, ganhando assim definição e significado. Um novo morador vê o bairro como um emaranhado de imagens até que haja a sua apreensão de seus recantos, ruas e referenciais arquitetônicos. A partir de sua relação com o espaço, sua concepção cria esquemas complexos do conhecimento espacial e o transforma em um lugar.

A percepção é um reflexo aos estímulos externos para a produção da realidade, a experiência é voltada ao mundo exterior, é apreender através da própria vivência, do seu modo de ser. alguns fenômenos são registrados, outros são bloqueados, obtidos ou capturados através dos sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. Estas sensações proporcionadas, por sua vez podem ser “*topofílicas*”, que para ele: “é um neologismo, útil quando pode ser definido em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural. Esses laços diferem profundamente em: intensidade, sutileza, modo de expressão. (TUAN, 1980, p. 107)”. Porém, em seu polo inverso, as sensações “*topofóbicas*” expressariam os sentimentos negativos como medo, repulsa a determinados lugares. Prosseguindo com a ideia da memória enquanto processo cognitivo, estes estímulos da percepção entendemos que as representações vividas ou imaginárias são reforçadas com o papel importante desempenhado pela informação, pela comunicação e pelos seus meios.

Tuan (2013), argumenta que as localizações em uma cidade também são marcadas pela hierarquia de valores onde as áreas industrial e comercial se situam próximas à água, as casas particulares de maior prestígio são construídas em cotas mais elevadas e ocupam maiores espaços visuais (como os grandes edifícios e condomínios verticais).

Em outra perspectiva, segundo Santos, não devemos confundir localização e lugar:

o lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”, pois o “processo direto da produção é afetado pelos demais (circulação, distribuição e consumo), justificando as mudanças de localização dos estabelecimentos produtivos. (SANTOS, 2008[2012], p. 13, 14)

Relph (1976) ao restabelecer o sentido do lugar para os geógrafos, como espaço da existência, o qual define como: a estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, ele é intersubjetivo e,

portanto, permeia a todos os mesmos daquele grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos. (RELPH, 1976 p. 12)

Ou seja, o sentimento de pertencimento, de ideais e valores os chamados “códigos culturais” que dão sentido ou representam os objetos do mundo vivido. Este mundo vivido e percebido é o que entendemos por lugar. São as afetações experienciadas pelos sujeitos o que nos conduz, de certa forma, a entendermos que a cultura participa dos esquemas de (trans)formação das identidades e dos lugares pois se trata de um processo de percepção individual, mas que perpassa aos seus grupos e vice-versa. como vimos em Berque e em Halbwachs, mas não são, em si condicionantes da ocupação dos sítios.

Ainda há outros autores que concordam com este “encontro” de forças, corroborando com isto outras definições teóricas e metodológicas sobre o lugar. Ele pode ser entendido como um espaço em movimento, dotado de inúmeras relações e de interações, que atingem as diversas escalas e dimensões culturais, econômicas e políticas, por exemplo, tensionando disputas, mas também como foco de resistência às más consequências do capitalismo neoliberal (MASSEY e KEYNES, 2004). Doren Massey (2012), ressalta que para o capitalismo, os lugares são linhas cruzadas nas geometrias mais amplas do poder que são partes formadas e formadoras da globalização, os nós citados por Relph.

1.4 ESPAÇO, ESPAÇOS.

Seria o espaço eternamente ambíguo e contendo tudo o que há ou possa ser inventado, construído? Trataremos brevemente neste subcapítulo do espaço geográfico e de algumas de suas compreensões. Dardel (2011) diferencia o espaço geométrico do espaço geográfico: um é homogêneo, uniforme, neutro; enquanto o outro é feito de espaços singulares, de relevo, céu, flora e lhes é conferido um nome. Além dos espaços telúrico, aquático e aéreo, o espaço material que seria a capacidade de medir e diferenciar entre perto e longe há, para o autor o espaço construído, que feito pela obra humana e é o quadro da vida cotidiana, colocando em xeque o alcance do olhar, apagando e submergindo o desenho natural dos lugares, através da implantação de vias de comunicação, caminhos, autoestradas, aeroportos etc. através de maneiras de modificar ou recriar o espaço. Estas reconstruções do espaço lhes conferem um sentido, ou significado, aproximam-se das memórias, das paisagens-vividas e do lugar.

Sob a luz de Milton Santos: “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados

isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2012 p. 63). Falamos isto, ao considerar que os processos, as formas e as dinâmicas envolvidas, são coetâneas (MASSEY, 2008), abertas e mutáveis, e porque se trata de um resultado de relações, organizadas de forma a representarem os resultados das atividades humanas. Nesse sentido Santos propõe a teoria da dinâmica de formação dos espaços, cujas relações e precisam ser corretamente identificadas ou compreendidas para a análise das estruturas sociais. É onde entendo que entra em cena o espaço social.

O espaço social é tratado por diversos autores como Lefebvre (1972), Bourdieu (1979), Semprini (1999) está ligado às relações sociais, estratégias de uso, das práticas de apropriação ou dominação dos espaços pelos indivíduos e grupos. Di Méo e Buléon (2007), afirmam que: “as formas e os processos são indissociáveis dos sistemas de ação, engendrados pelos atores que os produzem”.

O cotidiano social se modifica, com a incorporação de técnicas e outros padrões de uso do espaço, quanto ao consumo, habitação e ao lazer, e que articulam os lugares globalmente enquanto a solidariedade local se torna mais seletiva, para Heidrich (2007) a marca do espaço social, da temporalidade do meio técnico científico informacional é a coexistência de uma geografia absoluta em diferentes planos e de geografias relativas, contíguas, mas parcialmente ou relativamente vividas.

Para Pierre Bourdieu (2013) ele não se trata do espaço físico, porém tende a acontecer de forma “*mais ou menos completa e exata neste espaço*” suas estruturas manifestam-se através de oposições espaciais, que nas grandes cidades, podemos verificar com a construção de condomínios de luxo promovendo a segregação socioespacial.

Bourdieu quando fala sobre a dominação do espaço ser uma das formas favorecidas do exercício da dominação – em referência às diferentes formas de colonização - considera apropriação do espaço urbano. Com vistas à realização dos lucros espaciais por sua localização, estes por sua vez podem ser *rendas de situação*: situar-se perto de bens ou serviços, dos agentes desejáveis, mas também por estar longe dos indesejáveis; *lucros de posição ou de gradação*: como os endereços prestigiosos ou; *lucros de ocupação*: na posse de vastos espaços, como parques e grandes apartamentos e casas.

O êxodo do campo em direção às cidades, na transição dos anos 1800 e 1900, foi favorecido pela especialização, a divisão do trabalho, das atividades produtivas e do aumento da produtividade das indústrias, como observado por Blumenfeld (1977) que neste arranjo,

tornou possível a concentração humana, num intercâmbio de bens e serviços de diversas categorias.

Na atualidade do século XXI, as grandes empresas transnacionais utilizam-se da mão de obra com menor valor dos países periféricos do sistema capitalista, aumentando seus lucros - e criando necessidades de consumo díspares aos diversos estágios culturais dos infinitos pontos do planeta - para sua reprodução, mas também se associando aos Estados, em prol dos ideais de desenvolvimento e crescimento das economias. O desenvolvimento das cidades, o avanço do capitalismo acaba por promover certos espaços urbanos, os ressignificando e vai conferir novos usos às áreas.

A produção deste espaço urbano, para o geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2013), não seria resultado de forças ocultas do capital, ou de um Estado hegeliano, tampouco de uma abstração que surge de fora das relações sociais. Ele é consequente da ação de agentes sociais concretos, históricos, imbuídos de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, além de portarem contradições e serem geradores de conflitos entre si e com outros segmentos da sociedade.

Ele encontrou tipos ideais, que podem ser reconhecidos em sua forma pura ou quase pura, que estão envolvidos na produção do espaço urbano, que são: os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos. Por exemplo: uma empresa industrial passa a investir na produção de imóveis e de bairros planejados, através de subsidiárias, a terra urbana deixa de ser apenas base necessária e imprescindível para a produção, passando a ser alternativa para a acumulação. Os diferentes agentes se interessam pela terra urbana e utilizam práticas espaciais como a esterilização da terra, fragmentação, remembramento, além de loteamentos descontínuos nas periferias.

Corrêa destaca ainda, que enquanto agente produtor, o Estado apresenta múltiplos papéis, aos quais damos destaque: estabelece marcos jurídicos que direcionam a produção e o uso do espaço; taxa as propriedades, edificações, atividades produtivas e usos da terra (o que a diferencia, reflete e condiciona); produz condições de outros agentes produzirem; controla o mercado fundiário, permutando glebas com outros agentes; investe na produção de imóveis, tornando-se promotor imobiliário; e como produtor industrial, onde através da implantação de unidades fabris, afeta áreas próximas ou longínquas com a criação de novos conjuntos habitacionais, loteamentos populares

Sobre outros agentes sociais que atuam na produção do espaço urbano:

Bancos, companhias de seguros, empreiteiras, empresas ferroviárias e de bondes, fábricas têxteis, firmas comerciais e de serviços, proprietários fundiários, grupos de previdência privada, grupos sociais excluídos, indivíduos com investimentos e ordens religiosas participam, alguns há muito tempo, em maior ou menor intensidade no processo de produção do espaço. A ação desses agentes sociais – seja expressando tipos ideais puros ou desdobramento funcional de longa ou curta duração – está inserida no processo de produção, circulação e consumo de riquezas do interior de uma sociedade que se caracteriza por ser social e especialmente diferenciada. A complexidade do processo de produção do espaço envolve, por exemplo negociações entre agentes sociais tão distintos quanto as ordens religiosas e as empresas do setor da promoção imobiliária. (FRIDMAN apud CORRÊA, 2013 pp. 46 e 47).

Somam-se na produção de outros espaços dentro do tecido urbano, os chamados pelo autor de “espaços vernaculares”, que se dão por meio de ocupações e invasões de terras públicas e privadas, dando origem a favelas e que também, através do sistema de mutirão constroem e dão conteúdo aos loteamentos populares das periferias urbanas, quando, segundo o autor: “entram em cena novos agentes sociais, como aqueles ligados à criminalidade e ao setor informal de produção de imóveis” (CORRÊA, 2013 p. 47¹²).

Para Odette Seabra esta:

diferenciação interna do espaço da cidade em função de atributos locacionais, derivados de fenômenos naturais ou histórico-geográficos, traduzidas como qualidades específicas, integram a reprodução do capital proporcionando capitalização ou descapitalização diferencial. Sobre tais princípios pode-se tanto elaborar as estratégias de ganho pela via da capitalização, como simplesmente, estratégias de sobrevivência. (SEABRA, 2011 p. 70)

Para Stuart Hall (2016) e Corrêa (2011), a virada cultural trouxe para a análise espacial uma renovação a partir do emprego da cultura nas ciências sociais e nos estudos culturais na geografia, deixando de ser um “conjunto de coisas” e sim um “conjunto de práticas”, entre os indivíduos de um grupo ou sociedade num “compartilhamento de sentidos”, ou seja, o sentimento de pertencimento, de ideais e valores o que o autor chama de “códigos culturais” que dá sentido ou representam os objetos do mundo vivido.

No contexto urbano, destaco que a cultura se apresenta de diversas formas, mas que a cidade, em si, é uma forma simbólica tanto pela distribuição e segregação social, como pela produção de lugares simbólicos (sejam sagrados ou profanos), podendo ser criada e inventada. Conforme Corrêa (2011), como os casos de Blumenau e Gramado¹³, mas também à intraurbana, como é visto nos condomínios de alto padrão ou pela modificação de planos diretores – como

¹² In: CARLOS, SOUZA & SPOSITO (2013)

¹³ As cidades de Blumenau (SC) e Gramado (RS) são cidades cuja população descende de imigrantes alemães e italianos e suas arquiteturas buscam remeter às cidades europeias. São importantes polos do mercado do turismo da região sul do Brasil, onde se realizam, tradicionalmente, a Oktoberfest e o Natal Luz.

vê-se no caso da ressignificação econômica do Quarto Distrito, em especial do bairro São Geraldo em Porto Alegre e desta forma, ele afirma:

a verticalização deriva de uma ação simbólica por parte dos promotores imobiliários que tentam enviar mensagens a respeito de prestígio, poder e legitimação para uma clientela, por meio de objetos estéticos, ou por parte dos usuários, associada à posse de um símbolo social. (CORRÊA, 2006 p. 153).

Compreendo que esta seja uma das faces do poder do capital, associado às estratégias de comunicação e a produção de necessidades, sobre a produção dos espaços sociais, bem como da segregação das populações de menor renda, com ocupações menos remuneradas. De fato, ainda conforme Souza (2013) quando ressignificamos os espaços ressignificamos relações e grupos sociais e vice-versa e em um processo que (re)organiza as relações sociais vigentes nos lugares tende a reforçar as práticas da sociedade de mercado.

Este movimento nas cidades e nos bairros é chamado de gentrificação. Trata-se de um processo desigual que age com maior intensidade desde a segunda metade da década de 70 na Europa, junto com a moda da restauração de casas unifamiliares e de bairros operários londrinos e nos bairros de Nova Iorque EUA, antes degradadas e subutilizadas, elevando seu status tornando-se moradias de classe média, causando a transferência dos antigos moradores e alterando as características sociais do lugar. Um discurso extremamente otimista vê este processo como um estandarte do renascimento urbano e da superação ou negação dos problemas do passado. (SMITH 2006, 2007, ABREU, 2013).

Duas perspectivas sobre a experiência britânica, após 30 anos foram analisadas por Smith: Glass (1964) destacou a mudança provocada nos bairros operários por meio das famílias de classe média (*a nova gentry urbana*) e do decreto para o “Renascimento Urbano” de 1999 do Ministério do Ambiente, Transportes e Regiões fala sobre o descontrole e desorientação das cidades e dos conjuntos habitacionais, da dispersão econômica e da polarização social. Há uma outra grande distinção entre estes dois momentos: se anteriormente tinha relação com o mercado habitacional particular e acontecia de forma espontânea, ao final dos anos 1990 era programado, sistemático e estava ligado ao Estado, às empresas ou de parcerias público-privadas.

Smith esclarece que estas experiências de gentrificação ocorrem em cidades de todo o mundo e todos os portes, além de se apresentarem de maneiras diferentes e de outras formas quando são comparadas aos primeiros casos. Contextos culturais e econômicos locais as conectam de maneira complexa com economias nacionais e globais (SMITH, 2007).

A reestruturação do espaço urbano não é um processo recente no Brasil. Poucas das cidades com mais de quatrocentos anos preservam indícios materiais de seu passado remoto, como Rio de Janeiro, São Paulo ou Olinda, apesar de muito antigas têm em seus centros históricos, construções datadas dos séculos XIX e XX que substituíram outras mais antigas. Noutros casos, como Salvador e Ouro Preto, igualmente antigas, que conservaram seu patrimônio histórico-arquitetônico devido à decadência econômica destas cidades. Para Abreu (2013) freou as investidas contra suas construções, muito mais de que pelo esforço de preservá-lo por parte dos seus moradores.

Os ataques às heranças dos tempos antigos, mesmo em um país de história “curta”, foram consequências deste culto às novidades, na esperança de um futuro melhor e na rejeição do passado para a formação de uma identidade nacional, que transmitiam ideais de um Brasil do Futuro. Abreu (2013) afirma que este fato explica o êxito das reformas urbanísticas que transformaram as feições de diversas cidades brasileiras e que foram apoiadas pelas elites modernizadoras do país – desapegadas de antigos valores e usos dos espaços urbanos.

Desde a virada dos anos 2000, no entanto, são inúmeros projetos e os discursos que buscam a restauração, preservação ou revalorização do passado que está materializado na paisagem e na cultura dos lugares e das cidades. Por fim, no entendimento das transformações das formas urbanas, Odette Seabra (2011) afirma:

os programas de requalificação urbana, devotados aos espaços centrais das cidades, parecem ser a tentativa de recolher os fragmentos do que resta de um botim. A precoce deterioração das formas de uso do espaço que parecem estar em correspondência com o custo de oportunidade do capital das diferentes localizações intra-urbana acaba por justificar uma nova rodada de políticas de espaço de caráter intervencionista que produz a museificação dos velhos centros. Não se trata de iniciativas ingênuas nelas estão empenhados o Estado, profissionais liberais, bancos de investimentos, empresários. Se produzir espaço sempre foi uma forma de formar capital, nestas condições trata-se de reproduzi-lo. São as reestruturações do espaço medidas, calculadas segundo a lógica interna do processo que necessariamente tem que valorizar o valor. (SEABRA, 2011 p.72)

Podemos entender esta dinâmica do espaço também como uma ação política e que através do poder apresenta-se tanto como uma forma coercitiva, tanto quanto com a autoridade de fundamento legal, no caso das remoções de ocupações de terrenos e imóveis particulares ou públicos por famílias sem-teto, ou do interesse dos proprietários em aumentar suas rendas seja por meio de aluguéis mais elevados, seja pela venda dos lotes. Embora não nos detenhamos na explicação e interpretação deste atual resgate devido a sua complexidade, é perceptível que se trata de um movimento de escala global, que ocorre localmente em diversas cidades e de maneiras distintas.

Para o fim desta construção teórica da pesquisa, podemos encaminhar:

1. O espaço e a sua trama de relações são elementos agregadores, ou o apoio para as memórias individuais e/ou coletivas.

2. Quanto às subjetividades, a memória dá conta do conjunto de experiências e sensações às quais o sujeito teve contato (reais, imaginárias ou representativas) com as paisagens e os lugares.

3. A coletividade das memórias esbarra as peculiaridades da percepção individual, o que oferece o gatilho para a inserção de memórias apropriadas.

4. A fabricação de lugares pode ter consequências nefastas, pois reforça as fraturas socioespaciais, uma vez que a autossegregação e as práticas de especulação imobiliária não são combinadas com mescla e integração de diferentes estratos sociais.

2. METODOLOGIA: ENLACE DO EMPÍRICO E DO TEÓRICO

Neste capítulo trataremos sobre os procedimentos ou técnicas utilizadas na coleta e levantamento dos dados e de informações, que serviram para o enlace entre material empírico e teórico, a fim de provocar a sua interpretação e compreensão de seus significados. Com inspiração nas ideias de Clifford Geertz (1989) sobre as mudanças ocorridas no espaço urbano em suas expressões como paisagem e lugar e processos como apropriação e gentrificação, buscamos, além disso, mais do que a objetividade destas informações sobre o bairro, compreender a construção deste imaginário a partir das atuais intervenções no bairro, em seus lugares e nas paisagens, e assim, nos seus limites e percursos por se tratar um estudo que envolve percepção dos sujeitos sobre o espaço vivido e do viver cotidiano.

Dentre as metodologias disponíveis para esta investigação, o 'estudo de caso foi indicado, já que o seu emprego se dá quando buscamos entender o “como” se dá algum processo. No nosso caso, compreender como a transformação da paisagem impacta na percepção dos sujeitos. Para Robert Yin:

(ele) permite que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real – como no estudo dos ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, a mudança de vizinhança, o desempenho escolar, as relações internacionais e a maturação das indústrias (YIN, 2015 p. 4).

Ainda segundo o autor, o estudo de caso utiliza muitas das técnicas aplicadas na pesquisa histórica, porém, por ser contemporâneo pode agregar outras duas fontes: a observação direta dos eventos que sendo estudados e as entrevistas das pessoas envolvidas nestes eventos.

Uma pesquisa prévia serviu para a análise quantitativa sobre a população do bairro São Geraldo, através de dados estatísticos que estão disponíveis no IBGE, na PMPA, do ObservaPoa, Atlas do Desenvolvimento Humano, além da captura de informações em palestras, e em seminários, onde foram delineados os traçados do diário de campo.

Com base nestas informações que obtivemos foi possível reconhecer os diferentes lugares do bairro, e as possíveis fontes de informações para a elaboração e realização dos questionários e entrevistas e de suas análises. Eles aconteceram entre abril de 2018 e dezembro de 2019, (embora este estudo seja um desdobramento ou a continuidade do trabalho de conclusão de curso, dado no ano de 2017 no bairro São Geraldo e das experiências deste autor).

Houve ainda o aporte teórico com A Imagem da Cidade (1997) de Kevin Lynch, ofereceu elementos para a compreensão das imagens emprestadas pelo espaço urbano aos sujeitos, principalmente no que tange às formas físicas da cidade, que são:

1. Vias: ruas e avenidas, linhas de trânsito, canais etc. por onde os habitantes das cidades as observam, relacionando e organizando os outros elementos ambientais;

2. Limites: não seriam necessariamente entendidos como vias, mas sim como quebras de continuidades lineares, barreiras “*mais ou menos penetráveis*” que podem distanciar ou aproximar regiões (bairros) ou ainda empregando características únicas como um muro ou um corpo d’água;

3. Pontos Nodais: para ele “são pontos, lugares estratégicos de uma cidade”, como “junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra” ou ainda “meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física” cuja influência irradiaria ao ponto de tornarem-se um símbolo – foco e símbolo de um bairro, podendo também ser chamados de “núcleos”;

4. Marcos: são elementos de certa forma impenetráveis, como edifícios, montanhas, torres, chaminés, que também podem estar que podem estar localizados noutros pontos da cidade e que, mesmo assim, conferem o senso de localização aos indivíduos.

5. Bairros: podem ser entendidos como regiões bidimensionais, médias ou grandes de uma cidade, os quais são internamente “*reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam*”, mas que os fazem também “*referência externa*” se vistos da perspectiva inversa.

Para o autor, os bairros estariam também ligados aos conceitos de “*pontos nodais ou núcleos*”, sendo que estes seriam o seu foco intensivo, ao afirmar que eles “são estruturados por pontos nodais, definidos por limites, atravessados por vias e salpicados por marcos” (LYNCH, 1997 p.54).

A importância desta fase da pesquisa foi de suma relevância, uma vez que não se pode tratar das vias de percepção dos indivíduos sem que se estabeleçam parâmetros visuais e descritivos (e sensoriais), o que é dificultado no caso de uma pesquisa realizada em gabinete. Eles foram executados de maneira com que pudessem compreender os distintos fluxos que ocorrem de várias maneiras – automóveis particulares, deslocamentos a pé, com os meios de transporte público disponíveis, oriundos de outras áreas da cidade e da RMPA (como ônibus e Trensurb) – nos dias úteis, feriados e em finais de semana.

Pela Análise de Conteúdo foi possível trabalhar com materiais textuais escritos, imagens e sons. Segundo Bauer (2008, p.185) a AC se organiza em dois tipos: transcrição de entrevistas e protocolos de observação e ainda através de jornais e memorandos de corporações. Esta

técnica pode se valer de textos que tenham sido utilizados com outras finalidades, que, contudo, podem ser manipulados pelo pesquisador afim de responder a sua pergunta através da categorização dos elementos buscados nestes textos. Trata-se de um estudo de determinada realidade. Para esta investigação, deu-se através da pesquisa histórica, com visitas ao arquivo histórico da análise documentos, livros e anais, a fim de se reconstruir o passado do bairro, trazendo à baila os fatos geo-históricos que o marcaram.

A entrevista é utilizada quando se busca conhecer a opinião ou posição de um sujeito, através da aplicação de questionários (que pode ser aberto, fechado ou combinado). Com as anotações e conversas com os informantes colhidas até então, foram encontramos tipos que pudessem compor o universo desta pesquisa (e de modo que hipoteticamente confrontassem entre si as percepções): Moradores (antigos e novos); Comerciantes (antigos e novos) e Frequentadores (antigos e novos).

Optamos por uma entrevista de questionário aberto que é feita por um roteiro flexível e que tem por objetivo as respostas discursivas e interpretativas, funcionando através de um relacionamento comunicativo entre o entrevistado e o entrevistador. Trata-se de um método tipicamente qualitativo, pois ultrapassa a extensão do fenômeno, busca a intensidade e o aprofundamento dos temas. Também se vale da habilidade do entrevistador que deve saber interpretar palavras (e a sua ausência), gestual, além do contexto em que ocorre a entrevista - ocasião, momento. (DEMO, 2002).

Entrevistar não se trata de contar opiniões nem pessoas, mas sim, explorar o espectro das opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Para George Gaskell:

“O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para a compreensão das relações entre atores sociais e a sua situação” (GASKELL, 2008 p. 65).

Ou seja, tem por objetivo entender crenças, atitudes, valores e motivações das pessoas em contextos sociais específicos, como no caso da compreensão da percepção da transformação do bairro.

Ele considera que dependendo da natureza do tópico abordado, do número diferente de ambientes considerados relevantes e os recursos disponíveis não existe um parâmetro quantitativo, ou fórmula para a seleção, pois mais entrevistas não melhoram a qualidade ou proporcionam uma compreensão mais detalhada por duas razões: existem um número finito de versões da realidade, embora estas experiências se pareçam únicas, em alguma medida, são

resultado de processos sociais; e pelo tamanho e empenho envolvido em uma transcrição que podem até superar 300 páginas. (GASKELL, 2008)

Uma pesquisa deve sempre estar preparada para eventuais desvios de sua rota planejada. No início de março de 2020, a pandemia causada pelo coronavírus colocou em confinamento milhões de pessoas ao redor do mundo. Tratava-se de uma doença sem precedentes, de fácil contaminação pelo ar e através do contato com superfícies contaminadas. Este fato limitou o número de entrevistas realizadas, mas não impediu de conhecer as percepções dos tipos ideais encontrados. Dos 20 potenciais entrevistados, apenas 11 entrevistas aconteceram e destas apenas 9 constam nesta pesquisa.

Complementar às entrevistas, a observação participante acrescenta um teor de acompanhamento que pode ser feito mais de perto (quase “convivendo) ou mais de longe (acompanhando comportamentos, sem invasão), revelando aspectos profundos, ambiguidades e ambivalências de pessoas e de instituições (DEMO, 2002).

Se compreendermos o bairro como uma rede de conveniências, partimos para uma perspectiva multilocalizada. Para Panitz e Murillo (2016) por meio dos trabalhos de campo pode-se percorrer trajetos, articulando lugares diferentes entre si para compreender o território e a paisagem, buscando então características, mesmo que sejam necessárias interpretações teóricas e quadros epistemológicos distintos. Para os autores:

(n)a fronteira com a antropologia, os temas contemporâneos na geografia cultural incluem as identidades nacionais e seus desencaixes, as redes técnicas e as tecnologias da informação e comunicação, a circulação de pessoas, mercadorias, e informações que reconfiguram o espaço em diversos níveis. Com isso, os geógrafos colocam em evidência o processo de globalização da economia, mundialização da cultura e a relação entre distintos recortes geográficos. Em nosso entendimento, uma das formas de estudar esses processos, talvez a mais produtiva delas na contemporaneidade, é por meio da perspectiva multilocalizada. (PANITZ E MURILLO, 2016 p. 178)

Ainda, por meio da análise de imagens como as fotos e vídeos encontramos importantes formas de interpretar e perceber os contextos, Peter Loizos (2008) destaca duas possibilidades e limitações para a aplicação de métodos visuais na pesquisa social. A imagem (mesmo desacompanhada de som) é um registro restrito, porém efetivo; ela é capaz de informar sem palavras, nem números (como uma imagem de satélite ou a indicação de um banheiro); e a forte influência dos meios de comunicação, carregados de elementos visuais apelativos, que não podem ser desconsiderados. Por outro lado, podem ser manipuladas ou tornadas simplificações da tridimensionalidade do mundo real, reduções de suas origens. Utilizamos mosaicos de imagens (fotografias) para estas interpretações, também imagens de satélite.

3. COMO FAZER UM BAIRRO?

Uma abordagem fenomenológica da geografia, como na obra de Eric Dardel trata de uma descoberta por geógrafos ou de indivíduos curiosos sobre o mundo que os cerca. O conhecimento geográfico, para o autor, objetiva esclarecer os signos revelados pela terra sobre a condição humana e o seu destino: “a geografia não implica somente o reconhecimento da realidade em sua materialidade ela se conquista como técnica de ‘irrealização’ sobre a própria realidade” (DARDEL, 2011, p. 5). Então, sendo a cidade uma realização humana, ela “nasce” em um dado momento da história e, se transforma no decorrer do tempo, enquanto abandona e assume formas, substituindo conteúdos e transformando funções e as percepções dos sujeitos.

Podemos começar com uma pergunta simples: O que é um bairro?

Durante o desenvolvimento das cidades os bairros responderam distintamente ao conjunto urbano: enquanto alguns eram pequenos vilarejos distantes das sedes dos municípios e acabaram conurbados, outros foram devidamente planejados obedecendo técnicas urbanísticas em respeito à cidade e a seus moradores e usuários ou mesmo à estética desejada pelos incorporadores, e ainda outros, literalmente espontâneos dentro de lotes desocupados. É nesta relação em que se torna possível compreender marcas de tempos e funções sobrepostas umas às outras, que interagem entre si.

Por meio de diferentes escalas temporais, entendemos que embora exista uma homogeneidade de uma cidade, ou seja por sua temporalidade, há também uma oportunidade compreender e de diferenciá-la, quando analisada por seus bairros (desde que sempre articulados com o seu entorno). Assim, ao observá-los isoladamente eles não corresponderiam para o entendimento da heterogeneidade e nem da multiplicidade de cidades e metrópoles e nem das suas relações espaciais. Para tal, devemos levar em consideração as relações sociedade-espaco, mas também as relações de acumulação que fazem de certos lugares estarem incluídos ou não nestas dinâmicas.

Neste sentido, para Odette Seabra:

As diferentes temporalidades históricas ficam inscritas nos lugares. A explicação teórica incide sobre os mecanismos próprios da reprodução capitalista, essencialmente porque as relações ou os nexos do capital enquanto forma da riqueza estabelecem-se em extensão e em profundidade. Em extensão, a reprodução capitalista sempre integrou de modo sistêmico novas áreas e definiu novos espaços de atuação. Todas as formas de colonialismo acabavam por realizar esse processo. Em profundidade, essas mesmas relações sempre tiveram a potência de redefinir a história, aquela vivida como banalidade, a do homem comum e cotidiano (SEABRA, 2004 p. 186).

Marcelo Lopes de Souza (1989) já apontava a escassez de materiais acerca dos bairros, e que, mesmo na geografia, seja superficialmente discutido teoricamente. Mas ele formula ideias que propõem um conceito alternativo e que possa ser discutido em futuras investigações, sugerindo, inicialmente, que: “o bairro, qualquer bairro, é simultaneamente uma realidade objetiva e subjetiva/intersubjetiva, e estas duas dimensões interpenetram-se e condicionam-se uma à outra ao longo processo histórico” (SOUZA, 1989, p. 148). Então, sendo a realidade social uma dialética entre o objetivo e o subjetivo, se entendemos ela como uma identidade perceptível interna e externamente.

Encontramos em Souza uma provocação, quando este afirma que, sob a ótica da fenomenologia os bairros corresponderiam às parcelas da cidade constituídas para o indivíduo como seu espaço vivido e sentido, onde estão localizados a sua casa, quiçá tenha nascido e encontre seus amigos, mas assim colocados de maneira ideal. Outros, porém, ali residem ou frequentam sem que sejam despertados quaisquer tipos de afeto, empatia ou como referência do cotidiano, não estaria configurado como um bairro. E ainda uma terceira via ainda, seriam as pessoas em que tem neste espaço uma parcela pouco significativa de suas realidades. A este sentimento de simpatia e de pertencimento o autor chama de “bairrofilia”, em alusão à obra de Tuan, mas também às sensações envolvidas na memória, como em Halbwachs.

Já Pierre Mayol (1998) ao observar a vida cotidiana dos bairros entendeu que ela se organizaria sobre dois aspectos: *os comportamentos* e *os benefícios simbólicos que se espera obter* através deste modo de proceder no espaço do bairro, o que levaria a considerar este como uma questão de *conveniência* onde através dos comportamentos e dos seus benefícios cederá em troca da vida coletiva, no lugar das práticas sociais e ainda está inserido no limiar do espaço público e do privado, como uma descrição estatística de comportamentos, relacionados com uma atividade previamente determinada como cultural e que combine de forma mais ou menos fluída ou coerente elementos do cotidiano que são concretos (como um cardápio ou um panfleto de farmácia) ou ideológicos (religiosos ou sociais) que acontecem diariamente nos comportamentos, logo, são reflexos fragmentados de realidades diversas que formam a identidade de um usuário ou grupo, da mesma maneira em que se estabelecem as relações sociais inscritas no bairro.

Num sentido mais amplo para nossa análise, o artigo *A metrópole e a vida mental* de Georg Simmel que foi publicado pela primeira vez em 1902, investiga como a personalidade se adapta aos estímulos exteriores aos cidadãos metropolitanos, a liberdade experimentada pelo viver na metrópole estaria baseada em uma série de concessões e códigos, as quais destacamos:

- pela *intensificação dos estímulos nervosos* o que exigiria assim, um nível mais elevado de consciência e de intelectualização, em detrimento das relações próximas e afetivas da vida rural ou de uma pequena cidade;
- na *economia monetária* as relações, então racionalizadas, passam a ser quantificadas e precificadas;
- na *atitude blasé* que é resultado destes estímulos contrastantes e intensificados e da quantificação, individualmente, uma inabilidade ante as novas sensações.

Seabra (2004) também investigou as implicações da industrialização na evolução das cidades e no seu cotidiano. O cotidiano se dava movimento de trabalhadores rumo às fábricas e às ocupações urbanas, sobretudo na transformação das formas de uso do tempo, resultado do aprofundamento da divisão do trabalho, diversificação dos empregos, dentre outras. Para ela:

Até essa época, o cotidiano pensado como banal e rotineiro era ainda espelhado no ritmo cíclico do tempo (dia e noite). As totalizações operadas na sociedade, integradoras das suas diferentes esferas no nível da política e da economia (o Estado produzindo as leis e as normas, e o mercado ditando o preço/valor dos bens), ainda não tornavam necessário trazer o cotidiano à teoria e ao conceito. (...) A vida cotidiana como conceito refere-se aos conteúdos da vida na modernidade, os quais seguem sendo transformados pelas tecnologias do cotidiano e por elas modulados, caracterizando uma maneira de viver ou um modo de vida regido pela lógica da mercadoria. (SEABRA, 2004 pp. 189 - 190)

Para ela ainda:

Em relação aos bairros, a cidade apresentava-se como o outro, o diferente, o distante, como lugar a ser conquistado. À perda gradativa dos espaços de representação corresponde a aceleração no uso do tempo, como consequência da modernização capitalista, à medida que o cotidiano urbano (a vida cotidiana) se constituía. (SEABRA, 2004 p. 189)

Em uma aproximação destes autores, entendemos que esta conveniência é partilhada e exerce contribuição com e dos demais sujeitos, e assim faz parte de uma formação das imagens sobre estas porções da cidade e que vão reforçando ou erodindo vínculos com os lugares.

Para Michel de Certeau (1992) a orgânica de um bairro deve ser aprendida constantemente, já que o envolvimento do corpo do usuário se apropria do espaço público progressivamente, por repetição, fazendo este uma zona de transição entre o que é mais íntimo e conhecido – sua habitação – e o restante do mundo. Através dos percursos individuais feitos no bairro se revelam espaços de relações entre os sujeitos e os mundos físico e social. Nesta intimidade, conhece os lugares, os comerciantes, os vizinhos, sentindo-se em um “território

próprio” de forma a produzir e organizar este dispositivo social e cultural, onde o espaço urbano é um objeto de conhecimento, também um lugar de reconhecimento, expressão da arte de convivência com parceiros, ligados pela proximidade e pela repetição.

Quando Souza (2016, p. 152) retorna a discussão, também elabora uma analogia entre os bairros e as regiões, já que ambos sugerem uma conveniência inteligente e adequada de aspectos distintos, e que permite uma investigação analítica e de reconstrução., diferentemente dos neopositivistas ao entenderem como um “*desmembramento conceitual*”. Nos bairros ditos “clássicos” são encontrados “conteúdos” ou critérios orientariam a pesquisa de suas características, entre a objetividade e a (inter)subjetividade, de acordo: a) “*conteúdo composicional*” que compreende as características “objetivas” relativas à composição de classe e de atividades econômicas, bem como da morfologia espacial; b) “*conteúdo interacional*”: no tocante das relações entre indivíduos e os grupos, observando as “centralidades” e as “forças centrípetas”, ou seja, subcentros de comércio e serviços; c) “*conteúdo simbólico*”: um espaço vivido e percebido dentro da cidade, ultrapassando a ideia de um recorte baseado em critérios objetivos definidos em gabinete.

Esta articulação entre os conteúdos, para ele, tornaria viável o estudo destas “regiões” da cidade. que concordaria com Milton Santos (2014) quando afirma que o estudo das regiões (em si) levaria a penetrar em uma trama de relações, formas, funções, organizações, estruturas etc., com diferentes escalas de interação e contradição.

Os bairros evocariam ideias de um espaço vivido e percebido, e se aproximariam muito mais de conceitos como lugar e paisagem, porém, partir do último quarto do século XX, as cidades - em especial as metrópoles - passam a fazer parte de um circuito de reprodução do capital, com a especialização das atividades produtivas. Desta forma, é possível compreender que também são responsáveis pelo ambiente entorno dos sujeitos e de sua percepção.

Neste sentido, Santos e Silveira (2012[2001]) chama a atenção à uma das características deste período inicial do século XXI: a necessidade de instituir meios para a maior circulação de homens, produtos, do dinheiro, da informação. Para o autor, haveria *espaços luminosos* e *espaços opacos*, ou seja, a luminosidade estaria na capacidade de acumulação técnica e informacional, aptos para atração de atividades com maior conteúdo de capital, tecnologia e de organização, o que não ocorreria nos opacos. Dada sua consistência técnica e política, os espaços luminosos estariam propensos à participação das regularidades e da lógica que atenda aos interesses das maiores empresas. É por este motivo que lançaremos um olhar sobre a alternância entre períodos de opacidade e luminosidade.

Com a integração do território brasileiro e a divisão o movimento das fronteiras econômicas, novas fontes de riqueza e outras dimensões de pobreza se estabelecem nas grandes cidades por isto, necessariamente as questões econômicas se tornam estruturantes na compreensão destas relações que forjam a dinâmica urbana. Uma vez que grandes vazios são deixados pela transferência das indústrias ou desativação de estruturas portuárias e permanecem como reserva de mercado, existe carência de moradias e habitações populares e de iniciativas que promovam estas em áreas não distantes dos empregos. A lógica da acumulação capitalista acaba encontrando nas ações governamentais a autorização, através de Operações Urbanas Consorciadas e das ações de marketing, a oportunidade de iluminar certos espaços das cidades, com a isenção de impostos, instalação e qualificação de equipamentos públicos, por exemplo.

Como disse Milton Santos: “não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante” (SANTOS, 2017, p.66). O século XXI apresenta então uma necessidade de renovação da compreensão do papel dos bairros dentro de uma cidade, com a adição de outros elementos que possam reestruturar a sua compreensão, superando a visão clássica, ao abordar os movimentos de reestruturação urbana, o aumento efetivo da autossegregação com a construção de condomínios e bairros planejados e que impactam diretamente na percepção do impacto da vida metropolitana (ou das grandes cidades) sobre a mente dos seus cidadãos, em especial às transformações que ocorrem no seu bairro, às suas conveniências, ao seu lugar.

4. TRAÇADO E MEMÓRIAS DO BAIRRO SÃO GERALDO.

Neste capítulo trataremos do bairro São Geraldo ocupando-se em relacionar acontecimentos que o marcaram; desde o surgimento da cidade, do Arraial dos Navegantes, seu loteamento, industrialização e desindustrialização, o desmembramento em bairros, a criação de seus novos limites e dos seus marcos. Existem diversos textos foram consultados e que serviram como condutores no esforço da reconstrução deste espaço: leis, decretos e atos municipais, as crônicas de Sanhudo, Guido Mondin; estudiosos de Porto Alegre e a sua urbanização, como Macedo (1968), Souza e Müller (2007), Franco (2000), Panizzi e Rovatti (1993) e Furtado (2011), Stroheacker (2005), dentre outros e recursos de mídias digitais, como jornais e o site da prefeitura municipal de Porto Alegre.

Sobre a necessidade de se compreender os diferentes momentos da história, o geógrafo Milton Santos argumenta ser através do “significado particular, específico, de cada segmento do tempo que apreendemos o valor de cada coisa num dado momento”, assim, ao se alcançar uma periodização é possível uma empirização efetiva para redefinir as coisas, já que elas se apresentam como se fossem as mesmas: pela sua forma, realidade de existência, por seu corpo. O tempo do lugar, para ele, é o conjunto de temporalidades próprias de cada ponto do espaço, que se define não por uma técnica apenas, mas pelo conjunto das técnicas que coexistiram em um determinado ponto do espaço (SANTOS, 2014).

Ele adverte, porém, da possibilidade de uma falsa interpretação, (como presente nas memórias inventadas de Halbwachs), já que as formas e conteúdos se alteram no percurso histórico. E sob determinadas condições políticas e da sociedade, as atividades produtivas afetam os níveis de emprego e dos sistemas de engenharia.

Apoiados na ideia trazida por Abreu (2013) de reconhecer que, cada lugar é ao mesmo tempo, em cada momento histórico, o ponto de intersecção de processos sociais que se desenvolvem em diferentes escalas, onde alguns se explicam nas singularidades locais, outros através da ampliação da escala de análise (região, Estado-nação). Para o autor “não basta analisar a atuação dos processos sociais no espaço. Temos que dar conta também do espaço onde esses processos atuaram” (ABREU, 2013 p. 33), ou seja, do espaço concreto, material, onde o cotidiano acontece que o torna complexo e singular, feito de dominações e contingências.

Quando observarmos as transformações das funções adotaremos uma periodização, que foi trazida por Souza e Müller (2007), nesta organização, segundo as autoras, há um duplo

objetivo: o de apresentar de forma sintética uma análise das inter-relações dos vetores de desenvolvimento e crescimento de Porto Alegre e de servir como pano de fundo aos estudos específicos desta cidade, em especial aos pontuais, cotidianos de sua população e das suas práticas sociais, como no caso desta pesquisa.

Assim, estão propostos estes cinco períodos, compilados pelas autoras:

1º período - ocupação do território (de 1680 até 1772): anexação do território do Rio Grande do Sul ao Brasil colonial, povoados desenvolvem-se a partir do caminho para a Colônia do Sacramento, Porto Alegre passa a receber casais açorianos, que viriam a ocupar também as terras do Vale do Jacuí.

2º período - trigo (de 1772 até 1820): com o aumento da produção de trigo escoado por Porto Alegre, criam-se condições para o desenvolvimento portuário e urbano.

3º período - imigração (de 1820 até 1890): marcado pela estagnação econômica, a baixa da produção do trigo e a Guerra dos Farrapos, mas também de desenvolvimento efetivo da atividade portuária e pela chegada dos imigrantes europeus.

4º período - industrialização (de 1890 até 1945): o desenvolvimento econômico consolida Porto Alegre como um mercado consumidor, quando passa a produção industrial em detrimento a importação de bens e produtos.

5º período - metropolização (a partir de 1945): os impactos da industrialização, alto crescimento populacional, deslocamento das indústrias às outras áreas da recente região metropolitana.

No nosso caso os dois primeiros períodos (entre 1680 e 1820) podem ser entendidos como uma unidade, pois caracterizam a formação do sítio de Porto Alegre, ainda restrita à península, porém pontuando os registros históricos acerca urbanização das terras do Arraial dos Navegantes. Entendemos também, que o período que compreende a metropolização possa ser dividido, desta forma:

6º período – (re)organização dos espaços urbanos (a partir dos anos 2000 até os dias atuais): marcado pelo declínio das operações de indústrias e serviços no bairro, mas também pelo incentivo à formação de novas centralidades ou polos de desenvolvimento e consequentes mudanças.

4.1 Os primeiros Navegantes (1680 até 1820).

Se sabe que anteriormente as terras do Rio Grande do Sul, logo, Porto Alegre já eram habitadas anteriormente à chegada dos europeus e que embora não se trate do objeto desta pesquisa, é tido que a ocupação deste sítio tenha acolhido uma aldeia indígena, e territórios de tribos de povos originários como os Charruas, Guaranis e os Kaingangs.

Por volta de 1680, os sesmeiros que já estavam instalados (Dionísio Rodrigues Mendes, Sebastião Francisco Chaves e Jerônimo de Ornelas) desenvolviam atividades ligadas aos rebanhos selvagens de bovinos, muares e cavaleares, bem como a criação e o tropeirismo. Em especial, para esta pesquisa, Jerônimo de Ornelas, cuja Sesmaria de Sant'Ana compreendia terras que tinham limites ao Sul o arroio Dilúvio até a várzea do rio Gravataí, ao Norte. Estas ocupações por si não estimulariam o desenvolvimento de povoados e cidades, tampouco o crescimento de portos, porém, dados os regramentos das concessões não poderiam ser impedidos os acessos às fontes, portos e pontes (FRANCO, 2000).

Porto Alegre, com fortes ligações com a América hispânica, por aqui continuávamos numa situação de limites: geográfico e cultural, enquanto o Brasil ia se estabelecendo pelo litoral do centro-nordeste. Mas em 1752, dois anos após a celebração do Tratado de Madrid¹⁴ e com vistas ao fortalecimento das terras portuguesas, são enviados 60 paulistas armados e municidados para preparar a migração aos Sete Povos das Missões¹⁵.

Em uma primeira descrição deste arraial consta que era de casas com telhados de palha e foi feita pelo oficial Miguel Angelo de Basco, em 1754, integrante da comitiva do coronel Gomes Freire de Andrada. Como ocorrera nas cidades coloniais – e principalmente nas áreas de conflito – a cidadela era cercada por muros e paliçadas e o seu crescimento e desenvolvimento deu-se, principalmente no curso das estradas e dos caminhos que ligavam às cidades vizinhas. Enquanto as sesmarias que tinham por finalidade a ocupação do território tinham suas lides com a exploração dos rebanhos, os açorianos as tinham no plantio do trigo e com a sua produção, surgindo então a demanda portuária.

Após a invasão de Rio Grande em 1763, a capital da província se transfere para Viamão, até que 10 anos depois, dado o crescimento fundamentado nas funções comercial e portuária, Porto Alegre assumia este posto. Em 1772 a sesmaria de Ornelas é desapropriada pela coroa e sua área é partilhada entre outros casais açorianos que desembarcaram. Já em 1790, o panorama

¹⁴ Segundo Souza e Müller (1997) este tratado permitiu a troca da Colônia do Sacramento pelas Missões, incrementado com a chegada de açorianos, com vistas a fixação do território e a exploração.

¹⁵ Conforme Souza e Müller (2007); Franco (2012)

de choupanas na península, passa a se transformar, com a instalação da primeira fábrica de telhas, na estrada da Costa do Rio, em uma região que logo se destacaria e se consolidaria como uma região dos mais variados serviços (FRANCO, 2012).

No ano de 1812¹⁶, quando o governador D. Diogo de Souza ordena o prolongamento do que já havia do Caminho Novo, paralelo à Estrada da Costa do Rio, (FORTINI, 1962), provoca uma a organização das chácaras e que levaria à sua urbanização nos seus quase quatro quilômetros em direção à várzea do Gravataí, através do seu eixo, vindo a contribuir para o adensamento da população do Arraial dos Navegantes¹⁷. Auguste Saint-Hilaire, em sua viagem descreve o Caminho Novo como um “encantador” que lembrava as agradabilidades da Europa.

4.2 Outros navegantes, outras imigrações (1820 até 1890).

Os registros sobre a ocupação do Arraial dos Navegantes começam após 1824, quando, conforme Monteiro (2012), chega a primeira leva de imigrantes alemães à Porto Alegre em direção à Real Feitoria do Linho e Cânhamo¹⁸ (depois São Leopoldo) - ainda reforçando a necessidade de fixar população e da garantia do território português - necessitavam aguardar pelo transporte fluvial para a parte final de seu deslocamento através dos meandros do rio dos Sinos, quando muitos artesãos acabaram por se estabelecer em choupanas na várzea próxima à sua desembocadura, em uma área que também era usada por tropeiros que se dirigiam à Aldeia dos Anjos de Gravataí e ao vale do rio dos Sinos.

Estima-se que entre 1824 e 1829 mais de cinco mil alemães espalham-se pelas margens do vale do rio dos Sinos, mas também subindo a encosta da serra pela sua margem direita e estabelecendo-se em pequenas propriedades, com mão de obra livre e incrementando a economia do Estado com a diversificação da agricultura. De acordo com Pesavento: “A presença de imigrantes na cidade resultou na ocupação das áreas que orbitavam em torno do Caminho Novo, cada vez mais repleta de fábricas e pequenas indústrias” (PESAVENTO, 1991 p. 24). Porto Alegre também passava a receber a produção agrícola do interior, além de organizar as exportações e distribuir as importações de bens (pelas populações e para a

¹⁶ Esta estrada foi aberta em 1806, sendo uma das primeiras a fora do esquema viário da época, restrito à península, e que iniciava na praça XV de Novembro à Leste, no caminho da atual avenida Voluntários da Pátria que liga o Centro Histórico ao bairro Navegantes.

¹⁷ Franco (2000, p. 55)

¹⁸ Conforme Macedo (1968) os imigrantes chegam para substituir os negros escravizados, em tal feitoria que não atingira os seus objetivos, tendo a sua função substituída com a cessão de terras aos imigrantes.

reprodução econômica e social) que eram trazidas naturalmente pelo curso dos rios e da Lagoa dos Patos¹⁹.

Após um breve período de expansão, durante o período da Revolução Farroupilha (entre os anos de 1835 e 1845), a cidade se resguardou nos muros - na verdade paliçadas - que a cercavam, produzindo uma “*estagnação geral, inclusive referente ao aumento da população*”²⁰ que cessou vinte anos mais tarde, enquanto uma crise se instalou na produção de charque no sul da Província, mas também quando houve organização do comércio das colônias alemãs (STROHAECKER, 2005). Findado o cerco, estabelecem-se novos arruamentos fora do centro, surgem os núcleos populacionais próximos à cidade, os arraiais, que mais tarde dariam origem a bairros de Porto Alegre, como Menino Deus, São Miguel (Santana), São Manoel (Moinhos de Vento) e Navegantes (SOUZA E MULLER, 1997)²¹. Ali são construídos olarias, matadouros, moinhos e onde também se estabelecem doceiras, lavadeiras e negros alforriados.

Os contornos e artérias do que vamos entender atualmente pelo São Geraldo começam a aparecer, quando foi orçada em 1851 e posta em hasta pública a arrematação do serviço²² de uma das primeiras ruas no sentido leste-oeste e aberta em 1852, ligando Estrada do Ilhéu e o Caminho Novo (Benjamim Constant e Voluntários da Pátria) a Estrada de São Pedro foi viabilizada pela cessão de terras do desembargador e senador Pedro Rodrigues Fernandes Chaves e do “finado” Antônio José Rodrigues Ferreira e de seus herdeiros. Esta via desde 1874 recebeu melhorias, entre 1908 e 1914 quando se executaram serviços de encascalhamento e de terraplanagem. Em 1931, o Prefeito Alberto Bins, encaminha a sua pavimentação com faixas de rolamento de concreto e em 1933 a esquina com a avenida Benjamin Constant ganha um abrigo para passageiros de bondes. Para Franco (1988), esta toponímia se relaciona, ainda que indiretamente, ao seu benfeitor mais ilustre o desembargador Pedro Chaves.

Após a instalação do farol de Itapuã em 1860, os atracadouros locais passam a receber um maior número de navios, logo, um maior número de manufaturas, de pequenas fábricas e depósitos se instalam no Caminho Novo. Destaca-se, entre as melhorias e da expansão da cidade ao norte da península, que no biênio 1861-1862²³ fora orçado, o aterro do Caminho Novo e que este fato teve repercussões, inclusive já no aumento dos valores dos terrenos destas áreas que estão entre o morro da Independência e o delta do Jacuí.

¹⁹ Souza e Muller (2007)

²⁰ Souza e Müller (2007, p. 31)

²¹ SOUZA E MULLER (1997, p.63)

²² Foi realizado leilão para execução das obras.

²³ MAZERON (1928)

No ano de 1870, um requerimento da presidência da província, solicita a transmissão de terras de propriedade da senhora Margarida Teixeira de Paiva para a abertura de duas grandes vias Sertório e São José (as atuais avenidas Sertório e Frederico Mentz, respectivamente) que ligariam a Estrada de Gravataí e a Estrada de Dona Teodora ao Caminho Novo. No ano de 1875, acabaria marcando o “início” da região dos Navegantes²⁴, quando Dona Margarida²⁵ cede parte de suas terras entre as atuais avenidas Voluntários da Pátria²⁶ e Sertório, com a finalidade de construir uma capela em devoção à padroeira dos marujos Nossa Senhora dos Navegantes, também uma área que deveria ser usada para seus festejos.

É neste 1875 que começam a desembarcar outros imigrantes, quando aportam no Rio Grande do Sul os italianos, que viriam se estabelecer nas terras da encosta da serra (não ocupadas pelos alemães), centralizados em Caxias do Sul e contribuiriam para o desenvolvimento o comércio e da diversificação da agricultura regional e no desenvolvimento portuário de Porto Alegre. Até o ano de 1889 aproximadamente 60 mil italianos entraram no território gaúcho. Parte destes permaneceu na cidade em locais como o Navegantes, parte retornou após dificuldades de sua instalação nas áreas de colonização (SOUZA e MÜLLER, 2007).

No ano de 1876, Margarida de Paiva e João Inácio Teixeira requereram à Câmara Municipal os terrenos defrontes as suas propriedades, na avenida Voluntários da Pátria – devidamente concedidos desde que não obstruíssem o acesso à orla (FRANCO, 1988). A estrada de ferro que ligaria Porto Alegre às novas ocupações mais ao norte, em Novo Hamburgo foi iniciada em 1869 além da instalação da primeira estação dos Navegantes causou um maior dinamismo ao local (SOUZA E MÜLLER, 2007) que foi acentuado ainda pela chegada da linha do bonde no ano de 1888.

4.3 Navegantes: um bairro cidade (1890 até 1945).

Por volta dos anos 1890 a população da cidade estima-se ser entre 46.000 e 50.000 habitantes, conforme Franco (1988), quando está em processo a abolição do sistema escravista, segundo o mesmo autor (2000), se inicia o período do seu desenvolvimento industrial e de expansão horizontal da cidade. Em 1893, de acordo com a Estatística Predial o Navegantes

²⁴ FORTINI (1962)

²⁵ Ainda hoje se preserva a toponímia

²⁶ O Caminho Novo passou a se chamar rua Voluntários da Pátria em 1870, em homenagem aos combatentes da Guerra do Paraguai.

contava com 500 construções (destaca-se que 285 destas edificações estão na avenida Voluntários da Pátria, que corta 3 bairros e outras 92 restantes estariam na Rua do Parque).

No ano de 1893, o relatório do intendente municipal Alfredo Azevedo ressaltava a importância da construção de um cais, queixando-se ainda de concessões equivocadas à particulares dos terrenos situados no litoral, nos idos dos anos 1870, conforme Franco (1988). No curso da Voluntários da Pátria, instalam-se então, até as proximidades da avenida Ramiro Barcelos serviços diversos, atracadouros e trapiches e mais ao norte as indústrias. Para Pesavento:

“com a consolidação do surto fabril, nascem os bairros operários e loteiam-se inúmeros territórios antes ocupados por sítios e chácaras (...) a incorporação de novos espaços a serem urbanizados abre-se como um novo canal de lucro para os capitalistas que se apressam a investir no campo imobiliário, loteando áreas distantes e agora valorizadas pela expansão urbana (PESAVENTO, 1991 p. 42).

Nisto, entre as atuais avenidas Benjamin Constant e Voluntários da Pátria começam os trabalhos de loteamento do que hoje são os bairros Navegantes, São Geraldo e São João pela Companhia Territorial Porto Alegrense (CTPA). Strohaecker (2005) em sua análise da atuação pública e privada na formação do mercado de terras em Porto Alegre, entre 1890 e 1950, aponta esta companhia com forte presença na zona norte da cidade, sendo que esta promovia loteamentos destinados aos diferentes grupos de renda, conforme o sítio e a localização dos mesmos. Assim, os lotes oferecidos ao operariado e aos imigrantes (alemães, italianos e poloneses em sua maioria) eram mais baratos e que se estabeleceram perto das indústrias e fábricas, além de se localizarem em áreas distantes do centro e facilmente alagáveis; enquanto os lotes com melhores posições, próximos aos bairros Moinhos de Vento e Independência como os do loteamento Bela Vista visava à classe média e descendentes de portugueses que estavam ligados ao comércio.

A CTPA, tinha entre seus incorporadores Manoel Py, Antonio Chaves Barcellos, José Luiz Moura de Azevedo e Eduardo de Azevedo de Souza Filho, atuou intensamente na urbanização do São Geraldo e seu objetivo era compra de terrenos e prédios, além da venda das diversas matérias-primas contidas nestas terras (madeira, saibro, pedra, aterro) e da construção de prédios em suas propriedades. Em 1893, Eduardo de Azevedo de Souza Filho doa terras que possibilitaram a abertura da avenida Eduardo (hoje Presidente Franklin Roosevelt), assim como fazem a CTPA, além de seus diretores e executivos e diversos outros proprietários (STROHAECKER, 2005).

Por causa do seu traçado ortogonal das ruas e avenidas faz aumentar a dificuldade encontrada até hoje pelos sujeitos na diferenciação de seus limites, além do fato de que ruas e

avenidas destes novos loteamentos homenageavam cidades e estados brasileiros, no que se refere ao São Geraldo, encontram-se Olinda, Amazonas, Bahia, Pará, Minas Gerais, dentre outras, mas também de diferentes países (Germânia, Itália, França, Viena, Madrid), além de personalidades locais que contribuíram para a execução e implantação destes (Eduardo, Moura de Azevedo) e outras que tiveram alterações em suas nomenclaturas como a avenida Industrial (Polônia) e a avenida da Fábrica (Guido Mondin) e a avenida do Parque.

Ao fim do século XIX a estrutura urbana destes locais já se apresentava similar à dos acessos atuais: a Estrada de Canoas (BR-116 / Voluntários da Pátria) e a Estrada do Passo D'Areia (Assis Brasil e Benjamin Constant) e a instalação das fábricas nas áreas próximas ao rio e à estrada de ferro atraem ainda mais operários. Destacaram-se na região: Tecidos Renner e Rio Guahyba no bairro Navegantes, Alumínios Royal e os Moinhos Riograndense e Chaves no bairro São Geraldo.

Destacamos três aspectos importantes deste período aspectos importantes: com o advento fabril nascem bairros operários em áreas antes ocupadas por sítios e chácaras; proporcionam novas oportunidades de lucro aos capitalistas que investem no campo imobiliário; aumenta a pressão sobre o governo em relação às melhorias de saneamento básico, fornecimento de energia, transportes, enfim, toda a rede de serviços urbanos. Muitos dos empregados destas indústrias residiam em casas construídas pelas firmas, ou alugadas construídas por particulares. (PESAVENTO 1991)

Nos cabe destacar a Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegre (FIATECI), cuja implantação no ano de 1891 agiu como um elo para a dinâmica transformadora deste do bairro, mas também:

(e)mbora possa ser apontada como uma indústria beneficiadora de matéria-prima oriunda da pecuária da campanha, na sua formação esta indústria se prende a outro circuito de acumulação. Seus incorporadores — Coronel Manoel Py, Comendador Antônio Chaves Barcelos, Nogueira de Carvalho & Cia e Antônio José Gonçalves Mostardeiro — eram comerciantes, cujos negócios se centralizavam no novo centro econômico que passou a despontar no final do século: Porto Alegre, escoadouro da produção colonial imigrante e sede de um ativo comércio e transações bancárias. (PESAVENTO, 1986 p. 71)

Há esse tempo, em 1902, os teuto-brasileiros fundam a Deutsche Evangelisch-Luthersche Gemeinde zu Porto Alegre (Congregação Evangélica Luterana Alemã de Porto Alegre), também uma escola na esquina da rua Voluntários da Pátria com a avenida Brasil. Cinco anos mais tarde, a comunidade luterana adquire de Manoel Py os terrenos onde ainda estão estabelecidos (juntamente com o que veio a se chamar mais tarde de Colégio Concórdia),

inaugurando a capela em 1907, na esquina da av. Pátria e av. Eduardo (KUCHENBECKER, 2002).

Embora no interior do bairro, ainda houvesse áreas alagadiças²⁷ e pouco ocupadas entre os anos 1890 e 1910, durante o loteamento não haviam sido reservados espaços para o recreio das famílias moradoras do entorno, como praças ou recantos, até que Otávio Rocha, através de decreto em 1927, institui a Praça Pinheiro Machado a primeira do bairro²⁸.

Fundada por imigrantes italianos vindos da região de Veneza²⁹, a Sociedade Carnavalesca Gondoleiros, em março de 1915 também se estabeleceu na avenida Eduardo, e preserva na sua fachada a escultura em concreto de um gondoleiro. Este espaço foi bastante conhecido nos anos seguintes pela sociedade porto-alegrense, por seus bailes e os desfiles promovidos em tal avenida. A igreja que dá o nome ao bairro teve sua pedra fundamental lançada em 1940 e se destaca pela arquitetura neoclássica.

As primeiras décadas dos anos 1900 somaram-se outros aos imigrantes já estabelecidos, os poloneses, que logo tratam de se organizar em sociedades culturais e recreativas. Duas destas, a Sociedade Águia Branca e a Sociedade Tadeu Kosciusko se unem em 1930, formando a Sociedade Polônia, cuja sede está situada na esquina avenida São Pedro e Pernambuco. Há também uma igreja da comunidade polonesa onde ainda são realizadas missas no idioma polonês, na avenida Presidente Roosevelt.

Ainda se destacam no São Geraldo as comunidades Metodista (fundada em 1902) também estabelecida na avenida Presidente Roosevelt e da Igreja Eslava na avenida Ceará. São encontrados diversos centros kardecistas em funcionamento há décadas e centros de religião de matriz afro-brasileira e uma loja maçônica.

À essa época, se instala outro modal de transporte na região, o Campo de Aviação, área pertencente à Brigada Militar que passa a ser utilizada pela Viação Aérea Rio Grandense, nas adjacências do bairro São João e do rio Gravataí onde hoje se localiza o Aeroporto Internacional Salgado Filho elemento que ainda hoje representa grande importância e destaque na paisagem desta porção da cidade e no acolhimento de viajantes.

Outras denominações passaram a ser empregadas ao antigo Arraial dos Navegantes, o conjunto de bairros que vão do Centro Histórico até o Passo da Areia, pelo contorno da várzea do Gravataí e do arroio d'Areia: o Quarto Distrito foi uma denominação em vigor desde 1892

²⁷ MACEDO (1968)

²⁸ FRANCO (1988)

por ordem do intendente Alfredo Azevedo, que organizou o território da cidade em 6 distritos, o historiador Guido Mondin ainda lhe identifica como Navegantes-São João.

Em 1927 uma nova organização da cidade propunha as zonas rural, urbana e suburbana e ainda distritos e seções, o que diminuiu a sua abrangência³⁰ que permaneceu vigente até 1959, pois, seguia uma lógica regional, além de contar com uma certa homogeneidade das atividades industriais e de moradia dos seus bairros, como representado na figura abaixo:

Figura 09: Mapa de Porto Alegre (1916)



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre .

O 1º Distrito era compreendido pela península do atual Centro Histórico, à direita o 2º Distrito, rumando ao sul, o 3º Distrito seguido o 4º Distrito. O 5º Distrito localizava-se no interior da cidade, ao sul do 2º. Com o tempo e a divisão em bairros, os distritos deixaram de ser usados, com exceção do o 4º Distrito, o antigo o distrito industrial da cidade.

Em 1920 Porto Alegre já é a maior economia do Rio Grande do Sul, ultrapassando Pelotas, o que foi favorecido pela instalação de complexos industriais de grande porte na região.

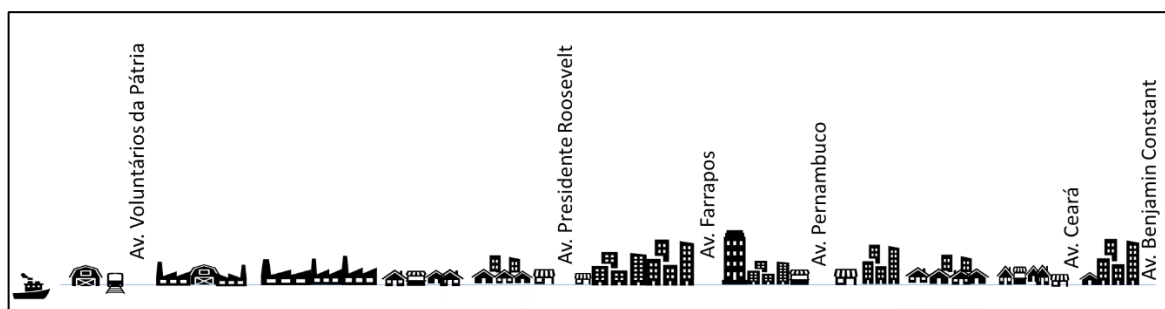
³⁰ Segundo FORTINI (1962) faziam parte do chamado Quarto Distrito: São Geraldo, Navegantes, Dona Teodora (Humaitá e Farrapos), São João, Auxiliadora, Higienópolis, Fatima (IAPI), Anchieta, Boa Vista, Cristo Redentor, Vila Floresta, Vila Progresso e Vila Ipiranga.

Com isto, os acessos à cidade precisaram ser melhorados e as vias também sofreram grandes alterações. Durante o Estado Novo, sob a intendência de Loureiro da Silva, foi elaborado um Plano Diretor para a cidade, o Expediente Urbano, elaborado por Arnaldo Gladosh planejou como das desapropriações para a implantação da avenida Farrapos (antes avenida Minas Gerais), para a sua abertura, planejada desde 1914³¹.

Foram necessários diversos processos de desocupação unilaterais (que foram favorecidos por leis discricionárias da ditadura) entre os anos de 1939 e 1940 no governo de Loureiro da Silva. Guimaraens se refere à esta via como uma grande cicatriz urbana, o que de fato pode ser justificado pelo traçado irregular de muitos dos lotes do seu eixo. Ao final desta reformulação, a avenida Farrapos separou em duas metades todos os bairros de sua extensão, onde o lado oeste, próximo das águas concentraram-se as fábricas, indústrias e algumas das moradias dos operários funcionários e três eixos intermediários que concentravam os comércios.

Seguimos com um perfil oeste-leste que representa a distribuição das vias da área do bairro São Geraldo:

Figura 08: Perfil do bairro São Geraldo



Elaborado pelo autor (2020).

Quanto ao entretenimento, durante as décadas do grande desenvolvimento industrial da cidade fizeram a região do Navegantes um polo de entretenimento e diversão para os trabalhadores e operários, com a inauguração de 5 cinemas entre os anos de 1913 e 1959. O Força e Luz foi o primeiro deles (tendo trocado de nome algumas vezes: Thalia, ou Talia, depois Ponto Chic) e estava estabelecido na avenida Eduardo, o Cinema Eldorado (El Dorado), na esquina das avenidas Benjamin Constant e Ernesto Fontoura e o Cinema Anchieta na avenida Brasil, próximo à Eduardo e a Praça Pinheiro Machado.

³¹ GUIMARAENS (2009): justificada pela proximidade do porto e pelo estabelecimento das indústrias na região, gerando grande concentração urbana.

Na avenida Eduardo devido ao trânsito intenso dos bondes que seguiam ao norte, acabou por concentrar muitos comércios lojistas do bairro, formando uma centralidade. A rua do Parque concentrou outros serviços, ligados às atividades fluviais, consertos, peças e depósitos de embarcações e mercadorias que ainda conserva boa parte das fachadas originais, com outros usos até hoje (FRANCO, 1988).

A vida de bairro ainda se estabelecia através das confraternizações e da organização das escolas, como no caso da Praça Pinheiro Machado., no ano de 1960, no local onde existia uma edificação residencial que foi demolida, construído um prédio, no qual em 1963 instituiu-se o Jardim de Infância Pinheiro Machado. No ano de 1970 o Jardim foi desativado, retornando as atividades no ano de 1982, e permanecendo ativo até a presente data, atualmente a escola se chama EMEI Jardim de Praça Patinho Feio.

Quando da sua criação, a Praça Pinheiro Machado era amplamente utilizada por grupos de jovens para a prática de esportes, destacando o vôlei como principal atividade esportiva desenvolvida no local. Existem registros em um caderno contendo listagem das atividades desenvolvidas na Praça Pinheiro Machado, de abril a dezembro de 1943. Além de alguns registros dos anos 1944 e 1945. A praça abrigava um posto de combustíveis, da Shell, que foi desativado há cerca de 30 anos, conforme relato de frequentadores da praça. Este posto entrou para a lista de bens tombados da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, no ano de 2013, na modalidade de estruturação (PMPA, 2013).

4.3.1 A enchente de 1941.

Estas terras alagadiças próximas ao Guaíba penavam com os constantes alagamentos. Segundo Guimaraens (2009) existem registros de grandes enchentes nos anos de 1847, 1873, 1885, 1897, 1898, 1905, três vezes em 1912, 1924 e 1928, 1936. Porém, a do ano de 1941 foi diferente. E a partir dela a relação da cidade com seu litoral na desembocadura do delta do Jacuí, principalmente mudaria. Durante os meses de abril de maio uma combinação desfavorável de ventos vindos do Sul e chuvas nas cabeceiras dos rios ao norte fez com que as águas se elevassem 3,41 metros, deixando boa parte da cidade submersa.

A configuração da ocupação da cidade de Porto Alegre fez com que suas planícies ficassem debaixo d'água. Este episódio é tratado por diferentes autores e é objeto de variados estudos de pesquisadores, os quais reiteram a situação calamitosa que se deu durante estes dias como Guimaraens (2009); Kuchenberger (2002), Pesavento (1991).

4.4 Bem-vinda Modernidade, até logo! (1945 - 2000).

Tomados pela urgência de proteger a população de uma nova calamidade, o poder público através do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, projeta um sistema com mais de 60 quilômetros de diques e de comportas que isolaria a cidade das águas do rio Gravataí e do Delta do Jacuí. O evento de 1941 inicia um processo em que as fábricas e indústrias que estavam localizadas nas planícies próximas à orla, ora pela necessidade de locais mais abrigados dos fenômenos climáticos ora pela construção de maiores plantas fabris e industriais, passam a se estabelecer nos municípios próximos.

Figura 09: Aterro realizado para instalações portuárias, década de 1950.



Fonte: Acervo fotográfico da Associação dos Amigos do 4º. Distrito.

Um panorama é apontado por Furtado quando analisou o caso de Dona Teodora³² em Gentrificação e (re)organização urbana em Porto Alegre (2011) e constatou que durante a década de 1940 com a construção da BR-116, que ligou o sul e o norte do Brasil: “as áreas situadas ao longo dessa rodovia e perto de Porto Alegre passaram a oferecer vantagens locais para a implantação de indústrias e moradias de baixo custo” (FURTADO 2011 p. 102), que leva a uma hipótese para a evasão industrial e para a lenta agonia que as áreas

³² O autor refere-se à Dona Teodora ao tratar da área que está limitada ao sul da avenida que preserva a toponímia desde o século XVIII.

industriais da cidade e principalmente do Navegantes experimentariam nos anos que seguiram³³.

Outros grandes impactos transformaram a paisagem do bairro, com a implantação da travessia Engenheiro Régis Bittencourt Porto Alegre se conectou às regiões sul e central do estado de maneira muito mais eficaz; além da construção de um sistema de pontes e viadutos iniciada em 1950 e inaugurada em 1952 atraiu a mão de obra necessária para o trabalho e também um excedente de pessoas, que acabariam por ocupar, as áreas mais ao norte, onde atualmente estão localizados os bairros Anchieta, Farrapos e Humaitá (outrora preteridas por serem alagadiças, servirem como aterro sanitário e utilizadas para queima de animais mortos). (FURTADO, 2011).

A identificação da cidade com o porto não está somente pelo nome. Mesmo que a urgência de implantação de um porto com maior capacidade já estivesse em pauta desde 1893, os trabalhos só se iniciam depois da primeira década do século XX, quando começa a se configurar o cais moderno que pode ainda ser contemplado no século XXI. A ampliação e transferência das atividades portuárias com inauguração do cais Marcílio Dias e Navegantes se dá apenas nos anos 1950.

Eis que no ano 1949, nas crônicas do jornalista e escritor Ari Veiga Sanhudo³⁴ relata que foi encaminhado à Câmara de Vereadores pela comunidade, um memorial solicitando a criação de um novo bairro, cujos limites se dariam pela abrangência da paróquia de São Geraldo, documento ratificado uma década mais tarde, no artigo XXVIII da lei municipal 2022/59³⁵ que considerou:

a zona compreendida nos seguintes limites e logradouros públicos: Rua Voluntários da Pátria, esquina da Rua do Parque até a Av. Brasil, Av. Brasil, até a Rua Benjamin Constant, Rua Benjamin Constant até a Av. Olinda, Av. Olinda em toda a sua extensão até a " Rua Guimarães; Rua Guimaraes até a Rua Conde de P. Alegre, Rua Conde de Porto Alegre até a Rua do Parque, Rua do Parque até encontrar a Rua Voluntários da Pátria. (SANHUDO).

Estes limites oficiais tiveram alterações que atenderam os planos diretores e as leis de bairros dos anos seguintes, com a incorporação e perda de pequenas porções e limites, inclusive com a criação e extinção do bairro Marcílio Dias, que compreendia toda a orla e o porto até a avenida Castelo Branco.

³³ O trabalho de Ana Clara Fernandes investiga este processo em sua tese: "Cemitérios industriais: uma contribuição para a análise espacial da metrópole de Porto Alegre – RS/Brasil.

³⁴ http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=50_0_0

³⁵ Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/netahtml/sirel/atos/Lei%202022>

Figura 10: Placa indicativa dos limites do bairro São Geraldo.



Acervo do autor (2019)

A partir de 1976, vislumbrando uma conexão mais veloz com as cidades da região metropolitana, foi projetado uma linha de trens de superfície (Trensurb), que teve as obras finalizadas no ano de 1984 e o início das operações em 1985. A avenida Farrapos também passou por requalificações, com a implantação do corredor central exclusivo para ônibus, os passeios públicos foram diminuídos e as faixas de automóveis tiveram um aumento expressivo no seu fluxo.

Outro impacto desta ação foi a criação de barreiras, já que muitas das vias dos bairros cortados por ela tiveram seu trânsito leste-oeste interrompido para veículos e para pedestres, como visto na imagem seguinte:

Figura 11: Avenida Farrapos e o corredor central de ônibus



Foto Rafael Augusto Braga (2020)

Representamos também, a disposição das demais barreiras físicas promovidas através do corredor de ônibus e da linha do Trensurb:

Figura 12: Bairro São Geraldo e as barreiras artificiais.



Elaborado por Rafael Augusto Braga.

4.5 O início do século XXI – 2001 até 2020.

Desconhecido para muitos portoalegrenses, o bairro São Geraldo teve seu momento de visibilidade no cinema nacional quando serve de locação para as filmagens do filme de Jorge Furtado “O homem que copiava” (2003). Nesta época também, se iniciam projetos que buscavam a “refuncionalização” ou “ressignificação” deste lugar, mas também eram operacionalizados nos bairros Farrapos e Navegantes obras do PIEC, a fim de regularizar e viabilizar moradias populares. À época, a prefeitura municipal inicia estudos para o desenvolvimento destes projetos através da organização de seminários, workshops e palestras.

Mas o novo milênio carregou também consigo velhos problemas do São Geraldo. Persistiam os alagamentos e era crescente abandono e da carência de infraestrutura como iluminação pública, por exemplo, principalmente das ruas próximas à avenida Voluntários da Pátria, também onde passaram a se instalar empresas de reciclagem. Este fato contribuiu, para o descarte de resíduos e acúmulo de lixo em locais impróprios e irregulares e a proliferação de pragas urbanas como o escorpião amarelo, ratos e pombos e o mosquito *Aedes Aegypt* transmissor da dengue.

No ano de 2002, o Hospital da Criança Santo Antônio tem suas instalações transferidas para o complexo da Santa Casa. Durante 49 anos quarteirão compreendido pelas avenidas Ceará, Maranhão e Paraná e pela rua Ernesto Fontoura, movimentou comércios de brinquedos e sortilégios a fim de agradar os pequenos internados. Além disto, era referencial em atendimento infantil, empregou moradores e profissionais de outras partes da cidade.

A construção do Conduto Forçado Álvaro Chaves diminuiu sensivelmente os alagamentos da região, embora ainda ocorram registros pontuais. A recuperação do casario dos trabalhadores da FIATECI, na avenida Polônia, entre as avenidas São Paulo e Santos Dumont, cedeu parte dos quintais para a construção de prédios residenciais e salas comerciais no ano de 2003 é o primeiro pulso de um movimento de transformação da paisagem, que é mais aparente quinze anos mais tarde: aumento do gabarito das construções fora dos eixos das avenidas principais, mas também do extrato social. No outro lado da mesma quadra, algumas moradias se alternam com pequenos e variados comércios.

Contudo, nas vias principais como as avenidas Farrapos, Presidente Roosevelt e São Pedro mantiveram o movimento com bares e restaurantes atendendo às fábricas, indústrias e escritórios dos bairros do entorno, também como servindo como ponto de encontro de

moradores jovens e idosos, além de ser reconhecido como centralidade para a compra de materiais elétricos e de iluminação.

A avenida Farrapos, justamente por ser uma das principais entradas e de via de ligação com o centro da cidade tem muitas vezes o trânsito interrompido por manifestações políticas e populares. Mas principalmente à noite, em quase toda a sua extensão serve como palco para o desfile de travestis e prostitutas em busca de clientes e o mesmo ocorre nas ruas adjacentes em direção à avenida Voluntários da Pátria. No São Geraldo não seria diferente, com as suas ruas desertas à noite, sendo várias delas sem moradias oferecem todos os requisitos para suas atividades.

É constatado também, a partir do ano de 2000 que houve queda de 4,7% na sua população total, ao passo em que a população se torna também mais longeva, como demonstramos nas tabelas abaixo, baseados em dados do Porto Alegre em Análise³⁶:

Tabela 02: População do bairro 2000 - 2010

| Estrutura Etária | População (2000) | % do Total (2000) | População (2010) | % do Total (2010) |
|-------------------------------|-------------------------|--------------------------|-------------------------|--------------------------|
| Menos de 15 anos | 1.404 | 15,37 | 1.050 | 12,06 |
| 15 a 64 anos | 6.410 | 70,17 | 6.243 | 71,71 |
| População de 65 anos ou mais | 1.321 | 14,46 | 1.413 | 16,23 |
| População residente masculina | 4.089 | 44,76 | 3.935 | 45,20 |
| População residente feminina | 5.046 | 55,24 | 4.771 | 54,80 |
| População total | 9.135 | 100,00 | 8.706 | 100,00 |

Fonte: Porto Alegre em Análise. Elaboração do autor (2021)

Existe uma tendência que se reflete também quanto ao aumento do poder aquisitivo e no seu nível de desigualdade.

³⁶ Conforme dados do ObservaPoa, disponível em: http://po.rtoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=50_10_197.

Tabela 03: Poder aquisitivo e desigualdade

| Renda, Pobreza e Desigualdade | 2000 | 2010 |
|--------------------------------------|-------------|-------------|
| Renda per capita | 1.288,41 | 1.680,17 |
| % de extremamente pobres | 0,84 | 0,19 |
| % de pobres | 2,76 | 0,40 |
| Índice de Gini ³⁷ | 0,47 | 0,49 |

Fonte: Porto Alegre em Análise. Elaboração do autor (2021)

A “economia” do bairro, em conjunto com o país experimenta um ápice no consumo de bens e serviços, impulsionados pelo PAC (iniciado em 2007). A dinamização da economia atraiu brasileiros de todas as regiões, empregando-se na construção de um estádio de futebol no bairro Humaitá e a implantação da Rodovia do Parque (BR-448). Novas pensões, minimercados e ocupações se misturaram ao cotidiano do São Geraldo.

Até 2010 Porto Alegre se consolidou como lugar privilegiado de moradia de elites, profissionais dirigentes e de intelectuais (Mamarella et al, 2015), o que tensiona ainda mais a disputa pela produção do espaço urbano, forçando os deslocamentos das moradias de classes trabalhadoras, de domésticos para partes mais distantes do centro da cidade longe também de onde desempenham suas atividades.

Os últimos anos da década de 2010 podem ser considerados os de maior exposição do São Geraldo. Aproveitando a disponibilidade de imóveis amplos e com baixo custo de locação ou de venda, instalaram-se cervejarias, bares, casas noturnas no bairro, coworks³⁸ e uma cozinha fantasma³⁹. Estas ações, estão ligadas, também, o estudo das potencialidades econômicas que foi proposta pelo Masterplan⁴⁰, um projeto de revitalização urbana e

³⁷ O coeficiente de Gini mede a concentração da renda, apontando a diferença de renda entre os mais pobres e os mais ricos, quanto mais aproximar-se de 0 maior a equidade da renda. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/glossario/>

³⁸ Cowork é o termo utilizado para trabalho compartilhado, onde é possível locar pequenos espaços, escritórios ou estações de trabalho mobiliados por dia, hora, mês...

³⁹ Cozinha fantasma ou “dark kitchen” é o termo designado a uma espécie de condomínio de cozinhas que atendem via tele-entrega, sem contato com o público.

⁴⁰ O endereço eletrônico do projeto é: <http://4distrito.portoalegre.rs.gov.br/sites/default/files/Masterplan_4Distrito.pdf>

reconversão econômica, cuja área atravessa o bairro. Esses empreendimentos estão ligados à Economia Criativa e projetos de empresários locais.

Esta pesquisa deixa um hiato referente ao ano de 2020. Ano da pandemia da COVID-19 que fez frear ou diminuir o ritmo das transformações que ocorriam no bairro até então. 13 meses depois da primeira morte no Brasil, mas serve como ponto de referência ao estudo das percepções acerca das transformações da paisagem que se darão no espaço do bairro São Geraldo, acompanhadas dos dados obtidos pelo recenseamento previsto para a década de 2020 (assim que ele for realizado).

5. TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DOS ESPAÇOS URBANOS: O caso do bairro São Geraldo (2010-2020).

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história de ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 1940 p. 159)

Figura 13: Angelus Novus



KLEE, Paul. Angelus Novus (1920): The Israel Museum, Jerusalem, disponível em: <<https://www.imj.org.il/en/collections/199799>> acesso em 08/03/2021.

Através da alegoria de Walter Benjamin podemos pensar sobre o caso da transformação da paisagem do São Geraldo. Por sua posição, voltado ao passado, imagino-o repensando e analisando os acontecimentos, enquanto é empurrado pelo vento em direção ao futuro que é

incerto já que está de costas; a perplexidade e a impotência são a representação do presente, o momento de tensão e de encontros entre estes dois momentos. Quanto mais ele é empurrado, mais e mais escombros se somam ao panorama. Estes escombros, são as cicatrizes, rugosidades, marcas e memórias que estão imbricadas na paisagem dos lugares.

O São Geraldo, como os bairros adjacentes, fez parte do complexo industrial de Porto Alegre entre o final do século XIX e início do XX concentrando locais destinados à moradia e ao trabalho. A partir da década de 1970, principalmente, com a desconcentração industrial, diversas fábricas se transferiram para outras localidades, como já citado, deixando galpões, depósitos e terrenos ociosos e “cristalizando” a memória deste passado de um bairro operário de pequenos edifícios e sobrados comerciais, industriais e residenciais.

Existe assim, uma tarefa similar à do anjo neste estudo de caso, pois a “cidade se produz diariamente”, destruindo e construindo, para isso organizamos no capítulo dedicado às percepções dos sujeitos sobre o bairro. Depois da pesquisa histórica, palestras e seminários buscamos, elementos que de certa forma compõem a formação das suas percepções, (notícias, propagandas e da verificação da participação no OP), depois as entrevistas, por fim as imagens que foram coletadas a partir dos elementos dos trabalhos de campo que contextualizam e caracterizam o panorama do São Geraldo.

5.1 Notícias: São Geraldo opaco e São Geraldo luminoso.

Como vimos, a memória e as sensações trazidas por ela como a topofilia e a topofobia, não dependem necessariamente de um conhecimento *in loco* de uma paisagem, de um lugar, um bairro, ou seja, do espaço em si. Estas impressões podem ser reforçadas ou minimizadas através da maneira com a qual são expostas. É por conta deste motivo, que analisamos notícias veiculadas em mídias eletrônicas e websites, dos jornais Correio do Povo, Sul21, Zero Hora e da PMPA, dentre as disponíveis e entre os anos 2010 e 2020 que tratassem sobre o bairro São Geraldo a fim de traçarmos um paralelo entre as representações apresentadas nelas e a percepção e o imaginário dos sujeitos.

Daremos também atenção para a influência da informação e da comunicação na organização e hierarquização dos espaços urbanos. O seu conteúdo pode se apresentar de diversas formas, como destacamos: *as notícias de eventos*: que permitem fazer escolhas quanto às compras e vendas; *informações e conteúdo psicológico*: que agregam diversos tipos de informações, ou seja, comportamento dos interlocutores, preços e condições de mercado;

símbolos: que promovem reações afetivas e ações mais ou menos racionais (sensações de medo, confiança etc.) (CLAVAL, 2000⁴¹).

Em uma leitura de sobrevoo, algumas palavras são encontradas facilmente nas notícias as quais parecem seguir um roteiro: de início são referentes ao abandono, drogadição, violência, esquecimento. Depois passam a ser de resgate, revitalização, ressignificação, incentivo, inovação. É também de nosso conhecimento da apropriação pelo capital e os meios de comunicação na fabricação dos lugares.

Encontramos duas categorias principais as quais damos destaque para a análise do conteúdo destes materiais, para a aferição da transformação da paisagem do bairro enquanto:

- **Espaço opaco**: o conjunto de notícias que ressaltam os alagamentos, pontos de acúmulo de lixo, violência e a situação de abandono do bairro.
- **Espaço luminoso**: o conjunto de notícias, matérias e colunas que apresentem os empreendimentos e as ações promovidas por estes novos agentes e as de promoção e valorização da história do bairro.

Por **espaço opaco** entendemos da comunicação sobre a ociosidade dos prédios abandonados, do declínio das atividades comerciais e industriais, além da drogadição e prostituição e violência associada ao bairro. Estas notícias, tiveram pequeno destaque, pois demonstraram, casos de violência com números compatíveis a outros bairros do seu entorno e de outras partes da cidade.

Quanto ao **espaço luminoso**, a consolidação dos grandes empreendimentos residenciais ou comerciais ainda está incipiente. Há sim, iniciativas em torno os novos bares e casas noturnas. Aproveitando uma tendência de instalações industriais e, também a oferta de imóveis com grandes áreas e baixo custo de aluguel, inúmeras iniciativas se estabeleceram no bairro, onde muitas cogitaram uma transferência da zona boêmia da cidade do bairro Cidade Baixa para o São Geraldo.

Assim, apresentaremos a transformação da paisagem através destes trechos extraídos de notícias disponíveis que bem demonstram nossa intenção:

A discrição de grandes espaços ocupados por galpões e depósitos e com um número mínimo de residências (algumas vezes sem nenhuma delas) fez com que muitas ruas tivessem seu trânsito discreto, favorecendo as atividades ilícitas como casas de jogos e de distribuição de máquinas de caça níquel: **Polícia fecha casa de jogos de azar em Porto Alegre**: “*O lugar, um depósito, (...), no bairro São Geraldo, na zona Norte de Porto Alegre, possuía forte esquema*

⁴¹ In: AZEVEDO, CLAVAL & CURY (2000).

de segurança (...) 22 pessoas, 48 máquinas e mais 100 carcaças no local” relata o delegado de polícia (CP, 27/05/2010).

O panorama é apresentado em: **“Depois do glamour, o abandono do 4º Distrito em Porto Alegre”**:

O virtual abandono é mais visível nos bairros Floresta e São Geraldo, onde há maior número de prédios residenciais e comerciais em precária situação. A deterioração dos imóveis - muitos deles desabitados - transformou o 4º Distrito em "zona velha" da cidade. E são esses prédios que servem de abrigo, durante as madrugadas, para autores de pequenos delitos e usuários de drogas. Os moradores não hesitam em afirmar que a Rua do Parque se transforma em "cracolândia" quando a noite chega (CP, 25/01/2011⁴²)

Ela traz ainda o depoimento de um comerciante desta rua:

(...) Por ser uma região basicamente comercial, se torna perigoso manter as portas abertas ao entardecer", observa. Nos dias em que começa o expediente às 5h, para recebimento de mercadorias, o comerciante costuma "pagar pedágio" para que profissionais do sexo e usuários de drogas não importunem. "Pago para não ter problema", admite. Ele aponta a existência de focos de lixo em vários pontos da região, sobretudo nas ruas Moura Azevedo, Santos Dumont e do Parque (...) (CP, 25/01/2011⁴³).

Em 2014, onde era noticiado pelo jornal Zero Hora que uma facção tomou conta de pontos entre os bairros São Geraldo e Navegantes que nessa região da cidade, o bando também estaria controlando um esquema de prostituição (GZH, 02/09/2014), em outras oportunidades são relatados crimes de latrocínio ou mortes violentas com emprego armas.

A atenção ao potencial latente já era trabalhada em estudos da Prefeitura Municipal e foi notícia nos websites da prefeitura municipal na divulgação de workshops, seminários e palestras, porém tais notícias são retiradas do ar, antes de poderem ser devidamente lidas e analisadas.

Em 2014, **Quarto Distrito espera há pelo menos 30 anos por uma revitalização** onde é destacado o período de abandono desde os anos 1980, incluindo a conservação de ruas e prédios, também dos constantes alagamentos:

Ao longo de décadas, a revitalização da região que compreende os bairros **Floresta, Navegantes, São Geraldo, Humaitá e Farrapos** aparece de forma recorrente em discussões do planejamento da prefeitura, no ambiente acadêmico, na especulação

⁴² Reportagem completa disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/geral/depois-do-glamour-o-abandono-do-4o-distrito-em-porto-alegre-1.62769>

⁴³ Reportagem completa disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/geral/depois-do-glamour-o-abandono-do-4o-distrito-em-porto-alegre-1.62769>

imobiliária, entre moradores ou entusiastas do patrimônio histórico. Que é uma área de grande potencial, pela proximidade com o Centro Histórico, oferta de acessos e de transporte público, todos concordam. Entretanto, as opiniões divergentes sobre o que e de que forma deve ser feito ali atravancam uma transformação (GZH, 15/11/2014).

Para nós, fica bastante clara a intencionalidade comunicada nesta outra reportagem por meio das opiniões dos presidentes à época do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-RS) Roberto Py da Silveira e do Instituto dos Arquitetos (IAB-RS) Tiago Holzman da Silva, ao questionarem sobre a falta de planos de regulação e agilidade nas autorizações nesta área por parte da prefeitura (que acaba tratando caso a caso) causa insegurança jurídica aos proprietários, e os terrenos então, funcionam como uma reserva para a especulação imobiliária.

Para o presidente do IAB-RS, a atualização de mecanismos jurídicos específicos é de interesse, inclusive, de grandes empresários da construção civil. Ainda, para o arquiteto e supervisor da Secretaria Municipal de Urbanismo (Smurb) Hermes Puricelli, a construção do Conduto Álvaro Chaves em 2006 marca o histórico de limitações, salientando a importância do trabalho de planejamento.

Segundo a reportagem sobre os prédios ociosos:

Reflexo de uma preocupação crescente com a situação do Quarto Distrito, em 2010 a região foi incluída via Lei Complementar no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental, aprovado em 1999. No texto, os bairros foram destacados nas estratégias do documento como "área de revitalização". (GZH, 15/11/2014)

Sobre a avenida Presidente Roosevelt:

A Avenida Presidente Roosevelt, que já foi o grande centro de comércio e serviços do Quarto Distrito, permanece na era da decadência. De um modo geral, os comerciantes sonham com um tempo que não volta mais, quando a área pulsava e abrigava as grandes lojas da metade do século 20. Prédios de valor histórico e símbolos do bairro, como a Sociedade Gondoleiros, estão abandonados (GZH, 15/11/2014).

E sobre o prédio da fábrica da Fiateci:

é um dos poucos que estão passando por grande transformação. Parte de seus armazéns foi derrubada para dar lugar a quatro torres de apartamentos e um espaço comercial, empreendimento da construtora Rossi. As casas dos seus operários, poucas quadras adiante na Avenida Polônia, foram revitalizadas e viraram uma espécie de centro comercial. (GZH, 15/11/2014).

Começamos a perceber uma mudança no teor das reportagens a partir de abril de 2014, com apresentação muitas mais amenidades e de oportunidades para a região. No ano seguinte,

na área que concentra o maior movimento de pedestres passa a fazer parte da Zona 30, um projeto para o trânsito que prioriza interior de bairros onde há desrespeito à velocidade máxima e que existam locais como escolas, praças, postos de saúde. O São Geraldo está assim descrito⁴⁴:

abrange o quadrilátero formado pelas avenidas São Pedro, Pernambuco, Maranhão e Amazonas (...). A região possui cinco entradas, sendo as principais pelas avenidas Pará e Bahia. Há quatro escolas e diversos restaurantes, o que causa uma quantidade significativa de deslocamentos a pé pela região (GZH, 18/05/2015).

A Praça Pinheiro Machado e a avenida Farrapos, como nos referimos anteriormente, são conhecidas por serem concentração e de protesto de movimentos políticos e sociais de diferentes ideologias, um ponto de encontro cívico, como noticiado em 15/04/2016 pelo jornal Sul21: **Rodovias fechadas e marchas: veja fotos dos primeiros atos pela democracia desta sexta**, Em Porto Alegre “*teve início na Praça Pinheiro Machado no bairro São Geraldo, e terminou na Praça da Matriz*”⁴⁵.

É também em 06/02/2016⁴⁶ reportagem do CP que é mostrado que apesar das tentativas e planejamentos ainda são relatados transtornos na avenida Presidente Franklin Roosevelt, em dias de chuva. Os **Bueiros sujos e alagamentos são comuns no 4º Distrito de Porto Alegre** traz o depoimento de um empresário do bairro São Geraldo que não pôde acessar seu estabelecimento devido ao alagamento causado pela chuva. Neste ano opacidade do bairro aparece em **Após 14 anos, prédio do antigo Hospital Santo Antônio segue sem uso em Porto Alegre**⁴⁷ (GZH, 13/06/2016), relatando reclamações de moradores sobre o esvaziamento causado pela transferência do hospital para o Complexo Santa Casa para proporcionar atendimentos e acesso às tecnologias de ponta e contar com a estrutura dos outros hospitais. além de acúmulo de lixo e de assaltos. Contudo, as impressões guardadas pelos moradores são de nostalgia sobre a movimentação e da simbologia do lugar “hospital de criança” e a sua capela.

Em 2018, segundo reportagens a PMPA passa a apresentar os projetos para captação de recursos, via Banco Mundial e “*os recursos deverão ser utilizados para a contenção de*

⁴⁴ Reportagem completa disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/transito/noticia/2015/05/ruas-de-cinco-bairros-de-porto-alegre-terao-velocidade-maxima-reduzida-a-30km-h-em-junho-cj5vyjnwo11rhxbj01rwww4dd.html>

⁴⁵ Reportagem completa disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2016/04/rodovias-fechadas-e-marchas-veja-fotos-dos-primeiros-atos-pela-democracia-desta-sexta/>

⁴⁶ Reportagem completa disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/geral/bueiros-sujos-e-alagamentos-sao-comuns-no-4o-distrito-de-porto-alegre-1.194160>

⁴⁷ Reportagem completa disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/06/apos-14-anos-predio-do-antigo-hospital-santo-antonio-segue-sem-uso-em-porto-alegre-5979138.html>

alagamentos, saneamento e mobilidade urbana” na região do 4º Distrito (GZH, 26/11/2018 e 21/12/2018).

A praça Pinheiro Machado é marca para os membros da comunidade polonesa da Igreja Nossa Senhora do Monte Claro, que em 2018 comemorou o centenário da independência do país com a inauguração de um marco comemorativo:

(...) esse monumento é uma forma de perpetuar um fato histórico e vai ficar situado na região do quarto distrito, local onde os primeiros imigrantes (poloneses) se instalaram na Capital (...) (GZH, 23/11/2018)

O ano de 2018 efetiva a luminosidade contrastante do espaço do São Geraldo, quanto a paisagem histórica e a face mais perversa da produção do espaço urbano: Enquanto uma ocupação em área pertencente a prefeitura se estabelece entre o São Geraldo e o Navegantes se anunciam eventos arquitetônicos de alto nível nas antigas instalações do hospital Santo Antônio.

Em agosto é veiculado que **Vila irregular surge no lugar de obra da Copa abandonada na Voluntários da Pátria**, dá conta de que um terreno que deveria dar lugar à duplicação de rua está sendo ocupado por “casebres” (sic), que já em setembro que esta **Vila irregular na Voluntários da Pátria sofre reintegração de posse em Porto Alegre**⁴⁸ deixando vazio o terreno de mais uma obra inacabada da região.

Em seguida, nesta “história” damos especial atenção aos eventos antes estiveram desconectados do período opaco do bairro. No final de 2018 foi feito acordo em que onde funcionava o **Antigo hospital de Porto Alegre será sede de mostra de arquitetura**⁴⁹, no prédio fica localizado no quarteirão entre as avenidas Ceará, Maranhão, Paraná e a Rua Ernesto Fontoura, no bairro São Geraldo. E em julho de 2019 se fala que o **“Antigo hospital de Porto Alegre é revitalizado para receber mostra de arquitetura”**⁵⁰:

a edição da mostra de arquitetura e decoração se instalou no Antigo Hospital da Criança Santo Antônio, após a revitalização do prédio histórico, em desuso desde 2002, localizado no quarteirão entre as avenidas Ceará, Maranhão, Paraná e a Rua Ernesto Fontoura, no bairro São Geraldo (GZH, 23/07/2019).

⁴⁸ Reportagem completa disponível em:

⁴⁹ Reportagem disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rede-social/noticia/2018/12/antigo-hospital-de-porto-alegre-sera-sede-de-mostra-de-arquitetura-cjplck5jk0kt701pib6r456jd.html>

⁵⁰ Reportagem disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rede-social/noticia/2019/07/antigo-hospital-de-porto-alegre-e-revitalizado-para-receber-mostra-de-arquitetura-cjyg4p92e046501ms7pftnr39.html>

Quase que sincronicamente **Exposição coletiva inaugura galeria de novo espaço cultural em Porto Alegre (...)**⁵¹ combinando bar, galeria, sala para oficinas e ateliês compartilhados numa tentativa de aproximar as artes visuais do público.

No ano de 2019 o interesse sobre este lugar chamado São Geraldo está em **Seis segredos do sucesso (e um problema) do 4º Distrito, nova zona boêmia de Porto Alegre**⁵². Esta matéria trata sobre a renovação da região, que diversificando opções e combinando destes atrativos e como a vida contemporânea convergia para esse rótulo, e conforme destacamos:

1. Avanço dos transportes por aplicativos e das corridas por GPS;
2. Imóveis à preços baixos e de arquitetura industrial, com forte apelo estético;
3. Segurança interna e facilitada pela configuração do bairro;
4. Respeito à vizinhança, iniciando as atividades mais cedo e cumprindo as regulações propostas pela PMPA;
5. Diversificação nos estilos de bares e do público frequentador;
6. Grifes de restaurantes, bistrôs e expansão para outras áreas da cidade;

E o problema estaria nas distâncias a serem percorridas entre os bares:

Porém, mesmo estando todos esses bares em um raio de, no máximo, dois quilômetros um do outro, é raro quem se arrisque a fazer trajetos a pé pela região durante a noite. A escuridão e as quadras amplas de calçadas depredadas intimidam, e mesmo moradores das cercanias recorrem ao carro. (GZH, 12/09/2019).

A reportagem ainda destaca projetos encabeçados pelos empreendedores citados, cansados de esperar pela efetividade dos planos para a área:

delimitou um espaço geográfico de aproximadamente duas quadras – entre as avenidas Farrapos, São Pedro e São Paulo e a Rua Moura Azevedo – no bairro Navegantes para intensificar o ritmo dos serviços urbanos e, ao mesmo tempo, transformá-lo em laboratório de experiências (...). (GZH, 19/09/2019)

A iniciativa teve apoio do secretário de serviços urbanos atual, justificando a impossibilidade de investimentos:

“Não podemos fazer licitação para um balão de ensaio que pode dar errado. Esse território vai servir para esse tipo de teste que pode ser replicado no bairro e, depois, em toda a cidade” (GZH, 19/09/2019)

⁵¹ Reportagem disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2019/07/exposicao-coletiva-inaugura-galeria-de-novo-espaco-cultural-em-porto-alegre-o-linha-cjyk9u2ly056s01msu0bci4q6.html>

⁵² Reportagem disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/09/seis-segredos-do-sucesso-e-um-problema-do-4o-distrito-nova-zona-boemia-de-porto-alegre-ck0h9jevi02q301tg2am98ypr.html>

E apresentou dados de uma pesquisa feita por uma empresa que estaria prestes a se estabelecer neste “quadrilátero”:

(...)como diferentes visões de moradores e visitantes. Os primeiros o veem como um espaço bucólico e interiorano, enquanto demais o enxergam com curiosidade e receios sobre a segurança. (GZH, 19/09/2019)

Também foi notícia em 2019: **Quarto Distrito ainda aguarda por novos investimentos**, descrevendo assim:

Formada por 549 hectares de ruas da zona Norte ao Centro Histórico, a região conhecida como 4º Distrito pode ser vista como um dos grandes mistérios de Porto Alegre. Com localização estratégica – próxima aos acessos rodoviários, ao porto e ao aeroporto da cidade, com ligação direta para a região central – a área formada pelos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Humaitá e Farrapos outrora caracterizado pela forte atividade industrial e comercial sofre há décadas com o abandono. Considerada promissora economicamente, o local passou por diversas discussões e projetos ao longo dos últimos anos e, apesar de ainda parecer esquecido em diversos pontos, já conta com pequenos empreendimentos privados e deve começar a receber as primeiras iniciativas do poder público (...) a região passou a ser pensada com foco na inovação. (JCP, 06/02/2019)

E ainda destaca:

Alguns dos aspectos do Masterplan divulgados na época (2016) eram a multiplicação em até oito vezes das áreas verdes, instalação de polo médico, empresas voltadas à tecnologia, comunicações e inovação. O projeto também contemplava um terminal hidroviário, espaços como centro clínico e hospital metropolitano, além de prédios para empresas e startups. Um centro de eventos, considerado uma carência da Capital, também estava no estudo, assim como possibilidades de aumentar o número de moradores na região (JCP, 06/02/2019).

Outra descrição: **Porto Alegre enfim terá seu primeiro prédio declarado abandonado**:

no bairro São Geraldo, deve aparecer como imóvel abandonado no Diário Oficial nos próximos dias. Na prática, a posse do local passa para o município. E a prefeitura pode usá-lo, por exemplo, para abrigar moradores de rua – deve ser esse o destino do imóvel, segundo a Procuradoria-Geral do Município (PGM). Aliás, a pedido da PGM, que teme invasões ao terreno, a coluna não divulga a localização exata do prédio. Mas o imóvel, embora privado, reúne os critérios que o Código Civil estabelece para o município se apropriar dele – além do estado de degradação avançado, são mais de cinco anos sem pagamento de impostos. E o proprietário nunca sequer respondeu às notificações. (GZH, 07/10/2019)

Nos cabe salientar que no site da PMPA é divulgado constantemente ações de limpeza de focos de lixo, reparo nas praças e aplicações regulares de inseticida e consertos das vias e nos serviços de abastecimento de água no bairro, mas também da promoção do lugar enquanto oportunidade de negócio e de inovações, atraindo investidores, principalmente após 2015.

Outro detalhe é importante: o Quarto Distrito ainda é referido e descrito por reportagens, entrevistas e falas de moradores antigos e novos, comerciantes e visitantes como uma zona industrial, mas principalmente quando considerado o lado oeste da avenida Farrapos, ainda que ela cruze pelos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes e São João e que estes bairros sejam apenas a quarta parte de sua composição original. Sobre esta ênfase parcial do que é o Quarto Distrito entendo que existe a identificação por parte destas pessoas, mas que atualmente é perceptível um fenômeno de apropriação desta nomeação (conforme Candau, 2016), articulado entre o Estado (PMPA) e outros agentes produtores do espaço urbano, como os proprietários fundiários e os promotores imobiliários e promovido pelos meios de comunicação, evocando memórias do espaço.

Esta apropriação, neste caso em específico, tem como resultado a autosegregação, segundo Peter Marcuse (2001) combinando processos de “*aquartelamento*”⁵³ e em termos de produção do espaço o “*distrito*” ambos os casos se trata de uma área de concentração espacial definida por renda ou riqueza das famílias que residem, criado e operado pelo mercado de imóveis e moradias. Para Corrêa (2016, p. 253): diferentes agentes disputam as imagens de um lugar, assim, os aspectos culturais, simbólicos e discursivos (hegemônicos e não-hegemônicos) se enfrentam, como no caso da representação da paisagem, dos relatos de histórias destes lugares, a toponímia, as vocações destes espaços.

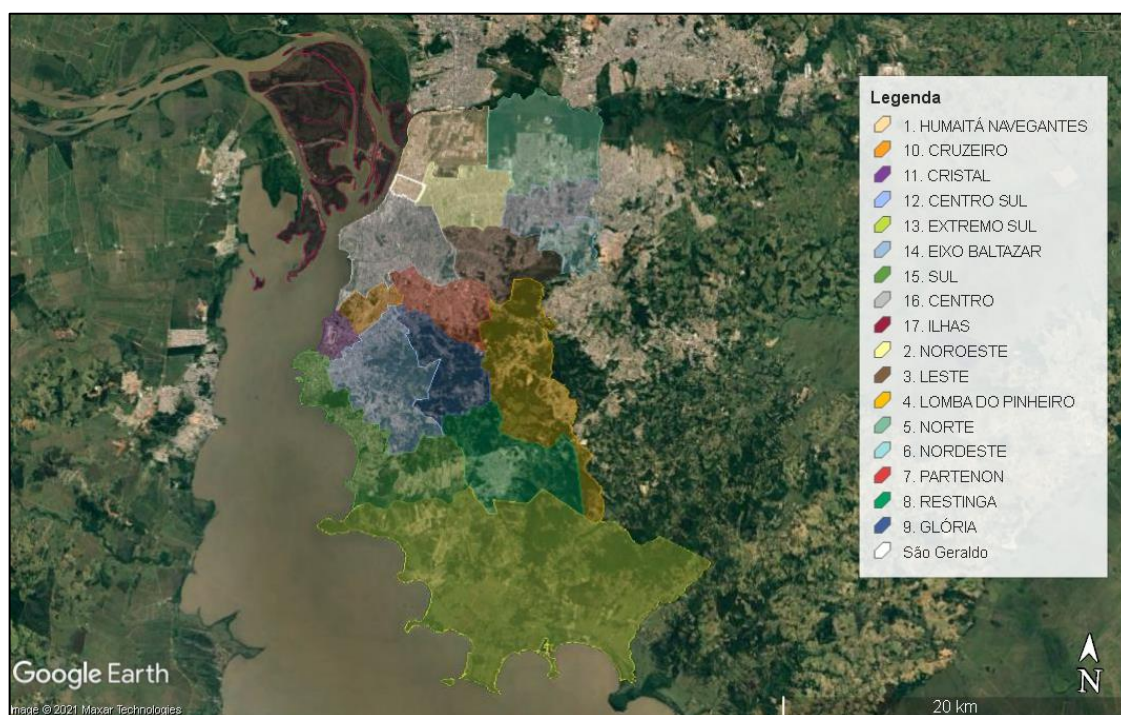
⁵³ Originalmente usada a expressão *quartering*, em inglês.

5.2: OP: PARTICIPAR DA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM.

O Orçamento Participativo, é um importante instrumento para uma análise desta pesquisa, pois por se tratar de um processo dinâmico ele pode ser ajustado às necessidades dos lugares, além de ter forte identificação com a cidade de Porto Alegre. Ele almeja ter um formato que facilite, amplie e aprimore o debate entre o Governo Municipal e a população. Em sua estrutura, uma Região do Orçamento Participativo (ROP) é composta por delegados e conselheiros moradores dos bairros da região.⁵⁴ Esta regionalização dos bairros é feita com baseada nas características comuns entre eles.

O São Geraldo está inserido na Região 01 do Orçamento Participativo (ROP 01), que também compreende os bairros Anchieta, Farrapos, Humaitá, Navegantes. Mostramos em representação feita a partir de imagem de satélite a divisão das ROP da cidade de Porto Alegre, com destaque ao São Geraldo a seguir:

Figura 14: Regiões do Orçamento Participativo de Porto Alegre.



Elaboração do autor (2021).

⁵⁴ não nos aprofundaremos na temática do OP, pois este já é objeto de outros estudos de diversas áreas do conhecimento. Mais sobre o Orçamento Participativo da cidade de Porto Alegre, no site da prefeitura municipal: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smgl/default.php?p_secao=86.

Por esta razão, utilizamos as demandas solicitadas via OP relativas ao bairro pelos moradores nas assembleias, a partir do ano de 1993. No quadro abaixo estão discriminadas as demandas locais, por ano, finalidade e a sua localização.

Tabela 04: Demandas do Orçamento Participativo

| Ano | Finalidade | Localização |
|------|---------------------------|---|
| 1993 | Urbanização | Pavimentação Passeio Praça São Geraldo |
| 1994 | Urbanização | Pavimentação Av. Bahia (entre Olinda e Viena) |
| 1996 | Mobilidade | Sinalização no entorno do Hospital Santo Antônio |
| 1996 | Mobilidade | Abrigo de ônibus: Av. São Pedro |
| 1996 | Saneamento | Substituição rede pluvial: av. Pará e Berlim |
| 1996 | Urbanização | Reforma quadra esportiva: Praça São Geraldo |
| 1996 | Urbanização | Reforma quadra esportiva: Pinheiro Machado |
| 1997 | Saneamento | Substituição rede pluvial: R. Conde de Porto Alegre e Quintino Bandeira |
| 1997 | Urbanização | Cercamento com tela quadra esportiva Praça São Geraldo |
| 1997 | Urbanização | Recuperação do prédio da Praça Pinheiro Machado |
| 1998 | Mobilidade | Inversão de sentido R. Ernesto da Fontoura (entre av. Benjamin Constant e Pernambuco) |
| 1998 | Saneamento | Conclusão conduto forçado Av. Polônia |
| 2001 | Saneamento | Redimensionamento rede pluvial R. Buarque de Macedo (entre av. Pernambuco e Farrapos) |
| 2001 | Saneamento | Redimensionamento rede pluvial R. Buarque de Macedo (entre av. Amazonas e Pernambuco) |
| 2001 | Saneamento | Redimensionamento rede pluvial Av. Amazonas (entre Guido Mondin e São Pedro) |
| 2003 | Educação | Convênio com a Creche São Francisco de Paula - custeio |
| 2006 | Desenvolvimento Econômico | Cursos Profissionalizantes - 15 vagas |

| | | |
|------|--------------------|---|
| 2007 | Assistência Social | Implantação de trabalho educativo na Creche São Francisco de Paula |
| 2009 | Assistência Social | 40 metas de SASE - Trabalho educativo e adolescentes |
| 2009 | Educação | Convenimento de metas - creche N. Sra. dos Navegantes |
| 2012 | Educação | Recuperação e reforma do telhado no prédio da Creche N. Sra. dos Navegantes |

Fonte: Observatório da Cidade de Porto Alegre Elaboração: Rafael Augusto Braga.

Ante estas observações, através da participação popular até o início da década de 2000 as atenções estiveram voltadas às melhorias nas condições de vida, como urbanização, mobilidade e saneamento e que na sequência passam a ser voltadas à saúde, educação, assistência social e desenvolvimento econômico. Porém, não se mostraram constantes. Mudanças nas prioridades das demandas do OP, fizeram com que os investimentos fossem dirigidos às áreas de desenvolvimento social e educação, principalmente e desde 2012 não houve mais demandas da comunidade do bairro. Segue em representação através de imagem de satélite das demandas localizadas, a fim de compreender a sua disposição no espaço do São Geraldo:

Figura 17: Distribuição das demandas do OP



Elaboração do autor (2021)

5.3 SÃO GERALDO EM MOSAICOS.

Verdum e Fontoura (2017) propõem três possibilidades para a análise da paisagem: descritiva, sistêmica e perceptiva. No método descritivo, esta análise se restringiria aos aspectos visíveis do real, e as formas da paisagem. A abordagem sistêmica, analisa através da relação entre os elementos físicos, biológicos e sociais – o espaço geográfico, porém, a complexidade da paisagem se relaciona às formas, estruturas e funções e não pode se limitar aos seus componentes.

Através da análise perceptiva da paisagem, concordamos com Berque quando ele afirma que a paisagem é marca também matriz, é o concreto e, simultaneamente, a imaginação e a representação das coisas pelas imagens. Individualmente, através das trajetórias, construímos conceitos que refletem ações e olhares, oriundos de processos cognitivos ou de uma matriz cultural, coletiva das sociedades humanas, como visto em Candau e nos sentimentos de topofilia e topofobia de Tuan.

Optamos aqui pela análise perceptiva, visto que não buscamos os componentes da paisagem, nem mesmo fazer um catálogo das imagens encontradas. Neste contexto, traremos elementos que coaduna com a leitura proposta pelo autor italiano Massimo Cavenacci: a cidade

é polifônica e que a sua compreensão é feita através da percepção de diferentes tons, com a construção de ligações diferenciadas que resultem numa pluralidade de significados.

Esta seção apresenta mosaicos de imagens que provocaram os elementos da análise, onde se buscou encontrar: **marca e matriz, rugosidades, os espaços opacos e luminosos, usos e apropriações, novos sujeitos** e ao final a **transformação da paisagem** do bairro São Geraldo.

Figura 15: Mosaico 01 - marcas dos imigrantes na paisagem do São Geraldo



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Neste mosaico se apresentam as igrejas, templos e outros lugares de culto que ocupam a percepção da paisagem e da apropriação dos lugares pelos sujeitos que frequentam o São Geraldo. Entendo que a sua presença, enquanto parte da paisagem funciona como *marca e matriz*. Não se trata apenas de imaginarmos ou ouvirmos o ressoar dos sinos, ou então de visualizar os seus campanários, nem mesmo de sua função enquanto espaço sagrado. Em uma cidade, elas também são *marcas*, cuja simbologia traz consigo a memória e a história dos imigrantes e a diversidade étnica que é característica do bairro. E são *matrizes* de uma forma de ativismo social, de humanitarismo, através da realização de brechós beneficentes, doação de roupas e alimentos e atendimento aos cidadãos em situação de vulnerabilidade social do bairro e dos adjacentes, além dos moradores de rua.

Figura 16: Mosaico 02 Espaços Opacos e Espaços Luminosos



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

No conjunto de casas dos trabalhadores empregados na Fiateci com face entre a rua Guido Mondin (1) e a avenida Polônia (2), após anos de decadência e abandono, restaurado a partir da metade dos anos 2000, por fim restaurado e inaugurado em 2009. A face do quarteirão (foto 1) voltada à rua Guido Mondin, é ocupada até hoje por moradias e por pequenos comércios, com pintura simples, porta e janela. Na face oposta na avenida Polônia, fachadas renovadas, comércios diferenciados, calçadas ajardinadas conduzem o passante por um túnel verde até a estação São Pedro do Trensurb. Com torres baixas, compatíveis com o Plano Diretor da época de sua construção, possui salas comerciais que alternaram serviços diversos e foram uma pequena “ilha” ou uma das iniciativas “pioneiras” na retomada do bairro, neste sentido, durante mais de meia década.

Figura 17: Mosaico 03: Rugosidades e Fabricação dos lugares de memória.



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Existem inúmeros imóveis desocupados ou em subutilização, muitos dos quais, servindo para a especulação e a promoção imobiliária. Concomitantemente, no bairro Navegantes, vizinho ao São Geraldo a realocação de famílias para a conclusão das obras da segunda ponte é uma questão delicada e de solução bastante difícil.

Figura 18: Mosaico 04 Usos e apropriações do bairro.



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Três exemplos de eventos que demonstram as diferenças que aparecem no bairro: 1. Ação social realizada na praça Pinheiro Machado, que ofereceu alimentação, banho, barba, roupas e higiene oral voltada para pessoas em situação de rua que se abrigam no prédio desativado da praça em 2019. 2. Evento de arquitetura de alto nível, que movimentou as antigas dependências do hospital Santo Antônio no ano de 2019. 3. Projeção de um filme ao ar livre, organizado por casa noturna da região, que atraiu milhares de pessoas no verão de 2020.

Partindo para uma abordagem crítica, como propôs Relph (2012) o lugar também é foco de segregação e de exclusão. Nos cabe pensar nas sensações que despertam as situações entre os sujeitos que estão nestas diferentes situações: como as pessoas do lugar 1 estariam no lugar 2 ou 3? Que disputa de poder se estabelece de maneira velada na produção do espaço urbano?

Figura 19: Mosaico 05 Novos marcos, novas matrizes.



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Novos marcos são erguidos, substituindo outros e influenciando na paisagem: as torres residenciais e comerciais passam a identificar e servir como pontos de referência na cidade. As gruas do porto deixam de ser vistas, o pôr-do-sol aparece entre os espaços entre os prédios, as manhãs de inverno se tornam mais frias por causa das novas construções, muito maiores de que as do “antigo” bairro. Também são criadas opções de lazer, como no caso das contrapartidas, que acabam por associar amenidades aos empreendimentos que os rodeiam, num movimento que destacamos de Relph que chamou de “fabricação de lugar”.

Figura 20: Mosaico 06: Hospital Santo Antônio: 2018 – 2020.



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Aqui demonstramos acima a apropriação dos graffiti nos tapumes que cercam o terreno do prédio do Hospital Santo Antônio – que serve como reserva de mercado há quase uma década, mas passa a fazer parte do circuito de produção dos espaços urbanos. A prática da apropriação das intervenções de grafiteiros e pixadores, objetiva inibir ações e contestações expressas nas paredes da cidade. Abaixo, o prédio é “maquiado” para receber a mostra de arquitetura.

Figura 21: Mosaico 07 Elementos da transformação da paisagem



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Neste mosaico, apresentamos a transformação da paisagem urbana, onde notadamente as técnicas empregadas construções destacadas nas imagens (2, 3 e 4) são destoantes dos conjuntos de 3. Enquanto resgate dos lugares de memória e de suas ruas calmas e bucólicas são ressaltados, estes elementos “peculiares” do bairro, vão sendo descaracterizados por formas homogêneas atraídas pela disponibilidade de lotes, terrenos ou casas.

Figura 22: Mosaico 08: Memórias perdidas, ou memórias por vontade



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Alguns dos importantes lugares do bairro foram apagados da sua memória, como no caso dos cinemas (1 Eldorado e 2 Thalia), abaixo (3) o posto que funcionava na praça Pinheiro que foi desativado há cerca de 30 anos, conforme relato de frequentadores da praça. Este posto entrou para a lista de bens tombados da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, no ano de 2013, na modalidade de estruturação (PMPA, 2013). Atualmente o local é utilizado como banheiro público, com zelador mantido pela PMPA. Na esquina da avenida Presidente Roosevelt, ao fundo o prédio da antiga Sociedade Gondoleiros.

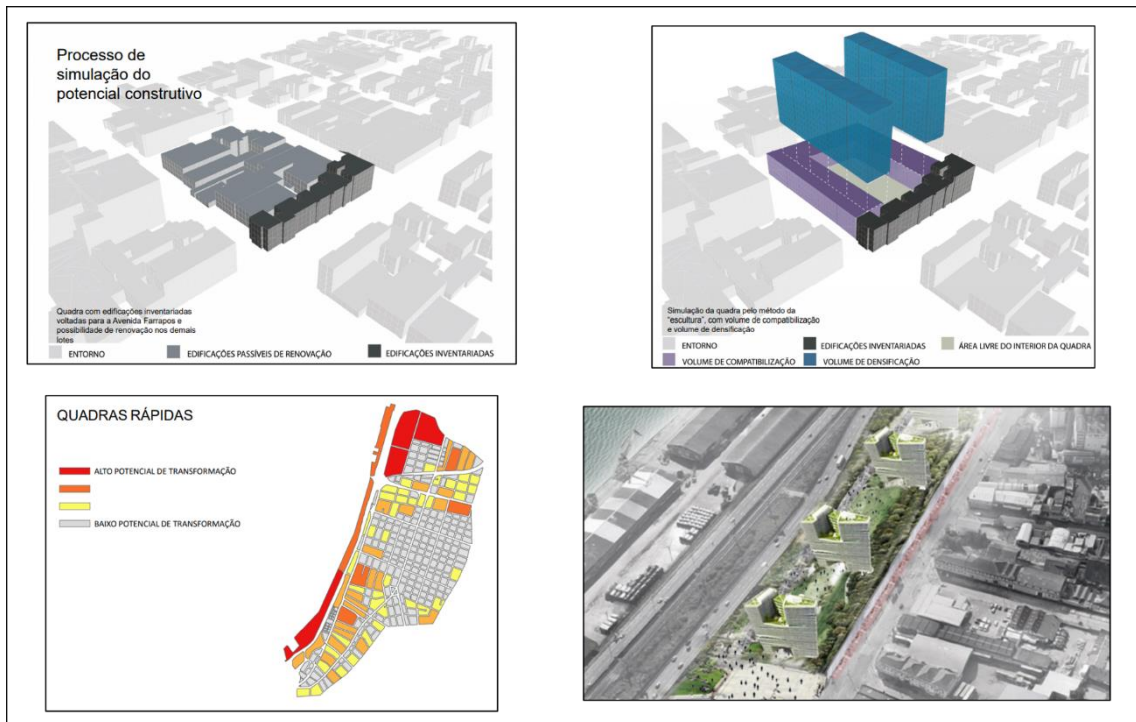
Figura 23: Mosaico 09: Barreira do Trensurb na Estação São Pedro



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

O sistema de diques construído para conter as cheias Guaíba, como referido, afastou os moradores do bairro da orla. Na imagem 1, voltada para o norte, o acesso é interrompido sem que se possa contemplar as águas, na imagem 2, a avenida Castelo Branco no sentido em direção Centro Histórico os silos e galpões do cais do porto também impedem o contato com a orla. Estas barreiras além de limitarem a fluidez dos deslocamentos pelo bairro, ainda ajudam no imaginário do espaço opaco, tofílico, ou de sensações desagradáveis como insegurança.

Figura 24: Mosaico 10: A (des)paisagem: um lugar transformado



Fotos e elaboração Rafael Augusto Braga (2020)

Seguimos com representações extraídas da internet do projeto que envolve a área. Este mosaico feito de imagens retiradas da internet do projeto Masterplan pode dar a ideia dos futuros impactos na paisagem do bairro São Geraldo, mas também dos bairros do Quarto Distrito como um todo. As referidas quadras rápidas, são lugares com grande potencial para construção, com grandes espaços e ainda pouco impacto imediato no trânsito do bairro.

5.4 FALAS SOBRE O SÃO GERALDO.

O percurso até a identificação dos sujeitos que estariam nesta pesquisa não foi tão óbvio ou fácil quanto possa parecer. Durante a parte final da escrita desta dissertação, uma pandemia causada por um vírus altamente contagioso e de letalidade sem precedentes parou, desestabilizou e fez com que praticamente todas as relações se transformassem. Infelizmente, alguns dos entrevistados estão confinados em casa há mais de 15 meses.

Ou seja, foi um fator que limitou, mas não impediu de encontrar tipos com as entrevistas já disponíveis, que foram: **comerciantes (Sr. Z. e Sra. S.), frequentador (R.), moradores (Sra. E., Sr. G., Srta. S.);** e que justamente por não se tratar de medir as percepções baseados nas idades destes indivíduos, mas sim, de verificá-las através das suas relações com o bairro que tem entre dois e setenta anos de duração.

As questões semiestruturadas facilitam a ênfase em determinados contextos da entrevista, facilitando ao pesquisador o encontro das respostas que caibam ao seu problema de pesquisa. De maneira abreviada, o roteiro para as entrevistas procurou percorrer as percepções através das memórias vistas em Halbwachs, Candau e Abreu:

1. Vínculo com o bairro, percepção do entorno, limites, ruas, vida de bairro com base em Michel de Certeau e Kevin Lynch;
2. Paisagem, paisagem urbana, transformações da paisagem do bairro, percepção da paisagem, enquanto marca e matriz de Berque;
3. Lugar, o que diferencia os lugares, não-lugar, por Relph e Dardel;

Após a sua transcrição, as entrevistas foram organizadas em forma de elementos que encadeassem as memórias, depois, foram reescritas em forma de conversa.

5.4.1 A Família.

Fevereiro de 2020, numa tarde quente de verão toco a campainha do 101. Tinha descoberto que meus vizinhos moravam há quarenta anos no prédio que tem pouco mais 60 anos onde eu estava também estava morando e vi ali a oportunidade para uma entrevista com uma família toda de uma vez.

Senhor G. conhece bem o São Geraldo, já morou no vizinho Navegantes, mas desde os anos 1950 tem relação com o bairro:

- Brincava muito por aqui quando eu era mais novo (....) vinha andar de cavalo (...) isso aqui era tudo campo e banhado, tinha o Alumínios Royal e quase nenhuma casa ao redor.

A Sra. E. casou-se com Sr. G. no início dos anos 1970 e depois de morarem em outros lugares da RMPA, fixaram residência num apartamento bem iluminado entre as ruas Pernambuco e Amazonas. Antes disto ainda, eles se mudaram do lado oeste do bairro por conta da umidade e dos alagamentos e não trocaram por outro:

- É um bairro que nos favorece muitas coisas. Antes até mais, mas agora até não tem muita coisa como tinha (...) a gente se abastecia de tudo aqui: pra (sic) trabalho é um bairro comercial, pra compras, tudo... esse foi o motivo de a gente vir pra (sic) cá. É um bairro que desde a época que viemos morar aqui que sempre teve, tem muita escola, até podem estar fechadas, mas as escolas estão ali. Escola, hospital, delegacia, nosso bairro sempre foi muito rico nisso daí. E noutros bairros não tem isso. Disse Sra. E

Eles concordam que não existe um limite definido entre São Geraldo e Navegantes, ou entre o lado leste e o oeste do bairro. Srta. S. falou:

- Outra questão é a segurança, nesta parte daqui é mais segura...

- É que Navegantes e São Geraldo é unido né? É quase a mesma coisa (...) – Sr. G.

Mas e a linha do Trensurb e a Farrapos? Perguntei

- Daí eu acho que sim, pois tem aquelas pessoas que moram pro lado de lá, dos Navegantes que usam outros ônibus e o trem que passam na Voluntários, mas separa sim, tem essa diferença, disse Sra. E.

- O Trensurb e a Farrapos são bem desconectados. Completou Sr. G.

Quanto a vida de bairro, a família viu o bairro no seu auge, com os desfiles de carnaval na avenida Presidente Roosevelt e os magazines da avenida São Pedro, onde os artistas eram convidados para desfiles e promoções. Também muita brincadeira na rua, comentou Srta. S. que também fez estágio no hospital Santo Antônio.

Em relação à paisagem, em um primeiro momento ela é tida por eles como as belezas naturais, praias, campos, cachoeiras e a paisagem urbana seriam as praças e ruas limpas e de prédios conservados, mas também equipamentos urbanos, como o aeroporto.

- E a avenida Farrapos que plantaram coqueiros! – disse Sr. G.

- Isso mesmo, disse Sra. E. - Aí tiraram as árvores que tinham nas calçadas e colocaram os corredores, mais ônibus (...) foi uma das coisas que mais me marcou foram as mudanças na avenida Farrapos, como ela ficou larga, bonita, as pessoas ficam bem abrigadas esperando o ônibus (...) mas eu entendo que ela separou o bairro em dois.

Srta. S. tem notado o descaso com as ruas e praças, afetando a sensação com os lugares:

- Tristeza, diz ela.

- A Farrapos abandonada, toda pixada é triste também. Diz Sr. G.

As transformações da paisagem também são percebidas por eles com a passagem dos festejos de Nossa Senhora dos Navegantes e dos seus impactos nas praças do bairro (principalmente na Pinheiro Machado), com pessoas de todas as partes. Eventos que fazem parte do lugar São Geraldo.

Para eles um lugar está numa facilidade de acesso, de mobilidade, um ponto conhecido evidente ou de referência, que transmite sensação de hospitalidade, de estar bem. Os lugares se diferenciam entre si pelo “capricho” e que, como por exemplo, as praças possam ser ponto de encontro entre as pessoas do bairro, servindo conveniência, espaço para contemplação.

- Mas existem lugares que despertam sensações ruins, tristes. Dá vontade de fazer alguma coisa – Disse Sra. E.

- É tão triste as pessoas que a gente vê dormindo nas paradas, nos abrigos da praça. Coisas dessas transformações, as pessoas ficam sem recursos e acaba acontecendo isso. – Completou Srta. S.

- São lugares esquecidos, né? – Encerrou Sr. G.

Para Sra. E. a principal percepção da transformação da paisagem está nos meios de transporte, como a requalificação da avenida Farrapos, do Trensurb e os impactos que eles trouxeram nos deslocamentos diários de pessoas pelo bairro. Sr. G. também vê neste sentido, na organização das ruas e não percebe as grandes mudanças além dos condomínios. Srta. S. percebe isto na mudança no perfil das pessoas e dos percursos feitos dentro do bairro.

5.4.2 Prazer São Geraldo, sou seu vizinho!

Iniciando uma nova faculdade, R. desconhecia o bairro até mudar-se para o vizinho Navegantes em 2013, algo que lhe causou receio de início. Além das relações de conveniência que foram estabelecidas como mercado, praça, facilidade de deslocamentos intraurbanos etc., ele percebeu a riqueza histórica desta região da cidade: o seu papel na formação da cidade, o porto, as indústrias e o seu esvaziamento. Vê que o bairro conserva sua paisagem “*mesmo sendo um bairro perto do centro ele não perdeu as suas características como o Moinhos, o Bom Fim*” e aí reside a sua riqueza:

- Se isto fosse só uma zona industrial, sem estes usos mistos (de indústria, comércio e residência) poderia ser bem pior.

O São Geraldo na opinião dele tem uma vida de bairro, porque “tem uma vida de bairro”, algo meio interiorano ele explica, como sendo feito por pessoas conhecidas que ficam próximas do contexto do bairro, criando vínculos de vizinhança, diferente de outras partes da cidade em que as pessoas se deslocam para se sentar em uma praça distante das suas casas.

A paisagem urbana se refere às quadras, ruas e os espaços que lhe são característicos, mas que apresentam diferenças entre elas dentro de uma cidade. Para ele, no senso comum, as paisagens de prédios cercados, bem pintados em ruas retas é mais agradável se comparado às outras, feitas por ruas estreitas e tortas, de prédios baixos e colados uns aos outros, de pintura não tão limpa:

- Mas quando se estabelecem vínculos, é possível perceber um sentimento oposto, de proximidade, de um lugar feito por pessoas.

Ele viu, a alteração da paisagem começar pelas novas opções de entretenimento mudarem o comportamento do bairro, como as cervejarias e os bares, ainda que distantes uns dos outros. Destaca também, que esta visibilidade e o sucesso contribuiu para o surgimento outras iniciativas, como as torres projetadas e padronizadas sejam residenciais e comerciais já começam a transformar a paisagem e afetar a percepção dos sujeitos sobre ela e sobre os lugares. Os lugares se diferenciam para ele, através das pessoas. Uma mudança na produção, na construção de prédios, por exemplo, vai mudar o que se entende por lugar:

-Daqui um tempo, ao redor da praça vão ter hamburguerias gourmet, shushis, enfim... coisas assim vão mudar as pessoas que frequentam a praça, vai mudar o lugar.

As memórias individuais vão absorvendo as coletivas muito lentamente, mas ele concorda com a preservação da história do lugar, talvez, com a possibilidade de recuperação de alguma casa para visitação, ou caminhadas históricas como formas de resgate histórico-cultural. Identificação com o lugar o São Geraldo está no 4º Distrito, .

5.4.3 O vizinho da balada.

O Sr. Z trabalha bem próximo de três locais de entretenimento no bairro. Com sorriso aberto e uma dose disposição nos encontramos perto do seu estabelecimento. Nos conhecemos há bastante tempo, mas fazia bastante tempo que não nos encontrávamos. Veio para Porto Alegre do interior do estado em 1972 e morou primeiro na rua do Parque:

- Aquilo bombava, disse ele. Tinha de tudo ali, todo tipo de loja e de coisas.

Depois que a rua do Parque perdeu sua luminosidade, conta que outros pontos passaram a concentrar os habitués e moradores do bairro, como a avenida Presidente Roosevelt. Atualmente tem seu negócio em um grande terreno de esquina, mas já esteve estabelecido em outros pontos, como no limite com o Navegantes, na avenida Brasil onde o trânsito de carros é intenso e o fluxo de pedestres pequeno.

A paisagem, para ele está nas coisas belas (mas as coisas belas são de cada um, disse), já a paisagem da cidade, mostrou com as mãos em forma de retrato:

- É tudo o que cabe aqui: o silo, as árvores, a rua.

Sr. Z diz que as transformações da paisagem do bairro são positivas, elas trazem mais gente para rua, mais investimentos, mais segurança, infraestrutura o que é bom. Quanto ao novo público do bairro ele diz:

- É um pessoal de fora, que vem carro de aplicativo. Ninguém fica bebendo pelas calçadas (...) e tem esse regulamento, um horário pra (sic) fechar que é respeitado por eles.

- Mas o senhor acha que isso muda o jeito que as pessoas percebem o lugar?

- Eu acho que sim.

- E isso é bom? Retruquei

-Vai mudar o jeito que sempre viram o São Geraldo, que sempre teve esse jeito de abandonado, de desconhecido. Teve uma “festa de cerveja artesanal” (sic) que parou essa quadra aqui toda, tinha palco, muitos *foodtrucks*, tinha que ver.

- E os prédios novos? Vão mudar a paisagem e a maneira que se percebe também?

- Claro que sim, precisa dar uso pra (sic) esses imóveis todos que estão aí parados, o bairro é cheio de casas e depósitos históricos que podem ser usados. Vai mudar sim, de uma maneira positiva, fica melhor pra todo mundo.

5.4.4 A visita diária.

Passei várias vezes em frente ao comércio da Sra. S. uma senhora de sessenta e poucos anos, situado no caminho da estação São Pedro há três anos. Ela atualmente mora em outro bairro, mas possui um imóvel residencial no São Geraldo, e este é um dos motivos pelo qual mantém sua loja ali.

Enquanto Sra. S. fala as peculiaridades do bairro somos interrompidos por uma vizinha moradora:

- Depois eu passo aí – disse a vizinha ao nos ver conversando.
- É sempre assim – ela respondeu com sorriso nos olhos.

Falou-me sobre o movimento diurno de carros e pedestres e a “letargia” noturna e ao aproximar o assunto sobre roubos e assaltos fez questão de salientar que os índices são baixos se comparados a outros bairros mais visados, ou seja, “*um bairro bem tranquilo*” nas suas palavras. Mesmo assim Sra. S. diz que percebe um certo preconceito com o São Geraldo por parte das pessoas pelo fato de ser comercial, antigo. E pontua que, com as torres do Pateo Lisboa e do Rossi Fiategi, já vieram muitas pessoas morar aqui.

Na sua opinião, a vida de bairro para ela é favorecida, quando comparada a outros, inclusive onde ela mora e manteve seu estabelecimento:

- As relações mudaram. Hoje em dia é tudo digital, então acabei perdendo o contato direto com os clientes. Aqui é diferente, as pessoas passam pela rua e te cumprimentam ou param e conversam, como você viu. Puxam assunto por causa do jardim que eu mantenho aqui na frente, e isso é bom.

A paisagem, para ela, é um lugar bonito, que seja agradável de se ver, e para termos uma paisagem urbana, ruas com árvores, casas ou edifícios pintados e preservados. Sra. S. viu, neste tempo em que se relaciona com o São Geraldo, barbearias, cervejarias e casas noturnas inaugurarem trazendo pessoas de outros bairros. Ela considera estas mudanças (construção de torres e de casas entretenimento) positivas e dão certo, principalmente pela limitação de horário de funcionamento, pois evita dissabores com os vizinhos. Para ela ainda as transformações da paisagem contribuem para modificar a forma de perceber o bairro deixar o bairro menos ermo.

- O lugar é um bairro (...), um local de uma cidade cada bairro tem as suas características. Este já foi mais comercial, o lado de lá da Farrapos já vai mais pro Floresta, mais residencial e já estava habitado a mais tempo ...

Sra. S. diz que o abandono é uma das causas de um não-lugar, exemplificando que onde não havia vida de bairro ou ela estava bastante enfraquecida. Logo, para ela, estas transformações alteram as formas de percepção dos lugares. Estas iniciativas feitas para o bairro tendem a ser também positivas. A memória individual e a coletiva para ela devem ser levadas em consideração nas paisagens e nos lugares, pois uma faz parte da outra. Através do resgate da memória coletiva é possível fazer passeios turísticos e fortalecer o comércio e os vínculos.

A pergunta mais enfática deste questionário para mim, foi a que diz respeito ao impacto da transformação da paisagem e quanto a disponibilidade de iluminação solar e causada pelo aumento do gabarito dos prédios: os comerciantes são a favor, pois o adensamento da população

do bairro lhes é benéfico; compartilhando a opinião com os frequentadores, o novo morador, entende que possam ser encontradas novas opções para serviços e entretenimento no bairro, e que também que implicará em mudanças, já os moradores antigos acham que isto irá afetar não somente a paisagem do bairro, como também o lugar.

5.5 EU QUIS UMA CASA NO CAMPO: Diário de Pesquisa.

O primeiro passo eu já havia dado, que era ter um “breve conhecimento prévio” da área, por já ter realizado alguns trabalhos aqui e por ter morado por alguns anos antes. Nos primeiros meses, avancei para a pesquisa histórica no arquivo municipal, na leitura de trabalhos acadêmicos e nas leituras teóricas.

Ao final do primeiro ano, os trabalhos de campo iniciaram a investigação dos locais informados nesta revisão da história do bairro para a composição dos sujeitos desta pesquisa. Foi pela abordagem multissituada verificamos através de abordagens e de espontaneidades o cotidiano desta transformação, sem a necessidade de estar fixado em um determinado ponto ou mais, os informantes traziam informações complementares e apontavam novos olhares sobre as questões pertinentes a percepção da transformação da paisagem.

Estes informantes foram pessoas diversas, como uma ex-vizinha que morou no bairro há mais de 50 anos em uma das casas dos conjuntos do São Geraldo, que hoje não existem mais, substituídos por galpões, arquivos e depósitos.

Figura 25: Avenida com galpões e depósitos, sem residências.



Foto: Rafael Augusto Braga (2021)

A moradora de rua que eu encontrava diariamente em frente ao mercado mora há mais de 30 anos no bairro, entre os vãos da avenida Castelo Branco deu-me a definição de lugar mais singela, mas que coube todos os significados para este pesquisador:

- O lugar, pra mim (sic) é o meu buraco, onde eu guardo as minhas coisinhas.

Falar sobre o bairro, envolveu também fazer muitos percursos, por diferentes caminhos, levando à algumas situações que não estavam previstas no projeto desta pesquisa, como na rua do Parque próximo da Voluntários da Pátria, ao fotografar a estética da rua, fui abordado por um coletor de recicláveis sobre a intencionalidade das fotos, alardeando a todos os outros que estavam próximos.

Abordar as pessoas para as entrevistas também não foi uma tarefa fácil; sobraram justificativas e desculpas:

- Agora não dá pois estou muito ocupado, disse o dono do brique famoso – com a loja sem nenhum cliente.

- Eu estou aqui só visitando o meu tio, não conheço nada sobre o lugar- falou outro em frente de casa.

- Não sei se eu sou capaz de responder perguntas sobre o bairro – argumentaram vários. E anda tinha que lidar com a minha timidez.

O cotidiano do bairro mostrou que existem outros eventos, anônimos dos jornais e das mídias, como as partidas de futebol entre os trabalhadores do bairro na praça Pinheiro Machado ao meio-dia e de ações voltadas aos sujeitos em situação de vulnerabilidade social. Dos idosos frequentado os comércios para conversar com os vendedores e proprietários, das pessoas esperando os ônibus nas paradas e na praça Pinheiro Machado, ou mesmo sentadas, contemplando o movimento e o barulho da cidade. Houve também melhorias que são fruto de contrapartidas relativas aos empreendimentos que se estabelecem, como o embelezamento de outras praças do bairro⁵⁵ que percebo ter impacto significativo sobre a vizinhança. Mas também foi possível perceber a atuação discreta do Estado, com a implantação de redes de gás natural e de melhorias nas redes de água e esgoto próximo aos novos prédios.

A análise dos dados do OP conferiu uma dimensão de desarticulação com os problemas do lugar, com as necessidades específicas de suas praças, ruas, talvez pelo. Seria necessária uma outra investigação para encontrar as causas e consequências do processo de esvaziamento

⁵⁵ As praças Julio Andreatta e São Geraldo estão sendo restauradas pela incorporadora que está erguendo uma torre residencial e um centro comercial, próximo a elas.

do OP primeiro nas ROP e depois individualmente nos bairros que as compõem ou do ativismo de bairro, investigando a vida de bairro pelos seus moradores.

7. CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO.

Durante esta pesquisa buscamos entender como os sujeitos percebem as transformações da paisagem e o lugar do bairro São Geraldo. Como objetivos específicos realizar o levantamento histórico, identificar e analisar o conteúdo de notícias que descrevessem o bairro, verificar a participação e das obras do OP no bairro, analisar as imagens da transformação da paisagem e conhecer as opiniões sobre esta transformação pelos sujeitos moradores, frequentadores e comerciantes.

Foram feitas análises de fontes diversas, a fim de tecer estas considerações. Desde os anos 1800 esta área passa por (re) organizações do espaço, desde as chácaras à beira do rio, o aterro do Caminho Novo, após grandes indústrias se instalam na região e tão grandes obras são realizadas para comportá-las. Os galpões se esvaziam de peças e máquinas e passam a estar cheios de pessoas se divertindo. E os projetos de adensamento populacional tendem a modificar ainda mais a população do São Geraldo e dos bairros do entorno.

Por meio das notícias veiculadas, é possível observar a intencionalidade de seu teor, ao descrever o bairro com os elementos identificados **espaço opaco** em 30 reportagens e em outras 68 como **espaço luminoso**, especialmente a partir de 2015, e é quando começam também, com maior intensidade os projetos para a “revitalização” do Quarto Distrito. Entende-se assim, a que comunicação ou difusão destas informações atuam tendenciosamente na percepção dos sujeitos, como vimos nos processos da memória que envolvem sensações exteriores e nos relatos dos entrevistados.

O OP, enquanto instrumento para esta análise atendeu parcialmente o seu objetivo, pois, apesar de ser regionalizado não disponibiliza dados estratificados sobre os bairros individualmente. Contudo através da localização das demandas, serviu como meio para de correlações da participação popular em ambos os lados e verificação dos seus impactos na paisagem do bairro. Trazendo a ideia de um espaço do bairro cujos vínculos estão enfraquecidos com os seus moradores.

A partir dos mosaicos de imagens, é possível analisar de forma comparativa o possível processo de gentrificação no bairro. Sabe-se que ele se desenvolve de forma desigual e gradual, vai se consolidando através de “eventos” espontâneos, como ao observarmos as casas e pequenos prédios envidraçados, cujas técnicas e formas massificadoras esconde ou ignora formas e memórias. É através deles também que vemos que o Estado se faz presente mesmo que não seja intencionalmente. Diversos galpões, depósitos, lotes são ocupados por órgãos do

federais e estaduais. Podendo, em um futuro servir para permuta de áreas com outros agentes que produzem o espaço urbano, valorizando áreas em detrimento de outras.

Criam-se marcos, que substituem os antigos (primeiro as chaminés, os prédios de pequeno porte, as gruas do porto) que são os prédios, condomínios ou torres comerciais, propostas pelo adensamento da população do bairro, mas que afetam a o acesso à paisagem, além disto, apontamos a ausência de uma legislação que regularize especificamente acerca do direito ao acesso a iluminação solar e seus benefícios, levando em conta a vizinhança pré-existente. “Lei do Sol” podem afetar as sensações e percepções das paisagens pelos sujeitos.

Podemos entender a paisagem e lugar enquanto signos que construídos pelo ato de diferenciar de buscar e apresentar o pitoresco e o peculiar, seja pela arquitetura de bairro industrial ou por estar numa região da cidade chamada de 4º Distrito. Em busca da produção e reprodução do regime de acumulação do espaço urbano, o pitoresco e o peculiar vão sendo substituídos ou perdendo as características lentamente por formas homogeneizadas.

Os entrevistados concordam com os planos de resgate da história para área que perpassa o bairro, pois entendem isto como um elo para a retomada do comércio e da economia local através de caminhadas e *tours* pelo acervo arquitetônico, e de opções gastronômicas e de cervejarias locais além de outros eventos ao ar livre.

Em resposta à questão feita no capítulo 3, entendemos que o novo papel empregado aos bairros, está principalmente na promoção de novos lugares das cidades ou da apropriação de antigos espaços e nas suas peculiaridades possíveis (nome, uma história parcial, fragmentada e alicerçada por interesses particulares). É passível um entendimento de que novos condomínios, bairros planejados possam ser “temáticos” ou “paisagens inventadas”. Além de que as contrapartidas exigidas para construção de grandes empreendimentos, em geral melhorias de equipamentos urbanos, como as praças, passeios e ciclovias favorecem incorporadoras, adicionando amenidades ao entorno dos condomínios.

São válidas as ideias e alusões de fronteira urbana (espaços a serem conquistados ou reconquistados dentro de uma cidade – no caso do bairro São Geraldo) e de agentes como os desbravadores, os pioneiros (cervejarias, empresas ligadas à economia criativa, delivery de “cozinha fantasma”), agindo e modificando hábitos e as conveniências dos nativos (moradores, frequentadores, comerciantes de minimercados, bares e restaurantes), algo que parece uma catequização de formas e de funções e comportamentos.

A Paisagem e Lugar estão eternamente em cheque na cidade.

Esta afirmação ainda provoca outras possibilidades de continuidade da pesquisa e discussão, como por exemplo: aprofundar os estudos sobre a percepção dos indivíduos ante os processos que ocorreram em diferentes partes do mundo, como Barcelona (20@), Nova Iorque (Soho), Buenos Aires (Puerto Madero), também no Brasil, como no Rio de Janeiro (Lapa e Porto Maravilha), Belém (Porto do Futuro) e São Paulo (Belém e Brás).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO E DE APOIO.

ABREU, Maurício. **Sobre a Memória das Cidades**. In CARLOS, Ana F. A.; SOUZA, Marcelo L. de; SPOSITO, Maria E. B (Orgs). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo, Contexto, 2013.

AZEVEDO, Ana. F.; CLAVAL, Paul.; CURRY, Michael R.; LINEHAN, Denis.; PIMENTA, José R.; SARMENTO, João. **Ensaio de Geografia Cultural**. Editora Figueirinhas, Porto, 2000.

BAUER, Martin W., GASKELL, G.: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In CORREA, Roberto. L., ROSENDHAL, Zeny. Introdução à Geografia Cultural. ,Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia** tradução: Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva , 2006

BOURDIEU, Pierre. **“Espaço Físico, espaço social e espaço físico apropriado”**, in: Estudos avançados, São Paulo: IEA/USP, vol. 27, nº79, 2013, p. 133-144.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade** 1 ed. 3 reimp. São Paulo : Contexto, 2016.

CANEVACCI, Massimo: **A cidade polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana**. Tradução: Cecília Prada. 2 ed. São Paulo, Studio Nobel, 1997

CALDAS, A.. **Aulete de bolso: dicionário de língua portuguesa**. Caldas Aulete. Porto Alegre: L&PM - Rio de Janeiro, Lexikon, 2011.

CARLOS, Ana F. A.. **A cidade**. 8 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

CARLOS, Ana F. A.; SOUZA, Marcelo L. de; SPOSITO, Maria E. B (Orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo, Contexto, 2013.

CASTRO, Iná E., GOMES, Paulo C., CORRÊA, Roberto L.. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

CLAVAL, Paul.. **A paisagem dos geógrafos**, in CORRÊA e ROSENDHAL: Geografia Cultural: uma antologia, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

_____. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002

CORREA, Roberto. L., ROSENDHAL, Zeny. **Cultura, Espaço e o Urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

_____. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CORREIO DO POVO. **Polícia fecha casa de jogos de azar em Porto Alegre**. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/policia/policia-fecha-casa-de-jogos-de-azar-em-porto-alegre-1.28872>. Acesso em 10/06/2019

_____. **Depois do glamour, o abandono do 4º Distrito em Porto Alegre**. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/geral/depois-do-glamour-o-abandono-do-4o-distrito-em-porto-alegre-1.62769>. Acesso em 10.06.2019

_____. **Bueiros sujos e alagamentos são comuns no 4º Distrito de Porto Alegre**. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/geral/bueiros-sujos-e-alagamentos-sao-comuns-no-4o-distrito-de-porto-alegre-1.194160>. Acesso em 10/06/2019

_____. **Quarto Distrito ainda aguarda por novos investimentos**. Disponível em <https://www.correiodopovo.com.br/not%3ADCias/geral/quarto-distrito-ainda-aguarda-por-novos-investimentos-1.317991>. Acesso em 15/01/2020.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa – Portugal, Edições 70, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Piere. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**. Petrópolis, Vozes, 1996.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. 1ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro: **Introdução à sociologia: complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social**. São Paulo: Atlas, 2002.

DI MÉO, Guy; BULÉON, Pascal. **L'espace social. Lecture géographique des sociétés**. Paris: Armand Colin, 2007.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

FORTINI, Archymedes. **Porto Alegre através dos tempos**. Porto Alegre: Editora Divisão de Cultura, 1962.

FRANCO, Sérgio da C. **Porto Alegre : Guia Histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1988.

FURTADO, Carlos. R. **Gentrificação e (Re)organização urbana em Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011

GUIMARAENS, Rafael. **A enchente de 1941**. Porto Alegre: Editora Libreto, 2009.

GUIMARÃES, Solange. T. L. **Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental.** GEOSUL, Florianópolis, ISSN/ISBN: 0103964, v. 17, n. 33, p. 117-141, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Laurent L. Shaffter. São Paulo: Edições Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HEIDRICH, Álvaro L. e PIRES, Cláudia L. Z. (orgs): **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura.** Porto Alegre: Editora Letra1, 2016.

HEIDRICH, Álvaro L.: **Aspectos da Fratura Socioespacial na cidade de Porto Alegre.** Revista Electrónica y Ciencias Sociales. v. XI, n245 (67) ISSN 1138-9788, 2007.

KUCHENBECKER, Valter (editor). **Comunidade Evangélica Luterana Cristo (1902 – 2002): 100 Anos.** Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008 (1972)

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade.** Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAMMARELLA, R., PESSOA, M. L., FERREIRA, G. da S., & TARTARUGA, I. G. P. (2015). **Estrutura Social e Organização Social do Território: Região Metropolitana de Porto Alegre–1980-2010.** In: FEDOZZI L.; SOARES, P. R. R.(org.). Porto Alegre: transformações na ordem urbana, 2015

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.** Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2008.

MAZERON, Gaston H. **Notas para a História de Porto Alegre.** Porto Alegre, Editora Livraria do Globo, 1928.

MONTEIRO, C. **Políticas da memória: reformas urbanas e polêmicas acerca das comemorações da fundação de Porto Alegre.** In Possamai, Z. Leituras da Cidade, Porto Alegre: Evangraf, 2010.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares.** Tradução: Yara Aun Koury. São Paulo: Projeto História nº10 (pp. 7-28), 1993.

O HOMEM QUE COPIAVA. Direção: Jorge Furtado. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre / Globo Filmes. Distribuição: Columbia Tristar. Brasil, 2003.

PANITZ, Lucas M., Murillo Luis F. R. **Etnografia Multilocalizada em Antropologia e Geografia** In: HEIDRICH, A. L. & PIRES, C. L. Z. (orgs.). Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 169-193. DOI: 10.21826/9788563800220

PESAVENTO, Sandra J. **PECUÁRIA E INDÚSTRIA formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha do século XIX**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1986.

PESAVENTO, Sandra J. (coord) **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre, Editora da Universidade / UFRGS ; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, 1991.

RELPH, Edward. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Revista Geografia, n 4(7): pp. 1-25, abril 1979.

_____. **Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar**. Traduzido por Eduardo Marandola Jr. In: Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. Marandola Jr, Holzer W. (orgs).

ROCHA, Lurdes. B., ALMEIDA, Maria. G.. **Cultura, mundo-vivido e território**. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005 .

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 7. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012a .

_____. **Espaço e Método**. 5. ed. 1 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012b.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. 3 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. _____.

_____. **Por uma Geografia Nova**. 6. ed. 2. reimpr. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Por uma Outra Globalização**. 27 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado : Fundamentos teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6 ed. 2 reimpr., Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton, SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SAUER, Carl. A morfologia da Paisagem. In: CORREA, Roberto. L., ROSENDHAL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SEABRA, Odette C. de L. **Territórios do Uso: Cotidiano e Modo de Vida**. Revista Cidades. v. 1, n. 2, p. 181-206, 2004.

_____. **De cidade à Metrópole**. Revista Geografares, n°9, p.49-79, jul./Dez., 2011 ISSN 2175 -3709

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru : Edusc, 1999.

SCHMID, C. **A teoria da produção do espaço em Henri Lefebvre: e direção a uma dialética tridimensional.** São Paulo: GeoUSP, n°32, p. 89-109, 2012.

SIMMEL, G. **A Metrópole e a Vida Mental.** Tradução: Sérgio M. dos Reis, in O Fenômeno Urbano (pp.11-25). Otávio Guilherme Velho (org) 2ª edição, Rio de Janeiro, 1973.

SMITH, N. **Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano.** Tradução: Daniel de M. Sanfelici. São Paulo: GeoUSP, n° 21. P. 15-31, 2007.

SMITH, N. **A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global** in C. BIDOU-ZACHARIASEN (eds), De volta à cidade: Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos (pp. 25-39). São Paulo: Anablume, 2006

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política.** Revista Brasileira de Geografia (pp. 139 -172), Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa sócio-espacial.** 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

SUL21. **Rodovias fechadas e marchas: veja fotos dos primeiros atos pela democracia desta sexta.** Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2016/04/rodovias-fechadas-e-marchas-veja-fotos-dos-primeiros-atos-pela-democracia-desta-sexta/>. Acesso em 10/06/2019

TEIXEIRA, Salete K. & NOGUEIRA, Amélia R. B. **A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida.** *Revista Do Departamento De Geografia*, 13, 239-257. <https://doi.org/10.7154/RDG.1999.0013.0014>

VERDUM, Roberto; FONTOURA, Luis Fernando Mazzini: **Temáticas Rurais: do Regional ao Global.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

YIN, Robert: **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.** Tradução: Christian Matheus Herrera. 5 ed. Porto Alegre, Bookman, 2015

ZERO HORA. **Quem são e como funciona a quadrilha dos Bala na Cara.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/09/Quem-sao-e-como-funciona-a-quadrilha-dos-Bala-na-Cara-4588651.html>. Acesso em 10/06/2019.

_____. **Quarto Distrito espera há pelo menos 30 anos por uma revitalização.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/11/Quarto-Distrito-espera-ha-pelo-menos-30-anos-por-uma-revitalizacao-4643635.html>. Acesso em 10/06/2019.

_____. **Ruas de cinco bairros de Porto Alegre terão velocidade máxima reduzida a 30km/h em junho.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/transito/noticia/2015/05/ruas-de-cinco-bairros-de-porto-alegre-terao-velocidade-maxima-reduzida-a-30km-h-em-junho-cj5vyjnwo11rhxbj01rwww4dd.html>. Acesso em 10/06/2019.

_____. **Após 14 anos, prédio do antigo Hospital Santo Antônio segue sem uso em Porto Alegre.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/06/apos-14-anos-predio-do-antigo-hospital-santo-antonio-segue-sem-uso-em-porto-alegre-5979138.html>. Acesso em 10/06/2019

_____. **Prefeitura de Porto Alegre busca US\$ 30 milhões do Banco Mundial para 4º Distrito.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/11/prefeitura-de-porto-alegre-busca-us-30-milhoes-do-banco-mundial-para-4o-distrito-cjow132nm0guy01rxscn3zhzl.html>. Acesso em 10/06/2019

_____. **Projeto do 4º Distrito é apresentado a empresários e promotora na prefeitura de Porto Alegre.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/12/projeto-do-4o-distrito-e-apresentado-a-empresarios-e-promotora-na-prefeitura-de-porto-alegre-cjpyi6lcs0myl01pirrp5j45l.html>. Acesso em 10/06/2019.

_____. **Comunidade polonesa da Capital comemora centenário da independência do país com atividades.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/11/comunidade-polonesa-da-capital-comemora-centenario-da-independencia-do-pais-com-atividades-cjoujs3lp0gah01pis07w2eyp.html#:~:text=O%20evento%2C%20que%20comemora%20o,No%20Senhora%20do%20Monte%20Claro>. Acesso em 10/06/2019

_____. **Vila irregular surge no lugar de obra da Copa abandonada na Voluntários da Pátria.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/08/vila-irregular-surge-no-lugar-de-obra-da-copa-abandonada-na-voluntarios-da-patria-cjkhfex5x00ti01pi0sc3zmpi.html>. Acesso em 10/06/2019

_____. **Vila irregular na Voluntários da Pátria sofre reintegração de posse em Porto Alegre.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/09/vila-irregular-na-voluntarios-da-patria-sofre-reintegracao-de-posse-em-porto-alegre-cjmkgrzs006i01piy0ipy98h.html>. Acesso em 10/06/2019

_____. **Antigo hospital de Porto Alegre será sede de mostra de arquitetura.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rede-social/noticia/2018/12/antigo-hospital-de-porto-alegre-sera-sede-de-mostra-de-arquitetura-cjplck5jk0kt701pib6r456jd.html>. Acesso em 10/10/2019

_____. **Antigo hospital de Porto Alegre é revitalizado para receber mostra de arquitetura.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rede-social/noticia/2019/07/antigo-hospital-de-porto-alegre-e-revitalizado-para-receber-mostra-de-arquitetura-cjyg4p92e046501ms7pftnr39.html>. Acesso em 10/10/2019

_____. **Exposição coletiva inaugura galeria de novo espaço cultural em Porto Alegre, o Linha.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2019/07/exposicao-coletiva-inaugura-galeria-de-novo-espaco-cultural-em-porto-alegre-o-linha-cjyk9u2ly056s01msu0bci4q6.html>. Acesso em 15/01/2020

_____. **Seis segredos do sucesso (e um problema) do 4º Distrito, nova zona boêmia de Porto Alegre.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/07/seis-segredos-do-sucesso-e-um-problema-do-4o-distrito-nova-zona-boemia-de-porto-alegre-cjy9u2ly056s01msu0bci4q6.html>. Acesso em 15/01/2020

alegre/noticia/2019/09/seis-segredos-do-sucesso-e-um-problema-do-4o-distrito-nova-zona-boemia-de-porto-alegre-ck0h9jevi02q301tg2am98ypr.html. Acesso em 15/01/2020

_____. **Porto Alegre enfim terá seu primeiro prédio declarado abandonado.**
Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2019/10/porto-alegre-enfim-tera-seu-primeiro-predio-declarado-abandonado-ck1ffqipl03ih01r2rygdd28x.html>. Acesso em 15/01/2020